AGÁLIA

REVISTA DA ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA

NÚM. 2

VERAO 1985

AGÁLIA

Revista da Associaçom Galega da Língua.

DIRECTOR:
Presidência da AGAL

COORDENADOR:
Joám J. Costa Casas

CONSELHO DE REDACÇOM:
Ricardo Carvalho Calero
Miguel Anjo Fernám-Velho
Marcial Gondar Portasany
José António L. Taboada
José Martinho Montero Santalha
José Maria Monterroso Devesa
Joám Carlos Rábade Castinheira
José Luís Rodríguez
Francisco Salinas Portugal

PORTADA:
Júlio Gaioso

Imprime: VENUS A Corunha
Dep. Legal: C-250 - 1985

NOTA DA REDACÇOM:

1. AGÁLIA reserva-se o direito a publicar originais nom solicitados.
2. A revista nom se responsabiliza da devoluçom de originais.
3. Os trabalhos publicados passam a ser propriedade da revista.
4. Todos os trabalhos publicados em AGÁLIA aparecerám com a normativa de carácter reintegracionista que defende AGAL (no seu *Prontuário Ortográfico Galego),* ou em qualquer outra normativa do nosso sistema lingüístico. O envio de originais por parte dos autores supom a aceitaçom desta norma.

Para envio de originais: Apartado de correios 560. 15080-A Corunha. (Galiza).
Assinaturas: Apartado de correios 453. 32080-Ourense. (Galiza).

AGÁLIA

Revista da Associaçom Galega da Língua

Núm. 2
Verao 1985

SUMÁRIO

PÁG.

ESTUDOS

O problema ortográfico, por R. Carvalho Calero 127

As desigualdades regionais na Galiza, no Estado Espanhol e na CEE, por Cláudio Lôpez Garrido 135

Dívidas e originalidade das cantigas de amor galego-portuguesas: A obra poética de Bernard de Ventadorn e as cantigas de amor de Joam Airas, por J. C. Rábade 169

NOTAS

Do galeguismo de Alfredo Pedro Guisado ou Pedro de Menezes, por J. A. Fernandes Camelo 191

A sexualidade na psicanálise (e II), por C. Jiménez 199

A dualidade da poesia galega, por R. Valinho 203

ANTOLOGIA

Retalhos obscœnos (Primeira entrega), por Amado L. Caeiro 211

Pátria, por E. Guerra da Cal 215

Deixa-me perder na luz e *É fácil ver crescer a luz*, por J. Nogueira Gil .. 217-218

O gatinho da «miss», por A. Santamarinha 219

DOCUMENTAÇOM E INFORMAÇOM

Para umha história da ortografia galega. A ponência de 1979, por R. Carvalho Calero 223

Informe do Departamento de Filologia Galega 234

Novos membros de honra da AGAL 235

O tratamento do I Congresso Internacional da Língua Galego-portuguesa na Galiza, nos meios de comunicaçom social 235

Galego Coloquial 237

RECENSONS

Recensons de livros, por Zivegna d'Ascoli, Leodegário A. de Azevedo Filho, M. Dumbria, P. F., Aurora Marco e F. Salinas 239

CORREIO 247

Corrigenda ao n.º 1 248

CONSELHO ASSESSOR

José Agrelo Ermo
Isaac Alonso Estravis
Maria Luísa Andrade
Maria das Dores Arribe Dopico
Leodegário A. de Azevedo Filho
Lino Brage
Carlos Campoi
Denis Conles
José Feijó Cid
José A. Fernandes Camelo
Manuel Forcadela
António Gil Hernández
Luís Gonçalez Blasco
Mário Gomes dos Santos
Ernesto Guerra da Cal
Joám Guisám
María do Carmo Henríquez Salido
Aracéli Herrero
Óscar Lopes
Ramom Lôpez-Suevos
Cláudio Lôpez Garrido
Jenaro Marinhas del Valle
Higino Martínez Estêvez
Albano Martins
Miguel Mato
Ramom Nogueira Calvo
José Nogueira Gil
Pilar Pallarés Garcia
Maria Sabela Pereira Barros
José Luís Pires Laranjeira
José Posada
Domingos Prieto
Henrique Rabunhal
Ramom Reimunde Norenha
Manuel Rodrigues Lapa
Antom Santamarinha
Xavier Seoane
Cristina Soto Sánchez Guisande
Joám Trilho Pêrez
Amália Vilhar Calvo
Xavier Vilhar Trilho

ESTUDOS

O problema ortográfico

R. CARVALHO CALERO

Algumhas persoas tendem a incidir no tópico de que a ortografia é umha representaçom convencional dos sons, e, portanto, é indiferente que adoptemos umha ou outra, com tal de que exista umha tradiçom escolar que nos permita interpretá-la, que nos permita descodificar a mensage escrita. Se existe essa tradiçom, seria antieconómico inovar na matéria, pois a forma estabelecida, polo mesmo feito de funcionar, demonstra a sua eficácia, e apresenta-se como extravagante e inútil introduzir novidades, que exigem umha reeducaçom dos usuários. E isto ainda que o sistema vigente seja insatisfactório do ponto de vista científico, ou contenha incongruências, ou represente um fonetismo arcaico. Se está em vigor, é que se verifica como útil na prática, e nengum dos defeitos que se registem na sua estrutura, assobardam os límites do teórico, e estám mais que compensados pola sua eficácia empírica. Calquer propósito de cámbio, como nom sejam aqueles que se vaiam impondo no uso real de jeito espontáneo para simplificar a grafia cando se simplifica de feito a pronúncia, deve ser rejeitado como contrário à lei do menor esforço que há reger a conduta técnica da sociedade, dentro da qual cai a técnica da escrita. Umha ortografia tam irregular como a inglesa, que responde a umha etapa de foneticismo da língua superado hai muitos séculos, mantém-se frente aos esforços de racionalizaçom e regularizaçom que se intentárom, porque o custo da revoluçom que suporia introduzir um novo sistema mais acorde com a situaçom actual da língua, se estima muito maior que o que suponhem as dificuldades de aprendizado que tenhem que vencer os escolares actualmente. Reeducar os já formados nessa antiquada ortografia, refazer consoante as novas normas todo o conjunto da tradiçom literária, entranha umha transformaçom tam extensa e profunda que só se poderia realizar com um gasto exorbitante de meios económicos e energias humanas, e tropeçaria com resistências que num sistema democrático seriam impossíveis de vencer. Assi, a fundaçom estabelecida por Bernard Shaw para conseguir a racionalizaçom da ortografia inglesa, tem-se manifestado inoperante.

Entom, qual é a postura que perante o problema da ortografia galega adoptam os que formulam essas consideraçons? Umha postura fundada, aparentemente, em puras razons económicas. Hai que aforrar gastos, e seguir como até agora. Mas como é esse agora? Porque é evidente que o feito de debatermos estes problemas é em si mesmo umha demonstraçom de que o agora nom é monocolor ou monolítico.

Os imobilistas, de um jeito ou outro, com matizes mais ou menos acusados, o que pretendem —muitas vezes sem ter plena consciência disso— é que utilizemos a ortografia castelhana. Durante muitos séculos, o galego foi umha língua puramente oral, na qual nom só nom se escreviam, como dizia Castelao, os recibos da contribuiçom, senom nengumha classe de documentos nem textos literários. Entom, cando por algumha razom excepcional primeiro —como reproduzir palavras ou expressons de gentes campesinas para burlar-se da rusticidade da sua fala—, ou com umha finalidade pintoresquista depois, e logo científica ou artística —já em pleno Ressurgimento—, houvo que fixar no papel algum texto galego, esta língua ágrafa, esta língua aliterária foi transcrita, como é natural, empregando o sistema que se empregava na língua escrita, na língua literária do país, que em Galiza era a língua castelhana.

Isto era natural, nom no sentido de que fosse natural que o galego vestisse a libré ortográfica do castelhano, mas no sentido de que nom era possível que sucedesse outra cousa. O galego era tido como um dialecto oral, e nom havia outra ortografia que a da língua oficial. Nom existia umha ortografia galega porque nom existia umha escrita galega. O galego fora umha língua literária noutrora, e mesmo fora a língua literária para toda a Espanha cristá centro-ocidental durante mais de um e mais de dous séculos para um determinado género poético. Mas tal situaçom estava esquecida, e o galego que agora havia que escrever nom era o galego dos trovadores, mas o galego dos lavradores, um galego decaído, que perdera todo o seu léxico nobre, ou seja, o que nom se referia ao trabalho agrícola e marinheiro e ao trabalho artesao mais rotineiro e fossilizado. Porque a língua de todos os poderes —o político, o eclesiástico, o económico— era o castelhano, e com o tempo, cando a revoluçom técnica introduziu inovaçons no próprio trabalho agrícola, estas inovaçons chegárom co seu nome castelhano, porque foram introduzidas desde Castela. Assi, o galego nom só era um dialecto rústico, senom um dialecto em vias de extinçom, porque o seu destino era correr a sorte que já correram as suas manifestaçons nom campesinas, o léxico correspondente às ideias que diziam respeito à vida espiritual, à vida administrativa, à vida cidadá. Com esta realidade, o galego nom podia gerar umha ortografia autêntica. Avondava, para amortalhá-lo, o sudário da ortografia oficial.

Mas como o galego nom morreu, nom acabou de morrer, o problema da ortografia do galego adquiriu novos contextos. Com o Ressurgimento, ou Rexurdimento, abriu-se passo a ideia de que o galego nom era um dialecto do castelhano. O galego era um idioma que noutros tempos se manifestava

numha literatura importante, que se escrevia de cotio, e que possuia umha grafia ajeitada à sua fonologia. Umha grafia que nom diferia grandemente da usada polos mais romanços hispánicos, especialmente o castelhano. Mas o castelhano reformara a sua ortografia no século XVIII, renunciando em parte à tradiçom e introduzindo critérios etimológicos que se sobrepuxérom aos fundados na história do foneticismo. Entretanto, o galego das províncias espanholas deixara de escrever-se; mas o galego das províncias transminhotas, quer dizer, o galego português, mantivera a sua ortografia tradicional, que evolui sob a influência dos novos tempos. E cando o galego espanhol renaceu como língua literária, continuou dependendo na sua grafia do idioma oficial, seguindo a este na sua evoluçom ortográfica; e mesmo a umha altura em que as gentes instruídas sabiam que o galego nom era umha variante dialectal do castelhano, o feito de que este fosse a única língua oficial, a única língua que se ensinava na escola, mantivo aquel numha situaçom de dependência a respeito do espanhol que o forçou a empregar a única ortografia disponível, porque entom nom era possível o aprendizado de umha ortografia distinta.

Assi, houvo umha ortografia para o galego espanhol —a espanhola— e umha ortografia para o galego português —a portuguesa—. Aquela supunha umha ruptura com a ortografia histórica; esta, umha continuidade. Deste jeito, o galego espanhol cindiu-se graficamente do galego português, o que sublinha a desorbitaçom do primeiro para um centro de gravitaçom que nom era o originário.

A adopçom da revolucionária ortografia castelhana exigiu alguns ajustes motivados polas diferenças fonológicas que caracterizam o galego frente ao castelhano. Mas tais ajustes fôrom mínimos. Nom se tivo em conta que o galego possuia sete vogais, e nom cinco, e a distinçom de timbre entre os dous fonemas médios da série palatal e a paralela entre os dous da série velar nom achou reflexo gráfico. Polo que se refere ao sistema consonántico, o castelhano nom dispunha de grafema algum para representar o fonema galego /š/, de muito rendimento na língua e no discurso, porque tal fonema desaparecera do castelhano moderno, e empregou-se para representá-lo a letra *x*, que tanto no galego histórico como no castelhano histórico representara aquel fonema, e continuava a representá-lo no português. Como em castelhano esse mesmo grafema simbolizava a pronúncia *k* + *s* própria do *x* latino, mantida em cultismos, alguns autores galegos procurárom marcar a palatalidade com algum signo adicional. Assi, em diálogos compostelanos de 1836, a vogal que segue ao *x* leva um acento circunflexo: *xâ;* e outros escritores recorrêrom ao trema sobre o *x* para essa funçom: *ẍa*. Mas prevaleceu, como no caso das vogais de grau médio, o critério de abandonar à viva voz a distinçom, que alguns quixérom facilitar eliminando o uso do *x* para o som culto *ks*, que uns poucos representavam *cs* e outros reduziam a *s* ou *is* ou *us*, vocalizando com maior ou menor apoio na escrita antiga ou na pronúncia vulgar o *k* implosivo: *ósido, óisido, óusido,* para *óxido,* por exemplo. Tamém houvo que resolver o problema do fonema ou alófono /ŋ/, nasal velar

intervocálico, de mui pouca freqüência no léxico, mas de grande rendimento no discurso, porque aparece em *umha, algumha, nengumha,* vocábulos mui usados. Marcou-se a linde silábica, ou a velaridade da nasal, com um traço, ou com um *h,* ou com umha combinaçom de ambos os jeitos: *un-a, unha, un-ha,* e o *nh* foi o que prevaleceu.

À parte disto, a ortografia castelhana foi cegamente seguida, porque devem considerar-se vulgarismos, e nom diferencialismos, os apóstrofos ou traços que queriam registar elisons e contracçons que o mesmo se dam no castelhano oral, mas que a escrita de hoje nom reflecte.

A normativa ortográfica que podemos designar com o nome de Filgueira, pois foi o «Conselleiro» da Junta de Galiza deste apelido o que a decretou, assume esta linha ortográfica essencialmente, consumando a dependência do castelhano e aspirando a perpetuá-la.

Mas tal submissom equivale a umha alheaçom da autonomia do galego e a um isolamento com relaçom às demais normas do iberorrománico ocidental, que resta ao galego possibilidades de comunicaçom e osmose que necessita para resistir a pressom do castelhano.

Cando nom existia oficialmente Galiza, cando nom existia oficialmente o galego, cando nom existia oficialmente o ensino do galego, com umha conciência da substantividade da língua deteriorada por longos séculos de alienaçom, o uso da escrita castelhana, na que todos éramos alfabetizados, podia ser o único expediente realista para fomentar a escritura do galego. Onde ensinar outra ortografia? Com que mestres se contava para isso? Aumentar as dificuldades do uso do galego naquelas circunstáncias tam adversas, nom seria mui contraproducente? Mas desde que o galego é idioma (co)oficial e hai ensino oficial do galego, imos perpetuar indefinidamente a ruptura com a ortografia histórica, que, adaptada às circunstáncias do presente, se emprega no mundo língüístico que tem o galego como torgo?

A reintegraçom da nossa ortografia na nossa área natural nom é umha arela moderna, agromada nos cerebros desequilibrados de um fato de tolos e de umha caterva de ignorantes dominados polo erotismo da utopia. Ainda nas adversas condiçons a que antes me referia, houvo intentos mui qualificados, teóricos ou práticos, de reivindicaçom da ortografia histórica ou —o que conflui com o anterior— de coordenar a nossa ortografia com a das demais formas do sistema. Dom António de la Iglésia, dom Andrés Martínez Salazar, dom Joám Vicente Viqueira, dom Vicente Risco, dom Armando Cotarelo, dom Álvaro de las Casas, dom Evaristo Correa, dom Afonso Rodríguez Castelao, dom Fermim Bouça, dom Ernesto Guerra e outros distinguidos professores, escritores ou políticos propugnárom de algumha maneira, ou de algumha maneira ensaiárom, umha recuperaçom ortográfica que restituísse, sem míngua das peculiaridades do galego, a cooperaçom entre as diversas formas do galego-português, corrigindo a desviaçom que ao desorbitar a deriva do idioma, o constitui em satélite de um centro de gravitaçom distinto do seu ámbito natural. Os esforços actuais por rectificar esse erro contra-his-

tórico som sobejamente conhecidos para que eu faga agora referência concreta aos passos dados.

Os reintegracionistas propugnam, pois, a assunçom gradual da nossa ortografia histórica, entendendo-se como tal, com certeza,nom só a que se usava cando o castelhano deslocou o galego como língua escrita nas províncias espanholas, senom tamém a que continuou desenvolvendo-se além Minho, onde o romanço atlántico mantivo as suas posiçons como língua normal e realizou umha expansom ultrapeninsular paralela à do espanhol central.

Vejamos as principais objecçons que se podem apresentar e as dificuldades que cabe assinalar perante a adopçom desse tipo de ortografia histórica.

Uso de *g* e *j*. Como no resto da área, o galego utilizaria *g* ante *e* e *i* e *j* ante calquer vogal cando se trate de reproduzir o fonema fricativo palatal xordo que resulta do enxordecimento do sonoro correspondente, conservado em português. Como hoje nom existe esse fonema sonoro, os ingénuos foneticistas pretendem que um só som deve representar-se com um só grafema *x*. Mas o castelhano pronúncia do mesmo modo o *g* de *gema* que o *j* de *jeme,* e no entanto mantém as duas grafias por motivos históricos. Além disto, tamém no resto da área galego-portuguesa se dá essa identidade de pronúncia, e a distinçom gráfica se mantém.

Uso de *-m* final de dicçom. A harmonizaçom internormativa aconselha-a. A grafia galega histórica conhece-a. Em *Prosa 3* pode consultar-se a traduçom da *Legenda Aurea* (pp. 165-170), a da *General Estória* (pp. 177-188), a da *Crónica General e Crónica de Castela* (pp. 189-193); a do *Foro Real* (pp. 214-215), a das *Flores de Direito* (pp. 216-219). Em todos estes textos, tardomedievais, portanto galegos indubitados, nom portugueses, achamos o *-m* final.

Ç cedilhado perante vogal nom palatal, primitivamente signo do fonema /ŝ/ dental africado xordo. É geral nos textos galegos, como nos castelhanos anteriores à reforma. O mesmo o *-ss-* duplo para o sibilante dento-alveolar intervocálico. Que hoje nom exista em galego distinçom fonológica entre /s/ e /z/, é argumento análogo ao considerado com relaçom ao uso de g^e, g^i, *j*.

Representaçom dos fonemas palatais. Do mesmo jeito que se admite *ch,* mesmo em castelhano, justifica-se *lh* e *nh*. Di-se que estas grafias provençais se generalizárom em Portugal cando este reino estava já separado do de Galiza. Todos os textos galegos que possuímos som posteriores a essa separaçom. Se se quer indicar que nom aparecem em textos redactados no que hoje som as províncias espanholas galegas, remitimos à citada *Legenda Aurea,* ao fragmento das *Partidas* publicado polo Doutor Pensado (*Prosa 3,* pp. 212-213), à *Regla da Confradia de Santa Tegra* (pp. 249-256), para nom mencionar textos que nom figurem naquela Antologia. Mais ainda que essas grafias de origе provençal se contivessem só em textos especificamente portugueses, como o que hoje chamamos português é um ramo da árvore genealó-

gica comum, consideramos que estamos dentro da tradiçom galego-portuguesa. Este é o caso do traço de uniom do verbo com o pronome enclítico.

Canto à distribuiçom de *b* e *v* e *c* e *z* —como a de *g*, *j* e *x*—, por razom de coerência procederá ater-se à escrita histórica, ainda que fenómenos de neutralizaçom da fricaçom e da sonoridade tenham conduzido a situaçons de desfonologizaçom que ficam considerados ao ocuparmo-nos do uso das sibilantes palatais.

Enfim, o regime de acentuaçom gráfica é lógico que se coordene com o da área iberorrománica ocidental, a que pertence o galego, protótipo do sistema, mais bem que com a da área central, cujo arquétipo é o castelhano.

Trata-se, pois, de corrigir o isolamento ou a desnaturaçom da escrita galega, procurando umha coordenaçom dentro do sistema próprio, como se propugna tamém noutros campos lingüísticos. Nom hai por que renunciar às peculiaridades, mas sem renunciar tampouco aos bens patrimoniais.

Como corresponde à minha formaçom individual e à minha vocaçom, as ideias expostas constituem umha enunciaçom de princípios. A táctica conveniente para levá-los à prática devem formulá-la aqueles que se achem em plena actividade profissional, o que nom é o meu caso, porque só eles, no trabalho de cada dia, podem apreciar com a devida precisom, a medida das resistências que haveria que vencer, e o gasto de energia que em cada momento resulta económico realizar.

Em primeiro termo, é opinável em que proporçom vale a pena combinar o patrimonial com o peculiar; em que dose particularidades dialectais devem ou podem preservar-se ou renunciar-se dentro do indumento gráfico comum.

Em segundo lugar, hai que articular um método de trabalho para acometer o processo da reintegraçom. Este pode ser mais ou menos rápido, mais ou menos lento. Hai que programar as etapas do progresso, e estabelecer ritmos que se avaliarám segundo os resultados, efectuando os ajustes que a experiência aconselhe.

Estes ritmos poderám variar nom só polo que di respeito ao tempo, senom tamém polo que se refere ao espaço. Segundo os campos em que se actue, as modificaçons que se introduzam na ortografia para achegá-la ao ideal projectado podem ser maiores ou menores. O ensino, a obra literária, o artigo jornalístico, a oratória académica, a propaganda política podem requerer, segundo o público a que a mensage se dirija, máximos, meios ou mínimos de projecçom do ideal apontado. Se a meta está claramente estabelecida, calquer avanço cara a ela, calquer que seja o veículo que nos aproxime, deve considerar-se positivo. Hoje hai material didáctico, persoal disposto e instituiçons ajeitadas para coordenar os esforços. Se os fins som comuns, a cooperaçom deve realizar-se com generosidade e lealdade, respeitando no que haja que respeitar os caminhos preferidos e os calendários traçados por cada quem. No fundo, trata-se de umha tarefa pedagógica. Por isso é fundamental a intervençom dos pedagogos no processo.

O que nom creio que caiba é um adiamento do labor em aras de umha normalizaçon social do idioma que, como problema mais urgente, deve ter prioridade sobre a normativizaçom. Referindo-me só ao aspecto ortográfico, que é o que hoje nos ocupa, cumpre advertir que umha suspensom dos esforços que se venhem realizando em prol da grafia histórica, suporia um afiançamento da grafia castelhana, porque esta nom estaria disposta a suspender reciprocamente a sua pressom oficial. De jeito que a cessaçom de actividade por parte dos que propugnam a ortografia ocidentalista mentres se trabalha na normalizaçom sociológica do idioma, consolidaria as posiçons da ortografia centralista, favorecida pola pressom e repressom do aparato oficial. Nom sabemos se a normalizaçom se lograrà ou nom, ainda que, naturalmente, os que luitam por implantá-la tenhem que actuar movidos polo convencimento de que é possível. Mas, dadas as dificuldades históricas que teríamos de superar, somente os mui ingénuos podem esperar que o processo seja breve. Logros progressivos poderám apreçar-se, se os esforços se encaminham ajeitadamente e a política nom influi negativamente no curso dos acontecimentos, mas umha soluçom feliz do problema, sempre hipotética, nom poderia produzir-se senom a mui longo prazo. Entretanto, operariam inevitavelmente as forças isolacionistas, porque nom cabe que se suspendesse toda a actividade oficial. Polo contrário, esta, naturalmente, teria de incrementar-se, e extenderia mais e mais a sua influência sobre a actividade privada, onde nom acharia competidor. Assi, o galego hipoteticamente normalizado seria o galego da normativa Filgueira, que teria avançado sem obstáculos mentres a normativa historicista paralisava a sua campanha. Ainda que, sendo tam contrária ao sentimento da galeguidade a resignada aceitaçom de umha ortografia de hegemonia castelhana, podemos conjecturar razoavelmente que mesmo no caso suposto caberia esperar um futuro em que se reagisse contra aquela alienaçom, —é palmário que nessa nova etapa da luita haveria que começar praticamente de novo, porque as posiçons que hoje se ocupam teriam sido desmanteladas, e a paralisaçom das operaçons, além de arruinar as fortificaçons e abolorecer e oxidar o armamento —falo, naturalmente, das armas dialécticas—, teria afectado o ánimo dos que agora veriam mais solidamente estabelecidas, por causa da sua ingénua passividade, as ideias sobre a plasmaçom gráfica do idioma que contradim a tradiçom histórica e a unidade sistemática da área lingüística hispano-ocidental. De jeito que suspender a luita pola normativizaçom seria praticamente renunciar ao ideal sustentado.

É já hora de formular as conclusons que nos parecem pertinentes.

Primeira. O galego é galego-português,nom galego-castelhano. Pertence à área iberorrománica ocidental, nom à área iberorrómanica central. Logo, é lógico que a sua ortografia, consoante a geografia e a história, responda às características do sistema ocidental, e nom às do sistema central.

Segunda. Tendo o galego personalidade própria dentro deste sistema, nom se lhe pode negar o direito a reflectir na escrita os traços peculiares que nom o som da norma comum ou mais prestigiosa da área.

Terceira. A rectificaçom da castelhanizaçom da nossa ortografia terá de realizar-se gradualmente e acomodando-se às circunstáncias espaciais em que se apresente o problema. Nom se pretende impor por decreto ou lei a ortografia restaurada, senom que procederá realizar a reforma mediante um plano pedagógico que vaia reduzindo progressivamente as incongruências da prática castelhanizante. O ritmo de adaptaçom na reintegraçom ortográfica variará segundo o campo em que se actue, segundo a cultura do discente ou do público a quem se dirige a mensage. De jeito que tem que haver um período de transiçom no qual em determinados sectores se vaia mais adiantado que noutros, para assegurar a consolidaçom do processo; com tal que todos os esforços se dirijam à mesma meta. Cabe que umha editorial consagrada a fomentar a reintegraçom do galego na sua área natural, publique textos literários com grafia plenamente restaurada; que umha actividade jornalística sostida na imprensa, empregue umha ortografia de compromisso que vaia familiarizando o leitor com os usos históricos sem dificultar umha leitura cursiva; e que no ensino de alunos já alfabetizados com a ortografia castelhana, se introduzam lentamente durante um período transitório as práticas essenciais de recuperaçom. Os máximos, os médios e os mínimos usos reintegracionistas deveriam, pois, conviver, para maior eficácia da obra, segundo as situaçons contempladas, durante o tempo que fosse preciso.

Enfim, e esta seria a quarta e última conclusom, penso que em nengum caso a ortografia reintegrada —mesmo se a doutrina que a sustenta adquirisse a aquiescência do poder político— deveria ser imposta por umha pressom oficial que levasse consigo a inspecçom policíaca, a sançom administrativa ou judicial ou a repressom social do disidente. A competência lingüística teria de afirmar-se na livre contrastaçom de doutrinas e práticas, devendo as autoridades governativas abster-se de assumir umha faculdade de decisom que corresponde à sociedade, e cuja usurpaçom polo aparato político constitui um caso claro de abuso de poder.

As desigualdades regionais na Galiza, no Estado Espanhol e na CEE

Por Cláudio LÔPEZ GARRIDO

As disparidades regionais suscitam, quando menos, dous grandes problemas: Um de equidade, relativo às diferenças de nível de vida e de oportunidades entre populaçons que habitam zonas distintas. O outro de gestom do património colectivo, referente à marginaçom crecente de determinadas zonas (Petit, 1982).

Os problemas do desenvolvimento regional som objecto de estudo a partir da Segunda Guerra Mundial dando à luz umha abundosa literatura (Isard, 1971), centrada substancialmente na localizaçom da produçom e mais concretamente nos determinantes da ubicaçom das empresas (Nourse, 1969).

Desta inquietude participam os países socialistas (Tomic, 1982), onde as necessidades da planificaçom gerárom um considerável desenvolvimento dos estudos regionais (Nekrasov, 1979).

A problemática do desenvolvimento regional tem sido abordada, fundamentalmente, com duas perspectivas: A primeira, baseada na análise marxista do processo de acumulaçom do capital, na que o marco de referência vem sendo a economia mundial. A segunda, de inspiraçom neoclássica, traslada a nível regional a teoria das unidades marginais de produçom, tomando como ponto de partida o modelo da renda de Ricardo e enlaçando com o de Von Thünen, baseado nas distáncias ao mercado.

O aumento das desigualdades parece inerente a todo processo de crecimento que nunca é homotético, nem territorial nem sectorialmente. Assi, mentres num extremo concentra, integra e desenvolve, no outro exaure e desarticula, estabelecendo a conhecida dicotomia centro-periféria, tanto a nível interno como internacional. Em última instáncia, o subdesenvolvimento nom vem ser mais que a outra cara do desenvolvimento.

A constataçom de que o livre jogo das forças do mercado tende a aumentar as disparidades regionais (Myrdal, 1959) está na origem de toda política regional, ainda que até agora estivesse mais motivada por consideraçons políticas ou sociais que por razons puramente económicas. Nom obstante, as

grandes concentraçons urbanas parecem ter superado os límites da própria eficácia do sistema ao provocar custos sociais mui elevados e o estrago de quantiosos recursos, de jeito que os argumentos económicos começam a ter tanta importância como os relativos à justiça.

A experiência parece demonstrar que as empresas preferem realizar as suas ampliaçons o mais perto possível da localizaçom primitiva, e o livre funcionamento dos mecanismos do mercado nom garante que os recursos ineficientes sejam resgatados e reinvestidos noutras zonas, porque o aforro seguirá fluindo para as áreas desenvolvidas onde o investimento marginal é mais vantajoso.

A situaçom de partida perante a eventual adesom à CEE é determinante da evoluçom futura. Galiza, periférica num Estado à sua vez periférico a respeito da CEE, nom pode assistir como avestruz à acelaraçom «do desenvolvimento do seu subdesenvolvimento», utilizando a gráfica expressom de Gunder Frank (1971).

O presente trabalho, no que se recolhem parcialmente as conclusons de outros anteriores sobre as disparidades no seo de Galiza e mais do Estado Espanhol pretende emoldá-las no contexto europeu e contribuir, na medida do possível, à luz da experiência alhea, a que os responsáveis políticos ponham a remolho o que o vizinho está a barbear.

As disparidades regionais na Galiza.

Vários som os intentos de delimitaçom de áreas homogéneas, em funçom do seu nível de desenvolvimento socioeconómico.

Tomando como base a comarcalizaçom oficial agrária, (Ministerio de Agricultura, 1978), e utilizando como método a análise multivariante, obtivemos umha classificaçom das mesmas na Galiza, (Lopez Garrido, 1980), sinteticamente reflectida no mapa 1, e noutras áreas do Estado Espanhol (INIA, 1983).

As comarcas mais deprimidas som as das montanhas do interior e as mais desenvolvidas a das Rias Baixas e mais a da Marinha corunhesa. Umha zona intermédia compreende a parte ocidental da província da Corunha e a costa e centro de Lugo. Existe, por último, umha área com um terceiro grau de desenvolvimento que abrange o interior da Corunha, a Terra Chá e Sul de Lugo, e se estende desde Ourense pola montanha de Pontevedra até a foz do Minho.

A divisom comarcal do Ministerio de Agricultura nom permite maior precisom na análise e mais nas conclusons.

Tomando como unidade territorial o município, e com umha metodologia parecida, outros trabalhos definem com maior exactitude as áreas homogéneas em funçom do seu nível de desenvolvimento. As diferenças radicam na natureza das variáveis consideradas, estritamente socioeconómicas nuns casos, (Mella, 1982), e com um grande peso específico das agrárias noutros, (Deben e Bravo, 1982).

No mapa 2 sintetizando a informaçom fornecida polas citadas análises em funçom das coincidências existentes definimos quatro grandes áreas de desenvolvimento. Poderia-se estabelecer umha maior estratificaçom, que sem ser mais operativa, aumentaria a relatividade inerente a toda definiçom de límites, (Casas Torres, 1973).

Num primeiro nível estám as sete grandes cidades galegas (Vigo, A Corunha, Ourense, Santiago, Ferrol, Lugo e Pontevedra) e alguns municípios da costa, na sua maioria, próximos daquelas).

O segundo estrato inclui umha série de concelhos que se situam na costa, salvo conhecidas excepçons do interior como As Pontes, Monforte, Sárria, Verim, O Barco, A Rua, O Carvalhinho ou Ribadávia, e outros no que incide a proximidade dos do primeiro nível.

O terceiro grupo aglutina fundamentalmente municípios da Corunha, Lugo e Norte de Pontevedra. O quarto e último conjunto ocupa umha ampla zona que se estende desde a província de Ourense até o interior de Pontevedra e ascende pola metade oriental de Lugo, fechando-se como umha espiral polo norte nos confins da Corunha.

Na realidade, para delimitar esta bolsa de pobreza abunda com seguir o curso das cadeas das serras de Quinxo, Santa Eufémia e Larouco, ascende polas de Sam Mamede, da Queixa e do Eixo, atravessa o Sil e toma os nomes de Caurel e Ancares e polas ásperas terras da Fonsagrada chega até Meira. Salta às serras de Carba e do Xistral para enlaçar desde o Cantábrico com cadeas de serras como a da Faladoira, da Loba, ou a Cova da Serpe que constituem essa muralha que delimita a Galiza Atlántica e se prolonga até as serras do Suído e de Aviom na pontevedresa Terra de Montes contígua a Ourense. Além deste atol ficam alguns ilhotes como a Terra do Xalhas.

A coincidência básica existente entre os diferentes trabalhos de classificaçom revela os condicionamentos que a Natureza tamém impom ao assentamento humano, e que nom som tam nitidamente detectáveis ao considerar um marco mais amplo como o estatal.

Tal como se pode observar no quadro 1 a área mais desenvolvida da Galiza compreende o 6,4 dos municípios nos que se assenta o 41,5% da populaçom galega sobre o 5,2% do território.

No pólo oposto o 46,5% dos concelhos, com o 49,6% da superfície total e nos que vive o 18,8% dos galegos, ocupa o nível mais baixo na escala de desenvolvimento.

Cumpre salientar a polarizaçom existente a nível provincial. Mentres A Corunha e Pontevedra com níveis mui semelhantes somam o 90% dos concelhos, 73% da superfície e 83% dos habitantes da área mais avançada, Lugo e Ourense juntas atingem o 10, o 27 e o 17% respectivamente da mesma. No outro extremo, a área mais atrasada, perante ao 21% dos concelhos e do território das províncias atlánticas, as orientais somam o 79 eo 74% respectivamente.

Sendo Galiza, globalmente considerada, um país mui atrasado com respeito a outros do Estado espanhol ou de Europa, existem no seu seo profundas disparidades regionais, a ter em conta em qualquer estratégia de desenvolvimento que se contemple.

Galiza e as desigualdades regionais no Estado espanhol.

As desigualdades existentes entre as diferentes zonas do Estado espanhol que se agravam com o processo de crecimento económico experimentado a partir de 1960 tenhem sido objecto de numerosos estudos.

Os dados de 1965 permitem já definir os centros neurálgicos da economia espanhola (Tamames, 1968), subsistindo os problemas espaciais, apesar dos sucessivos planos de desenvolvimento, umha década mais tarde (Richardson, 1975).

Nom faltam estudos que no contexto geral do crecimento desigual do Estado procuram elementos interpretativos da situaçom galega (Sequeiros Tizón, 1978).

A actual configuraçom autonómica do Estado avivou o interesse por estas questons que som fundamentais na discusom sobre a distribuiçom equitativa dos fundos de compensaçom inter-territorial (Lôpez Suevos, 1981).

Todos estes trabalhos que oferecem classificaçons das comunidades autónomas segundo diferentes critérios (Alcaide Inchausti, 1980), tenhem como unidade básica de informaçom a província, ainda que os resultados apareçam agregados.

A partir da última actualizaçom da que se dispom, (Banco de Bilbao, 1982), podemos descrever, sinteticamente, a situaçom como segue:

A concentraçom espacial do desenvolvimento económico em 1981 era tam acusada, que três comunidades autónomas (Madrid, Catalunha e Euscádi), no 9,4% da superfície do Estado, acumulavam o 34% da populaçom e o 42,7 do PIB.

A nível provincial pode-se observar que enquanto o 37,1% da populaçom e o 44,3 da produçom total se concentram em 5 províncias, outras 5, no extremo contrário, nom representam mais que o 1,9 e o 1,6%, respectivamente, das mesmas.

Do mesmo jeito, o 38,7 da renda corresponde às cinco províncias com a renda per cápita mais elevada, mentres as 5 últimas nom somam mais que o 4,8% daquela.

No contexto do Estado espanhol, Galiza representa o 5,8% da superfície total, o 7,4 da populaçom e o 6,0 do PIB. Contribui com 5,9% à Renda Interior do Estado e conta com o 6,5 da Renda Famililar Disponível.

Classificadas as 17 comunidades autónomas segundo a renda per cápita e segundo a renda familiar disponível per cápita, Galiza ocupa o décimo terceiro e duodécimo lugar, respectivamente, atingindo o 79% da média estatal no primeiro caso e o 87,8 no segundo.

No quadro 3 pode-se apreciar a evoluçom de algumhas magnitudes tomando como referência três datas: A do início do processo industrializador (1960), a do começo da crise actual (1973) e a última da que contamos com dados (1981). As diferenças entre os extremos som mais acentuadas a nível provincial que de comunidade autónoma.

No seo da própria Galiza as diferenças som acusadas, situando-se Lugo e Ourense nos últimos lugares da escala estatal.

O aumento da renda per cápita no último período deve-se fundamentalmente à emigraçom, o que resulta ainda mais evidente, se se considera a renda familiar disponível, na que se incluem as remessas dos emigrantes.

As diferenças existentes aumentam ao realizar a análise a nível comarcal. Existe umha primeira aproximaçom (Ministerio de Agricultura, 1977), ampliada posteriormente no número de variáveis e adaptada à nova comarcalizaçom agrária (INIA, 1983).

A partir desta última, dividindo em quatro grupos as comarcas em funçom do valor atingido polo índice de desenvolvimento, calculado mediante umha análise factorial em componentes principais, obtém-se o mapa 3.

O grupo de cabeça está composto por umha única comarca, a do Baixo Llobregat. O segundo está integrado polo resto das áreas mais desenvolvidas do Estado, situadas em Catalunha, Euscádi e Madrid e noutros núcleos em Valência, Astúrias, Zaragoza, La Rioja e Sevilha. Umha terceira zona de transiçom, na que se encontram as zonas mais desenvolvidas da Galiza, e por último a grande área da depressom socioeconómica que, como se pode observar, segue o mesmo traçamento que os maciços montanhosos da península e circunda Portugal.

O índice de desenvolvimento alcança o seu valor máximo (0,76) no Baixo Llobregat (Barcelona) e o mínimo em La Cabrera (Leom).

Ordenadas as 322 comarcas, a galega melhor situada é a do Litoral de Pontevedra no posto 54 e com um índice de 0,35 seguida da setentrional da Corunha no 57 com um índice de 0,34. A pior, a do interior de Pontevedra no 295, seguida da Montanha de Lugo no 294, ambas com um índice de 0,14. Situadas tamém no quartil inferior estám o Interior da Corunha e Verim nos postos 270 e 271 respectivamente, e com um índice de 0,16.

Como exponente, no quadro 3, recolhem-se os valores, médio, máximo e mínimo, de algumhas variáveis utilizadas na análise, assi como o nome da comarca à que correspondem, podendo-se apreciar as disparidades existentes.

No quartil superior, que corresponde às 80 comarcas mais desenvolvidas, concentra-se o 84,7% dos teléfonos e o 71,6% das licenças comerciais, mentres no inferior, o das 80 mais deprimidas, o 1,4 e o 4,3%, respectivamente.

Na Renda per cápita e no número de teléfonos, 7 das 15 comarcas galegas encontram-se no quartil inferior ocupando as posiçons que indica o quadro 4.

Resulta de especial interesse a opiniom da própria CEE sobre as desigualdades regionais no Estado espanhol e os efeitos da sua adesom.

No «avis» da Comissom ao Conselho da CEE relativo à solicitude espanhola de ingresso (COM, 1978), distinguem-se três zonas:

A primeira composta por Madrid e o quarto Nordeste da península é a mais desenvolvida. Tam só as províncias de Barcelona, Madrid, Biscaia e Guipúzcoa concentram no seu território o 28,5% da populaçom, o 39% do PIB e o 43% da produçom industrial e, ainda assi, nom atingem o 74% do PIB/habitante da CEE.

A segunda, constituida por Andaluzia e Galiza, atrasadas com respeito ás primeiras, mas com umha tasa de populaçom suficientemente elevada para servirem de base a um desenvolvimento económico e que ao mesmo tempo, se beneficiam das vantages de ser zonas costeiras e de contar com umha boa pontecialidade agrícola.

A terceira zona, situada em torno a Madrid e ao longo da fronteira portuguesa, representa o 45% do território e o 24% da populaçom. As suas dez últimas províncias nom superam o 37% do PIB/habitante comunitário.

Di-se que aos problemas regionais que já existem no Estado Espanhol, a adesom virá engadir outro novos. Assi nas províncias do Norte com umha produtividade agrícola inferior ao 50% da estatal, orientadas principalmente à produçom de bovino e de milho, a aplicaçom da PAC suscitará graves problemas pola «fraqueza das estruturas económicas, sobre todo agrícolas, que necessitam reformas das que os efeitos serám particularmente longos, ou o desenvolvimento de actividades económicas alternativas difíceis de criar».

Este documento contém afirmaçons de muita actualidade, como a seguinte: «As reestruturaçons previsíveis dos sectores industriais com dificuldades no Estado Espanhol e na Comunidade, e as limitaçons próprias do sector artesanal, mui estendido, deixam entrever um aumento dos problemas da adaptaçom e reconversom que seguirá à adesom, em numerosas províncias.

Se por razons de eficácia a curto prazo, as políticas industriais de reestruturaçom devem privilegiar as zonas motrizes do desenvolvimento, com o tempo, contribuirám a acentuar os desequilíbrios regionais actuais».

No mesmo documento di-se tamém que a experiência comunitária ensina que quando os desequilíbrios iniciais som importantes, os efeitos negativos podem superar os positivos.

As desigualdades regionais na CEE.

Ainda que no preámbulo do Tratado de Roma se di: «Desejosos de reforçar a unidade das suas economias e de desenvolvê-las harmoniosamente reduzindo as diferenças entre as diversas regions e o atraso das menos favorecidas», o certo é que um quarto de século despois, tais diferenças subsistem quando nom se agravárom.

O quadro 5 mostra a classificaçom regional, segundo o PIB por habitante, de umha CEE ampliada a doze membros. Além de carecer de dados regionalizados para Irlanda e Portugal, o PIB por habitante nom é o índice de desenvolvimento idóneo, em quanto oculta situaçons estruturais bem distintas para um mesmo nível, mas à falta de outra referência estatística vimo-nos na obriga de utilizá-lo.

Por outra parte cumpre sublinhar que a delimitaçom regional se adapta às unidades administrativas de base que em muitos casos pouco tenhem que ver com as regions naturais ou comunidades nacionais.

A classificaçom queda reflectida no mapa 4 no que se estratificárom as regions com respeito ao PIB por habitante médio da CEE. Como se pode observar, todas as que superárom a média estám em França, Alemanha, Dinamarca e o Benelux, com a excepçom do italiano Valle d'Aosta. Dentro destas, mui por cima das demais, destacam Groningen (devido à explotaçom de gas natural), e as cidades-Estado de Hamburgo e Bremen. No caso de Groningen, descontando a produçom de gas, o PIB reduze-se ao 122% comunitário.

No pólo oposto, ocupando os últimos lugares, estaria toda a periféria que inclui Portugal, parte do Estado Espanhol, de Itália e de Grécia que nom chegam a atingir o 50% da média comunitária. Entre ambos extremos existe umha ampla zona intermédia, que subdividimos em duas áreas, por em cima e por debaixo do 75% do PIB comunitário. A primeira integra, fundamentalmente, o Reino Unido e algumhas regions francesas e italianas, e na segunda, entre outras, estám as comunidades autónomas mais desenvolvidas do Estado Espanhol. Galiza encontra-se no 10% inferior da classificaçom, situando-se Lugo e Ourense a altura das áreas mais deprimidas de Europa.

Esta classificaçom explica a actitude comunitária ante a sua ampliaçom e que, de algum jeito, se recolhe no «avis» da Comissom ao Conselho relativo à solicitude espanhola no que se di que com a mesma «aumentarám as disparidades regionais da Comunidade, ao se elevar sensivelmente a proporçom de regions pouco desenvolvidas, com problemas de reconversom, situadas em economias fracas, e por outra, aumentando as dificuldades de um certo número de regions já pouco desenvolvidas».

Umha idea mais dinámica da classificaçom oferece-a o quadro 6 no que se compara a situaçom, entre 1970 e 1977, dos 9 membros da CEE, assi como do Estado Espanhol, e que de forma sintética fica recolhida nos mapas 5 e 6.

Mentres Alemanha, Dinamarca, Holanda, Bélgica e o Estado Espanhol experimentan umha melhoria, a respeito de 1970, França e Luxemburgo estancam-se e o Reino Unido, Irlanda e Itália retrocedem. A nível regional, a tónica é a mesma que a nível de Estado, salvo raras excepçons como o Valle d'Aosta e Bassilicata em Itálica.

O crecimento é muito maior nas zonas que já ocupam os primeiros postos na classificaçom, dando-se um processo de concentraçom que agudiza as diferenças existentes e que define um centro e umha periféria europeas nitidamente delimitadas.

No quadro 7 apresentam-se três medidas diferentes da disparidade do PIB por habitante na CEE e no seio de cada Estado entre 1970 e 1977.

Mentres no seio dos Estados as diferenças interregionais tendêrom a se estabilizar, salvo no caso de Holanda, na que Groningen desvirtua os resultados, a nível de CEE aumentárom.

O Estado Espanhol e Itália apresentam os maiores índices de desigualdade a nível interno.

Como é lógico a dispersom entre estados é menor que entre regions, pero ainda assi as diferenças entre eles som mui grandes.

As regions centrais de Europa tendem a formar umha unidade geográfica coesionada onde se assentam as maiores concentraçons urbanas da Comunidade, e os grandes centros industriais e portanto os mercados mais importantes.

A progressiva diferenciaçom entre centro e periféria na CEE deve-se tanto ao aumento das distáncias geográficas como à própria revalorizaçom do centro que é muito mais atractivo para a localizaçom das empresas (Norman, 1979).

A medida que se alcançam maiores níveis de integraçom e que a centralizaçom do capital se acentua, os desequilíbrios espaciais adquirem umha dimensom estatal. Deste jeito, o Reino Unido pode-se converter num problema regional comunitário, como o que na actualidade representa Irlanda do Norte no contexto británico (Holland, 1981).

O problema agrava-se com a multinacionalizaçom da economia. Mentres as empresas das regions atrasadas som incapazes de competirem no mercado interno com as firmas do exterior, as grandes empresas podem-se dirigir aos países do Terceiro Mundo onde os custos da mao de obra nom chegam a ser um quarto dos alcançados nas zonas menos desenvolvidas de Europa.

Eis o grande problema da Europa periférica: Sair do atraso afrontando tendências que som contrárias aos seus objectivos de desenvolvimento, e que venhem dadas tanto pola carência de economias de escala, devido à sua própria perificidade, como polas melhores condiçons ao investimento nos países terceiromundistas graças à mao de obra mais barata.

Na realidade, a maioria das políticas regionais existia antes da assinatura do Tratado de Roma ainda que a sua efectividade fosse duvidosa (Banco Exterior, 1979). Tinham por objecto estimular o deslocamento da actividade industrial às zonas mais pobres e promover um desenvolvimento uniforme mediante a utilizaçom mais adequada dos recursos.

Em geral, os instrumentos da política regional reduzem-se a três tipos de medidas: A melhora da infraestrutura das zonas deprimidas, os estímulos financeiros e fiscais ao investimento nelas, e os empeços legais à expansom industrial nas regions já congestionadas. Estas últimas, consideradas as mais eficazes, som questionadas por Holland, precisamente, na Grande Bretanha, onde o certificado de instalaçom industrial está em vigor desde 1947. Pom como exemplos a imposiçom da IBM para a sua instalaçom em Havant e a declaraçom da empresa Borroughs ante o Comité de Gasto da Cámara dos Comuns justificando os seus investimentos no estrangeiro.

As dificuldades das áreas deprimidas som de natureza estrutural e parece que de pouco servem as medidas que podam ser contraditórias com a lógica da acumulaçom de capital do sistema.

A CEE classifica as zonas problemáticas em quatro tipos (Commission, 1980):

a.—Zonas subdesenvolvidas com grande dependência da agricultura e mui poucas indústrias.

b.—Zonas mui dependentes de sectores industriais em crise.

c.—Zonas congestionadas com graves problemas de contaminaçom e deterioro do meio.

d.—Zonas fronteiriças, pola sua perificidade dentro dos Estados membros.

A variedade dos problemas é tam ampla que a política regional segue a ser responsabilidade dos Estados, inclusive a gestom dos fundos concedidos pola CEE. O próprio Regulamento do FEDER estabelece que as áreas que pretendam algumha ajuda devem estar incluídas nos programas regionais dos Estados.

Cumpre ter em conta que os recursos do FEDER som modestos. Entre 1975 e 1979 nom supuxérom mais que o 7% da secçom Garantia do FEOGA e que os aumentos dos últimos anos vem-se consideravelmente reduzidos pola inflaçom.

Os meios do FEDER distribuem-se sobre um território tam amplo que a quantia das ajudas resulta mui escassa, e nom alcança a ser mais que umha cativa percentagem dos fundos regionais dos Estados.

Outra questom é que mentres a secçom-garantia que conta com o 95% dos fundos do FEOGA foi mui regressiva em termos regionais, a secçom-orientaçom, tam pouco dotada, nom foi em absoluto enviesada a favor das comarcas deprimidas. A ajuda obtida por trabalhador agrícola nos investimentos do FEOGA é quase proporcional ao produto regional agrícola por trabalhador, e por conseguinte, as comarcas com ingressos mais altos per cápita recebêrom , proporcionalmente, mais ajudas que as pobres.

A própria Comissom das Comunidades reconhecia (COM, 1977): «As regions menos favorecidas, com estruturas agrícolas inadequadas, nom rece-

bêrom, em comparaçom com outras regions, umha assistência financeira proporcionada à gravidade dos seus problemas estruturais».

Um dos aspectos mais criticáveis da política comunitária é o carácter passivo da sua intervençom. As ajudas concedem-se unicamente tras a demanda concreta dos agricultores menos informados e instruídos que som, precisamente, os das comarcas deprimidas.

Cumpre nom esquecer que a cativa e selectiva assistência prestada polo FEDER vai parar numha boa proporçom a projectos de infraestrutura e nom à indústria manufactureira.

Dentro das limitaçons da política regional comunitária, a coordenaçom entre os diferentes instrumentos (FEDER, BEI, Fondo Social, NIC, Secçom-orientaçom do FEOGA), e entre as políticas estatais e a comum, praticamente inexistentes até hai pouco, poderia aumentar a sua eficácia. O primeiro intento, neste sentido, constituem-no os «planos integrados» que pretendem integrar os diferentes instrumentos comunitários, estatais e locais, para dar coerência ao conjunto de acçons e de investimentos públicos e privados em zonas geográficas determinadas.

O número de experiências em marcha é mui reduzido pola complexidade dos mecanismos de gestom que requer a sua aplicaçom, e pola ausência, em muitos casos, de um marco institucional adequado.

À margem dos aperfeiçoamentos que se podam introduzir na política regional, segue a ser necessária a investigaçom sobre as estratégias e os modelos de desenvolvimento para as regions deprimidas.

Neste sentido tem especial interesse a experiência italiana na difusom do modelo chamado «marchigiano» (Orlando e Antonelli, 1982), baseado na complementariedade entre os ingressos procedentes da indústria e da agricultura, percebidos polas famílias.

O trabalho realizado no domicílio, a artesania e as pequenas e medianas empresas contribuem a aumentar os ingressos familiares nas explotaçons agrárias.

Este modelo interpretado como umha fase intermédia do processo de intregaçom da agricultura à indústria, tem servido para estimular a demanda de bens de consumo e de investimento.

Considera-se que dentro deste esquema, as regions altamente industrializadas podem pôr a ponto umha tecnologia para o desenvolvimento das regions atrasadas, que permita competir com Japom e USA.

De todos os modos, as grandes possibilidades atribuídas ao modelo «marchigiano» parecem um tanto teóricas, em quanto alterar as actuais tendências de desenvolvimento requereria umha alternativa global ao sistema.

Consideraçons finais.

Galiza, no seio do Estado Espanhol ou da CEE, ocupa um dos lugares mais baixos na escala de desenvolvimento.

Dentro do seu desenvolvimento o nosso país conta com áreas deprimidas de carácter rural junto a outras que sofrem agudamente a crise dos sectores naval e metalúrgico. Estas que som precisamente as mais avançadas experimentárom no último ano um espectacular incremento do desemprego. Parece um sarcasmo, pensar que em Galiza se poda dar umha reduçom das desigualdades existentes, mas nom polo desenvolvimento das comarcas atrasadas senom polo desmantelamento industrial das mais desenvolvidas.

A condiçom periférica de Galiza verá-se acentuada dentro da CEE, com a agravante da perda de mercados no Levante Espanhol que actualmente abastece. O seu carácter fronteiriço, contrariamente ao que sucede noutras zonas, constitui umha vantage relativa em quanto poda encontrar em Portugal um mercado que compense a perda dos actuais.

Sendo Galiza umha das zonas mais afectadas pola integraçom na CEE, resulta preocupante a indiferença e passividade dos poderes públicos galegos. Independentemente das vicissitudes do processo de adesom e mesmo da opiniom sobre a conveniência da mesma, a administraçom autónoma deveria começar o estudo de planos integrados de desenvolvimento para as zonas que se acham em situaçons críticas, aproveitando para isso a experiência que já existe noutros países como Irlanda ou Escócia.

Por outra banda, conviria que se estudasse a validez e aplicabilidade do modelo «marchigiano» naquelas áreas de Galiza que podam gardar algumha semelhança com as italianas.

Mas todo isto requer que a administraçom galega se convirta num instrumento eficaz de gestom e desapareça todo tipo de bloqueo por parte do governo e administraçom centrais.

Sirvam estas jornadas, apesar do seu atraso, para iniciar o estudo rigoroso das repercussons e medidas a adoptar ante umha decisom da trascendência da adesom à CEE, apresentada freqüentemente de forma acrítica como a opçom entre a cabeça do rato e a cauda do leom, sem saber se este é rabelo.

BIBLIOGRAFIA

— Alcaide Inchausti, J. 1980. *Las tres Españas.* Mercado, n.° 4. Agosto. Madrid.

— Amin, Samir. 1974. La acumulación a escala mundial. *Crítica de la teoría del subdesarrollo.* Siglo XXI Editores, S. A. Madrid.

— Banco de Bilbao. 1973. *Renta nacional de España y su distribución provincial. 1971.* Bilbao.

— Banco de Bilbao. 1975. *Renta nacional de España y su distribución provincial. 1973.* Bilbao.

— Banco de Bilbao. 1980. *Renta nacional de España y su distribución provincial. 1977.* Bilbao.

— Banco de Bilbao. 1984. *Renta nacional de España y su distribución provincial. 1981.* Bilbao.

— Banco Exterior de España. 1979. *La economía de la Comunidad Económica Europea.* Servició de Estudios Económicos. Madrid.

— Casas Torres, J. M. 1973. *La selección de núcleos de población cabezas de comarca para el bienio 72-73.* Geographica, 2.ª época, n.° 2.

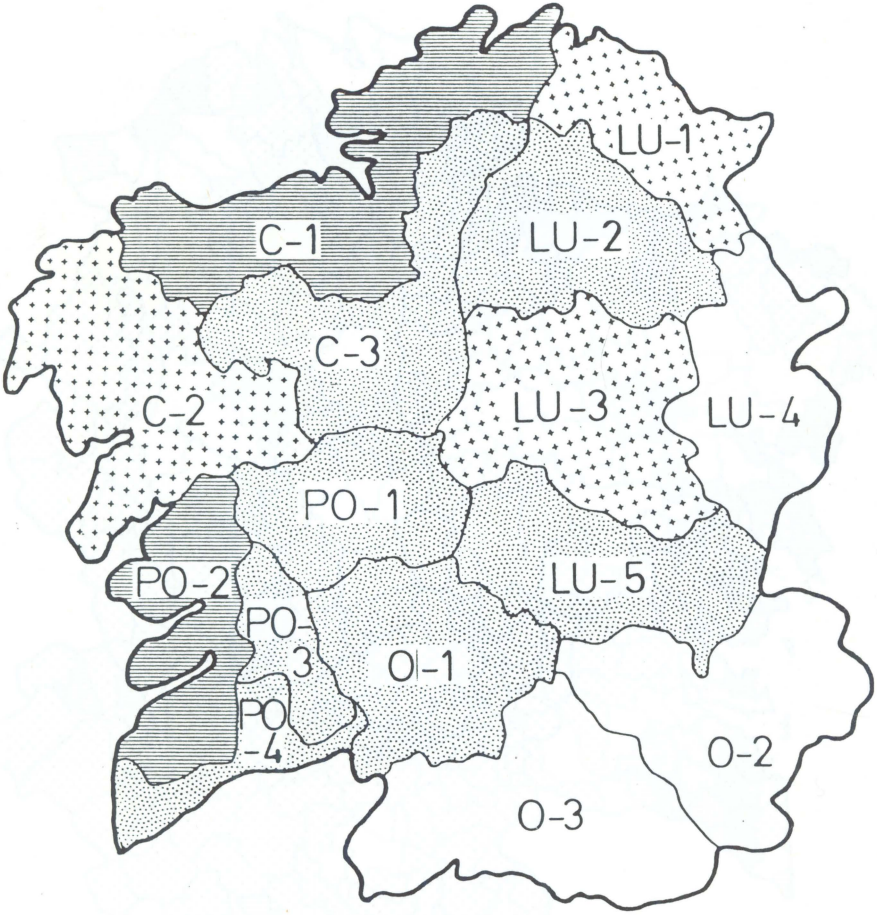
— Commission des CEE. 1978. *Avis de la Commission au Conseil concernant la demande d'adhesion de l'Espagne.* COM (78) 630. 29 de Novembre de 1978.

— Commission of the EEC. 1980. *The Comunity and its regions.* European Documentation. Office por official publications of the European Comunities. Luxembourg.

— Commission des CEE. 1981. *Les régions de l'Europe. Premier rapport périodique sur la situation économique et sociale des régions de la Communauté.* Office des publications officielles des CEE. Luxembourg.
— Debén, C. e Bravo, B. *Contribución ó estudio das zonas deprimidas de Galicia.* Revista Galega de Estudios Agrarios n.° 6. pp. 209-229.
— Eurostat. 1981. *Revue 1970-1979.* Office des publications officielles des CEE. Luxembourg.
— Gunder Frank, A. 1971. *Sociología del desarrollo y subdesarrollo de la sociología. El desarrollo del subdesarrollo.* Cuadernos. Editorial Anagrama. Barcelona.
— Holland, S. 1981. *El mercado incomún.* H. Blume Ediciones. Madrid.
— INIA: Equipo de trabajo «Agricultura y depresión socioeconómica». 1983. *Delimitación de zonas deprimidas en varias regiones españolas: Ensayo de una tipología comarcal según los criterios de aplicación de la directriz CEE 268/75.* Comunicaciones INIA, serie: Economía y Sociología Agrarias n.° 13.
— INIA: Equipo de trabajo «Agricultura y depresión socioeconómica». 1983. *«Análisis espacial de la depresión socioeconómica en España en base a las comarcas agrarias.* Comunicaciones INIA, serie: Economía y Sociología Agrarias n.° 14.
— Isard, W. 1971. *Métodos de análisis regional.* Ediciones Ariel. Barcelona.
— Lopez Garrido, C. 1980. *Aproximación á depresión socioeconómica na comarcalización oficial agraria de Galicia.* Revista Galega de Estudios Agrarios. n.° 3, pp. 111-125.
— Lopez Suevos, R. 1981. *A estructura espacial interna da economia española. Unha critica da posición autonomista.* Edición Xistral. Santiago.
— Mella, X. M. 1982. *Un índice de depresión socioeconómica e unha medición dos efectos «Spread»: o caso dos municipios de Galicia.* Revista Galega de Estudios Agrarios. n.° 7/8, pp. 69-86.
— Ministerio de Agricultura, Secretaría General Técnica. 1977. *Inventario de áreas en depresión socio-económica. Una aplicación del Análisis Factorial.*
— *Ministerio de Agricultura, Secretaría General Técnica. 1978. Comarcalización agraria de España.* 2.ª edición.
— Myrdal, G. 1959. *Teoría Económica y regiones subdesarrolladas.* Fondo de Cultura Económica. México.
— Nekrasov, N. N. 1979. *Economía regional.* Editorial Científico Técnica. Ministerio de Cultura. La Habana.
— Norman, G. 1979. *The case for and problemes of regional policy in Europe.* Journal of Agricultural Economics. Vol XXX, n.° 3. September.
— Nourse, H. O. 1969. *Economía regional.* Colección «Libros de economía oikos». Oikos-Tau, S. A. Ediciones. Barcelona.
— Orlando, G. e Antonelli, G. *La politique régionale dans les pays de la CEE et la politique régionale commune: problèmes et perspectives de développement des régions rurales sous-développées.* Economie Rurale, n.° 150-151. Juillet-Septembre. 1982.
— Petit, M. 1982. *Les économistes ruraux face aux problèmes de l'agriculture et du développement régional en Europe.* Economie Rurale, n.° 150-151. Juillet-Septembre.
— Richardson, H. W. 1976. *Política y planificación del desarrollo regional en España.* Alianza Editorial. Madrid.
— Sequeiros Tizón, X. 1978. *Galicia no crecemento desigual do Estado español.* Follas Novas Edicións. Santiago de Compostela.
— Tamames, R. 1968. *Los centros de gravedad de la economía española.* Guadiana de Publicaciones. Madrid.
— Tomic, D. 1982. *Les objectifs politiques, les méthodes et les mesures dans le développement régional de l'agriculture: l'exemple de la Yougoslavie.* Economie Rurale, n.° 150-151. Juillet-Septembre. 1982.

MAPA N.º 1

CLASSIFICAÇOM DAS COMARCAS



Desenvolvidas

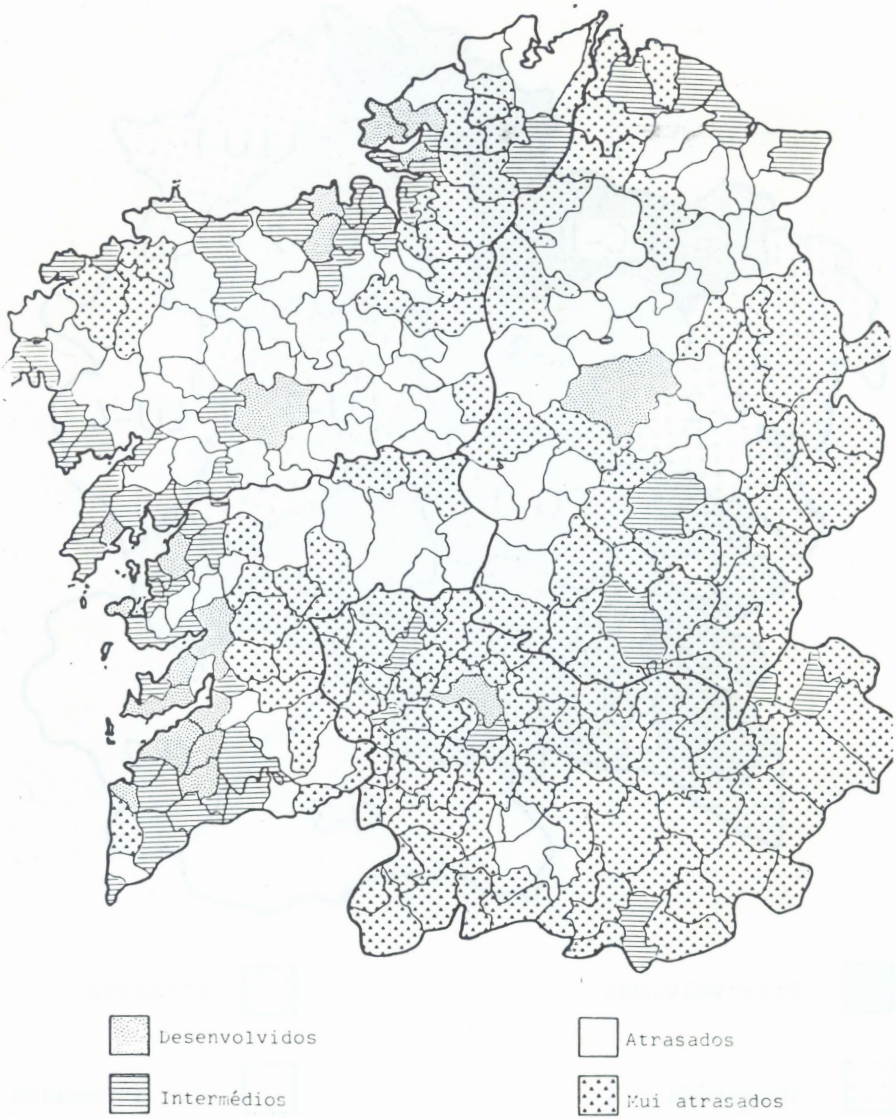
Atrasadas

Intermédias

Mui atrasadas

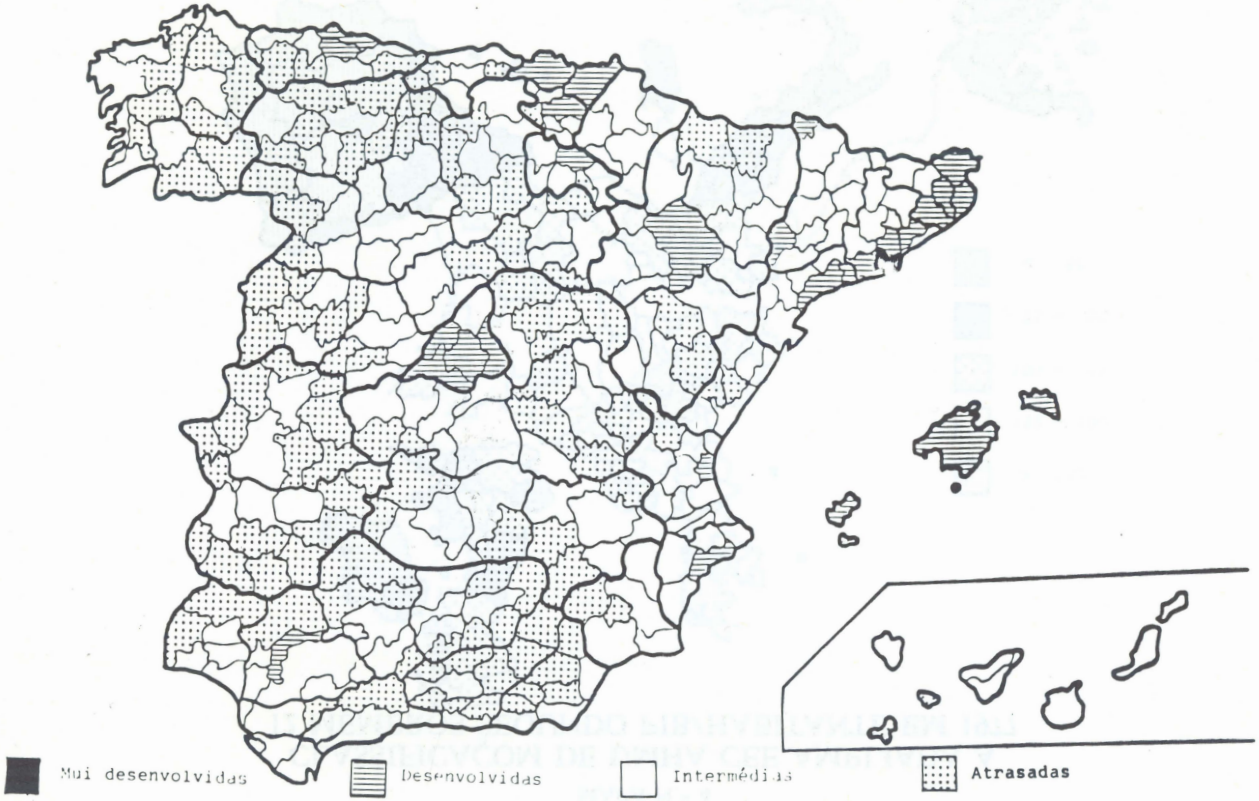
MAPA N.º 2

CLASSIFICAÇOM DOS MUNICÍPIOS



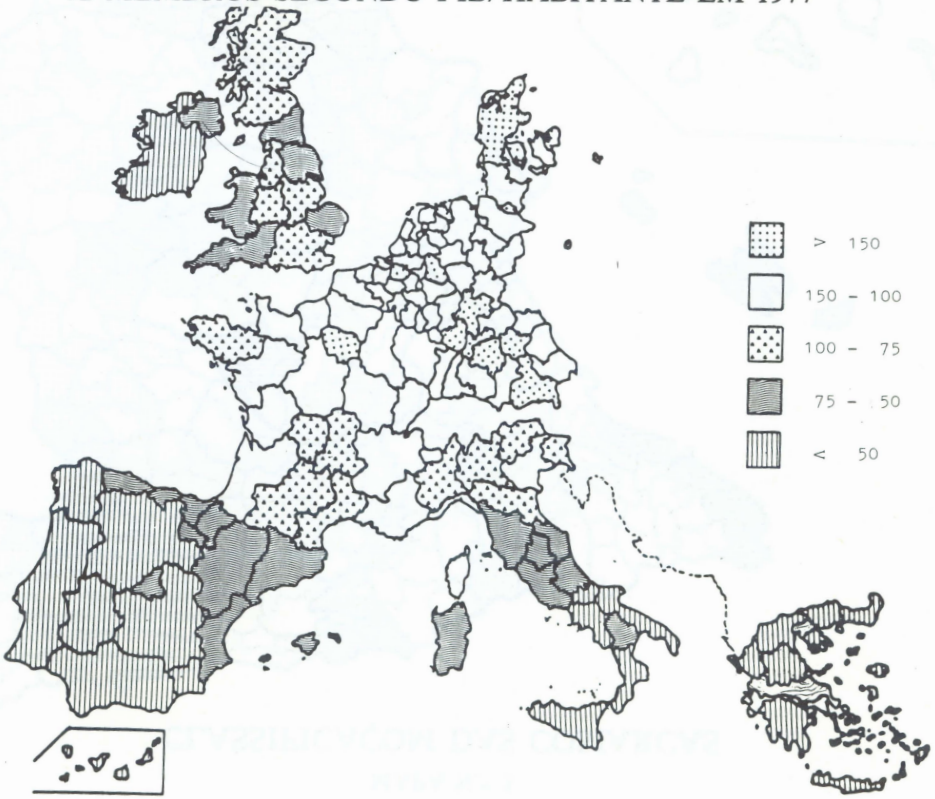
MAPA N.º 3

CLASSIFICAÇOM DAS COMARCAS



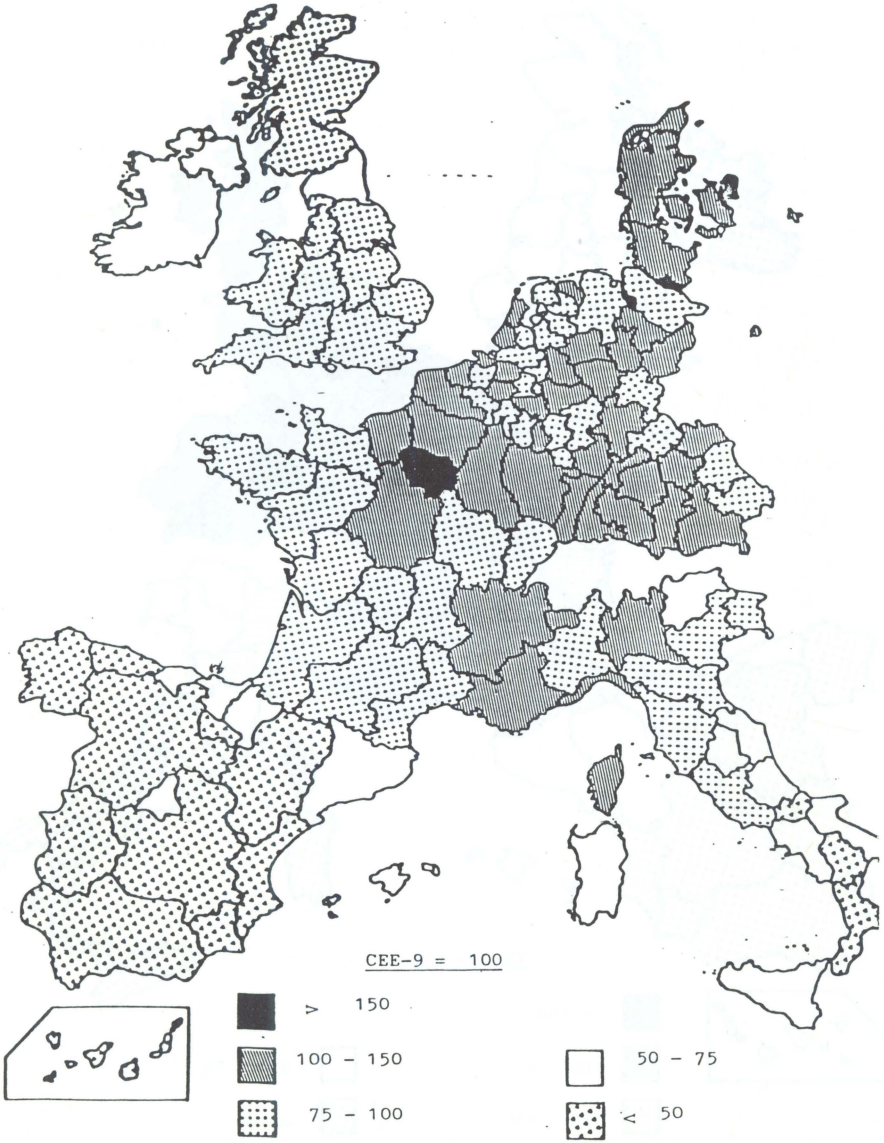
MAPA N.º 4

CLASSIFICAÇOM DE UMHA CEE AMPLIADA A 12 MEMBROS SEGUNDO PIB/HABITANTE EM 1977



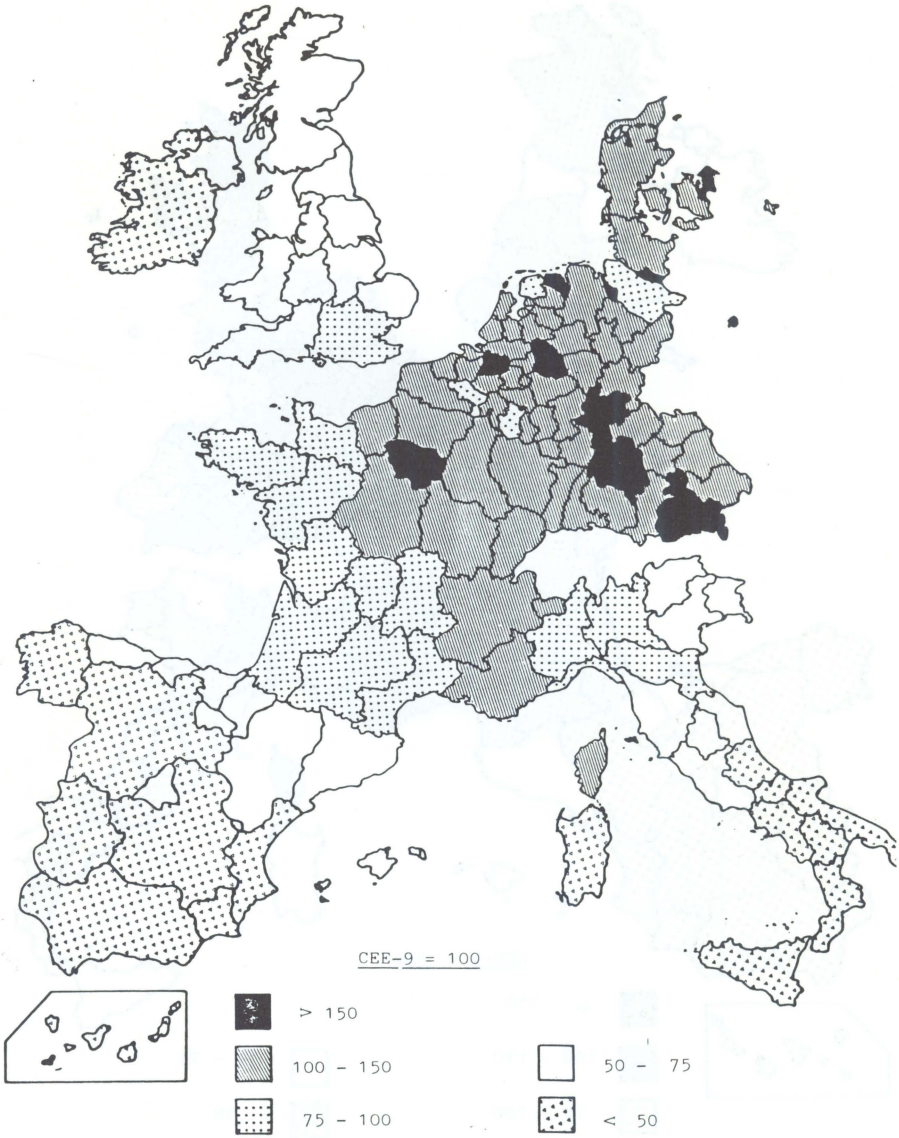
MAPA N.º 5

CLASSIFICAÇOM REGIONAL SEGUNDO PIB/HABITANTE EM 1970



MAPA N.º 6

CLASSIFICAÇOM REGIONAL SEGUNDO PIB/HABITANTE EM 1977



QUADRO 1

CLASSIFICAÇOM DOS MUNÍCIPIOS EM ÁREAS COM UM MESMO NÍVEL DE DESENVOLVIMENTO

		ÁREAS														
		Desenvolvida			Intermédia			Atrasada			Mui atrasada			TOTAL		
	PROVÍNCIAS	Valor Absoluto	% Galiza	% Total	Valor Absoluto	% Galiza	% Total	Valor Absoluto	% Galiza	% Total	Valor Absoluto	% Galiza	% Total	Valor Absoluto	% Galiza	% Total
Nº DE MUNICÍPIOS	C	7	35	7,5	31	50	33,3	38	45	40,9	17	12	18,3	93	30	100
	LU	1	5	1,5	7	11	10,6	25	29	37,9	33	23	50	66	21	100
	O	1	5	1,1	6	10	6,5	4	5	4,4	81	56	88	92	29	100
	PO	11	55	18	18	29	29,5	18	21	29,5	14	9	23	61	20	100
	G	20	100	6,4	62	100	19,9	85	100	27,2	145	100	46,5	312	100	100
SUPERFÍCIE TOTAL Ha	C	53043	34	6,7	168378	50	21,4	403502	41	51,2	162677	11	20,7	787600	27	100
	LU	31700	21	3,2	72632	21	7,4	382028	38	39	493935	34	50,4	980295	33	100
	O	8515	6	1,2	32798	10	4,5	26226	3	3,6	660291	45	90,7	727830	25	100
	PO	60899	39	13,6	65814	19	14,8	178499	18	40	141244	10	31,6	446456	15	100
	G	154157	100	5,2	339622	100	11,5	990225	100	33,7	1458147	100	49,6	2942181	100	100
Nº DE HABITANTES (1/3/81)	C	484781	42	44,7	288719	49	26,7	245867	48	22,7	64228	12	5,9	1083595	39	100
	LU	739986	7	18,5	75248	13	18,8	118392	23	29,7	131559	25	33	399185	15	100
	O	96085	8	23,4	45686	8	11,1	18184	4	4,4	251384	49	61,1	411339	15	100
	PO	487306	43	56,7	175747	30	20,4	125748	25	14,6	71100	14	8,3	859951	31	100
	G	1142158	100	41,5	585450	100	21,3	508191	100	18,4	518271	100	18,8	2754070	100	100

Elaborado a partir de:

MELLA, 1982

DEBEN E BRAVO, 1982

QUADRO 2

EVOLUÇOM DE ALGUMHAS MAGNITUDES EM GALIZA E COMPARAÇOM COM VALORES EXTREMOS A NÍVEL PROVINCIAL E AUTONÓMICO

(Média do Estado Espanhol = 100)

	ANO		1960		1973		1981	
PIB/quilómetro quadrado	COMUNIDADES AUTÓNOMAS	MAX.	Madrid	735,7	Madrid	924,8	Madrid	1042,1
			Galiza	102	Galiza	93,4	Galiza	102,1
		MIN.	La Mancha	27,7	Estremadura	23,2	Estremadura	21,2
	MAX./MIN.		26,6		39,9		49,1	
	PROVÍNCIAS	MAX.	Barcelona	930,9	Barcelona	935,8	Madrid	1042,1
			Pontevedra	194,5	Pontevedra	203,2	Pontevedra	226,7
			A Corunha	151,3	A Corunha	140,7	A Corunha	159,4
			Ourense	52,2	Ourense	35,4	Ourense	47,5
			Lugo	57,5	Lugo	52,5	Lugo	39,8
		MIN.	Sória	16,5	Teruel	13,3	Sória	10
	MAX./MIN.		56,4		70,3		104,2	
PIB/habitante	COMUNIDADES AUTÓNOMAS	MAX.	Euscádi	167,7	Baleares	148,7	Madrid	132,3
			Galiza	69,2	Galiza	72,7	Galiza	79,8
		MIN.	Estremadura	62,1	Estremadura	60	Estremadura	61,8
	MAX./MIN.		2,7		2,5		2,1	
	PROVÍNCIAS	MAX.	Biscaia	159,4	Barcelona	130,1	Madrid	132,3
			Pontevedra	77,2	Pontevedra	81,3	A Corunha	85,7
			A Corunha	72,6	A Corunha	75,1	Pontevedra	89,6
			Lugo	64,4	Ourense	64,2	Lugo	71,9
			Ourense	55,9				
		MIN.	Granada	53,4	Lugo	58,5	Ourense	60
	MAX./MIN.		3		2,2		2,2	
Renda per cápita	COMUNIDADES AUTÓNOMAS	MAX.	Euscádi	175,1	Madrid	139,1	Madrid	143,9
			Galiza	70,7	Galiza	71,4	Galiza	-79
		MIN.	Estremadura	62,6	Estremadura	59,2	Estremadura	61,7
	MAX./MIN.		2,8		2,3		2,3	
	PROVÍNCIAS	MAX.	Biscaia	173,2	Biscaia	141,7	Madrid	143,9
			Pontevedra	78,3	Pontevedra	79,9	Pontevedra	86,2
			A Corunha	72,4	A Corunha	76	A Corunha	86
			Lugo	62,9	Ourense	58,9	Lugo	66,1
		MIN.	Ourense	52,1	Lugo	56,2	Ourense	58,7
	MAX./MIN.		3,3		2,5		2,5	
Renda familiar disponível per cápita	COMUNIDADES AUTÓNOMAS	MAX.			Madrid	133,3	Baleares	129,4
					Galiza	78,6	Galiza	87
		MIN.			Estremadura	67,1	Estremadura	71,7
	MAX./MIN.				2		1,8	
	PROVÍNCIAS	MAX.			Madrid	133,2	Baleares	129,4
					Pontevedra	86,2	Pontevedra	91,6
					A Corunha	80,3	A Corunha	90
					Ourense	75,2	Lugo	80,5
							Ourense	76,2
		MIN.			Lugo	63	Cuenca	68,6
	MAX./MIN.				2,1		1,9	

Elaborado a partir de: BANCO DE BILBAO, 1975 e 1984.
ALCALDE INCHAUSTI, 1980.

QUADRO 3

VALORES MÁXIMOS E MÍNIMOS DE ALGUMHAS VARIÁVEIS

	MÁXIMO				MÍNIMO		
VARIÁVEL	Valor médio estatal	COMARCA	Valor comarcal	% s/ média estatal	COMARCA	Valor comarcal	% s/ média estatal
Teléfonos/1000 habitantes	330,7	Sul-Ocidental (M)	679	205,3	La Cabrera (LE)	2,3	0,7
Densidade (habitantes qm^2)	71,1	Baixo Llobregat (B)	4281,6	6021,9	Sierra Rioja Media (LO)	4,3	6,1
Taxa de variaçom intercensal	1,26	Sul-Ocidental (M)	7,5	595,2	Sobrarbe (H)	-7,3	-
Renda per cápita (ptas)	144.902	Val d'Aran (L)	233988	161,5	Montanha (LU)	57786	39,9
Nº licências comerciais/1000 h	21,3	Cerdanya (GE)	49,3	231,5	Interior (PO)	8,1	38

Fonte: INIA, 1983.

QUADRO 4

RENDA PER CÁPITA E NÚMERO DE TELÉFONOS NAS COMARCAS GALEGAS CLASSIFICADAS NO QUARTIL INFERIOR

	Renda per cápita			Nº de teléfonos/1000 habitantes		
COMARCA	Valor	% sobre média estatal	nº de ordem	Valor	% sobre média estatal	nº de ordem
Montanha (LU)	57.786	39,9	322	32	9,7	318
Verim (O)	60.350	41,6	320	43	13	316
Interior (PO)	62.466	43,1	318	26	7,9	321
Interior (C)	63.329	43,7	316	52	15,7	310
Terra Chá (LU)	66.842	46,1	308	53	16	307
Montanha (PO)	67.754	46,8	305	47	14,2	312
Minho (PO)	73.838	51	292	69	20,9	293
Média estatal	144.902	100		330,7	100	

Fonte: INIA, 1983

QUADRO 5

CLASSIFICAÇOM SEGUNDO PIB POR HABITANTE EM 1977 DA CEE AMPLIADA A PORTUGAL E AO ESTADO ESPANHOL

UNIDADE ADMINITRASTIVA	ESTADO	% PIB s/CEE-12
1.- Groningen	(NL)	304,4
2.- Hamburgo	(D)	246,8
3.- Bremen	(D)	196,6
4.- Ile de France	(F)	185,1
5.- Storkobenhavn	(DK)	183,6
6.- Berlin (West)	(D)	175,3
7.- Antwerpen Prov.	(B)	171,6
8.- Stuttgart	(D)	168,3
9.- Karlskuhe	(D)	168,1
10.- Duesseldorf	(D)	167,9
11.- Oberbayern	(D)	165,1
12.- Darmstadt	(D)	165,0
DINAMARCA	(DK)	164,7
13.- Brabant	(B)	161,8
14.- Mittelfranken	(D)	158,2
15.- Vest for Storebaelt	(DK)	150,7
16.- Rheinhessen-Pfalz	(D)	150,1
17.- Hannover	(D)	149,8
ALEMANHA	(D)	149,7
18.- Ost for Storebaalt	(DK)	148,2
19.- Noord-Holland	(NL)	147,3
20.- Zuid-Holland	(NL)	147,2
21.- Koeln	(D)	146,6
22.- Tuebingen	(D)	146,0
23.- Haute-Normandie	(F)	143,8
24.- Zeeland	(NL)	141,1
LUXEMBURGO	(L)	140,3

UNIDADE ADMINISTRATIVA	ESTADO	% PIB s/CEE-12
BÉLGICA	(B)	140,2
25.- Freiburg	(D)	138,7
26.- Schwaben	(D)	137,3
27.- Arnsberg	(D)	137,0
28.- Muenster	(D)	137,0
29.- Oberfranken	(D)	136,9
HOLANDA	(NL)	136,6
30.- Liege Prov.	(B)	135,4
31.- Braunschweig	(D)	134,0
32.- Utrecht	(NL)	133,8
33.- Detmold	(D)	133,0
34.- Saarland	(D)	131,9
35.- West-Vlaanderen	(B)	131,7
36.- Rhone-Alpes	(F)	131,3
37.- Limburgo	(B)	130,8
38.- Champagne-Ardenne	(F)	130,7
39.- Franche-Comte	(F)	128,5
FRANÇA	(F)	128,1
40.- Alsácia	(F)	127,4
41.- Oost-Vlaanderen	(B)	125,6
42.- Unterfranken	(D)	124,7
43.- Weser-Ems	(D)	124,7
44.- Schleswig-Holstein	(D)	124,7
45.- Noord-Brabant	(NL)	122,5
46.- Picardia	(F)	121,1
47.- Centre	(F)	120,3
48.- Koblenz	(D)	120,0
49.- Lorraine	(F)	118,9
50.- Valle d'Aosta	(I)	116,8
51.- Kassel	(D)	116,8
52.- Nord-Pas-De-Calais	(F)	115,9

UNIDADE ADMINISTRATIVA	ESTADO	% PIB s/CEE-12
53.- Borgonha	(F)	115,8
54.- Overijssel	(NL)	115,3
55.- Namur Prov.	(B)	114,5
56.- Oberpfalz	(D)	113,7
57.- Niederbayern	(D)	112,8
58.- Limburgo	(NL)	112,4
59.- Trier	(D)	112,1
60.- Drenthe	(NL)	111,5
61.- Provença-Alpes-C-D'Azur	(F)	111,4
62.- Gelderland	(NL)	110,0
63.- Aquitánia.	(F)	109,3
64.- Pays de la Loire	(F)	109,2
65.- Hainaut	(B)	109,1
66.- Luxemburgo	(B)	105,3
67.- Lueneburg	(D)	105,3
68.- Basse-Normandie	(F)	104,9
69.- Poitou-Charente	(F)	104,5
70.- Friesland	(NL)	101,9
CEE-12		100,0
71.- Auvergne	(F)	99,8
72.- Languedoc-Roussillon	(F)	95,3
73.- Limousin	(F)	94,8
74.- Midi-Pyrenees	(F)	94,4
75.- Lombardia	(I)	91,1
76.- Bretanha	(F)	90,4
77.- Ligúria	(I)	89,2
78.- South East	(GB)	88,3
79.- Piemonte	(I)	86,4
80.- Emília-Romagna	(I)	84,7
81.- Trentino-Alto-Adige	(I)	79,3
REINO UNIDO	(GB)	79,2
82.- Friuli-Veneza-Gíulía	(I)	78,7
83.- West Midlands	(GB)	78,5

UNIDADE ADMINISTRATIVA	ESTADO	% PIB s/CEE-12
84.- Scotland	(GB)	77,0
85.- North West	(GB)	76,0
86.- East Midlands	(GB)	75,1
87.- Yorkshire-Humberside	(GB)	73,9
88.- Toscana	(I)	73,6
89.- Madrid	(E)	72,2
90.- North	(GB)	72,0
91.- South West	(GB)	70,9
92.- Euscádi	(E)	70,9
93.- Veneto	(I)	70,3
94.- East Anglia	(GB)	69,8
95.- Catalunha	(E)	68,5
ITÁLIA	(I)	67,8
96.- Wales	(GB)	66,7
97.- Lázio	(I)	66,4
98.- Baleares	(E)	66,3
99.- Úmbria	(I)	63,8
100.- Marche	(I)	63,3
101.- Attiki	(G)	61,9
102.- Navarra	(E)	61,8
103.- Aragom	(E)	57,6
104.- Northern Ireland	(GB)	57,2
105.- La Rioja	(E)	57,2
106.- Cantábria	(E)	56,0
107.- Astúrias	(E)	55,2
ESTADO ESPANHOL	(E)	55,1
108.- Kentriki Ellás e Ilhas	(G)	54,4
109.- Thessaloniki	(G)	54,3
110.- Abruzzi	(I)	54,1
111.- Valença	(E)	53,9
112.- Sardenha	(I)	52,9
113.- Basilicata	(I)	51,0

UNIDADE ADMINISTRATIVA	ESTADO	% PIB s/CEE-12
IRELAND	(IRL)	50,9
GRÉCIA	(G)	49,7
114.- Castela-Leom	(E)	49,3
A Corunha	(E)	47,8
115.- Puglia	(I)	47,0
116.- Múrcia	(E)	46,0
117.- Molise	(I)	45,7
118.- Makedonia (Central-Ocid.)	(G)	45,6
Pontevedra	(E)	45,5
119.- Campánia	(I)	44,4
120.- Castela-La Mancha	(E)	44,0
121.- Canárias	(E)	43,7
122.- Galiza	(E)	43,2
123.- Sicília	(I)	43,2
124.- Peloponnissos	(G)	42,2
125.- Thessália	(G)	40,9
126.- Andaluzia	(E)	40,6
127.- Kriti	(G)	40,2
128.- Makedonia (Oriental)	(G)	38,8
129.- Calábria	(I)	38,0
130.- Ipiros	(G)	36,4
Ourense	(E)	35,0
Lugo	(E)	35,0
131.- Ilhas do Egeo	(G)	34,8
132.- Estremadura	(E)	33,6
PORTUGAL	(P)	29,9
133.- Thráki	(G)	27,9

Elaborado a partir de: Eurostat, 1981.
Commission des CEE, 1981.
Banco de Bilbao, 1980.

QUADRO 6

CLASSIFICAÇOM SEGUNDO O PIB POR HABITANTE EM 1970 E 1977 EM UNIDADES DE CONTA EUROPEAS (UCE)

	PIB/hab. em UCE		PIB/hab. regs./CEE-9		Lugar na classificaçom	
ANO	1.970	1.977	1.970	1.977	1.970	1.977
ALEMANHA.....	2.991	7.383	122,7	135,9		
Schleswig-Holstein.....	2.463	6.150	101,1	113,5	41	44
Hamburgo.....	4.814	12.170	197,5	224,6	1	2
Braunschweig.....	2.722	6.611	111,7	122,0	28	31
Hannover.....	2.973	7.386	122,0	136,3	15	17
Lueneburg.....	2.069	5.191	84,9	95,8	71	67
Weser-Ems.....	2.337	6.151	95,9	113,5	53	43
Bremen.....	3.956	9.695	162,3	178,9	3	3
Duesseldorf.....	3.462	8.280	142,1	152,8	5	10
Koeln.....	3.147	7.229	129,1	133,4	11	21
Muenster.....	2.451	6.757	100,6	124,7	43	28
Detmold.....	2.805	6.562	115,1	121,1	21	33
Arnsberg.....	2.924	6,757	120,0	124,7	19	27
Darmstard.....	3.364	8.139	138,0	150,2	8	12
Kassel.....	2.384	5.760	97,8	106,3	49	51
Koblenz.....	2.369	5.918	97,2	109,2	51	48
Trier.....	2.137	5.528	87,7	102,0	67	59
Rheinhessen-Pfalz.....	2.925	7.402	120,0	136,6	18	16
Stuttgart.....	3.374	8.302	138,4	153,2	7	8
Karlsruhe.....	3.326	8.291	136,5	153,0	10	9
Freiburg.....	2.865	6.839	117,6	126,2	20	25
Tuebingen.....	2.927	7.202	120,1	132,9	17	22
Oberbayern.....	3.415	8.145	140,1	150,3	6	11
Niederbayern.....	2.034	5.565	83,5	102,7	74	57
Oberpfalz.....	2.113	5.603	86,7	103,4	68	56
Oberfranken.....	2.571	6.752	105,5	124,6	34	29
Mittelfranken.....	3.061	7.803	125,2	144,0	14	14
Unterfranken.....	2.325	6.151	95,4	113,5	54	42

	PIB/hab. em UCE		PIB/hab. regs/CEE-9		Lugar na classificaçom	
ANO	1.970	1.977	1.970	1.977	1.970	1.977
Schwaben.....	2.669	6.774	109,5	125,0	30	26
Saarland.....	2.416	6.503	99,1	120,0	47	34
Berlin (West).....	3.336	8.647	136,9	159,6	9	6
FRANÇA.....	2.715	6.320	111,4	116,3		
Ile de France.....	4.080	9.129	167,4	168,5	2	4
Champagne-Ardenne.....	2.769	6.445	113,6	118,9	24	38
Picardia.....	2.493	5.973	102,3	110,2	39	46
Haute-Normandie.....	3.121	7.091	128,1	130,9	12	23
Centre.....	2.437	5.933	100,0	109,5	45	47
Basse-Normandie.....	2.162	5.174	88,7	95,5	64	68
Borgonha.....	2.346	5.713	96,3	105,4	52	53
Nord-Pas-de-Calais.....	2.510	5.716	103,0	105,5	37	52
Lorraine.....	2.592	5.862	106,4	108,2	33	49
Alsácia.....	2.746	6.282	111,7	115,9	27	40
Franche-Comte.....	2.392	6.339	98,2	117,0	48	39
Pays de la Loire.....	2.246	5.387	92,2	99,4	58	64
Bretanha.....	1.875	4.458	76,9	82,3	89	76
Poitou-Charente.....	2.045	5.153	83,9	95,1	73	69
Aquitánia.....	2.323	5.390	95,3	99,5	55	63
Midí-Pyrenees.....	1.925	4.658	79,0	86,0	86	74
Limousin.....	1.936	4.676	79,4	86,3	82	73
Rhone-Alpes.....	2.805	6.474	115,1	119,5	22	36
Auvergne.....	2.097	4.920	86,0	90,8	69	71
Languedoc-Roussillon....	1.935	4.700	79,4	86,7	84	72
Provença-Alpes-C. d'Azur	2.439	5.494	100,1	101,4	44	61
ITÁLIA.....	1.834	3.344	75,3	61,7		
Piemonte.....	2.383	4.261	97,8	78,6	50	79
Valle d'Aosta.....	2.504	5.789	102,7	106,8	38	50
Ligúria.....	2.611	4.399	107,1	81,2	32	77

	PIB/hab. em UCE		PIB/hab. regs/CEE-9		Lugar na classificaçom	
ANO	1.970	1.977	1.970	1.977	1.970	1.977
Lombardia.....	2.515	4.493	103,2	82,9	36	75
Trentino-Alto-Adige.....	1.800	3.912	73,9	72,2	93	81
Veneto.....	1.844	3.468	75,7	64,0	91	91
Friuli-Veneza-Gíulía	2.022	3,831	83,0	71,6	76	82
Emília-Romagna.....	2.084	4.178	85,5	77,1	70	80
Toscana.....	1.979	3.629	81,2	67,0	80	88
Úmbria.....	1.589	3.148	65,2	58,1	97	95
Marche.....	1.637	3.120	67,2	57,6	96	96
Lazío.....	1.984	3.275	81,4	60,4	78	94
Campánia.....	1.260	2.188	51,7	40,4	100	103
Abruzzi.....	1.275	2.666	52,3	49,2	99	98
Molise.....	1.040	2.255	42,7	41,6	104	102
Puglia.....	1.248	2.318	51,2	42,8	101	101
Basilicata.....	1.048	2.514	43,0	46,4	103	100
Calábria.....	959	1.875	39,4	34,6	105	105
Sicília.....	1.228	2.130	50,4	39,3	102	104
Sardenha.....	1.422	2.609	58,4	48,1	98	99
HOLANDA.....	2.376	6.738	97,5	124,8		
Groningen.....	2.763	15.012	113,4	277,0	25	1
Friesland.....	1.832	5.024	75,2	92,7	92	70
Drenthe.....	1.866	5.498	76,6	101,5	90	60
Overijssel.....	2.022	5.685	83,0	104,9	75	54
Gelderland.....	2.124	5.424	87,2	100,1	66	62
Utrecht.....	2.196	6.599	90,1	121,8	60	32
Noord-Holland.....	2.617	7.264	107,4	134,0	31	19
Zuid-Holland.....	2.708	7.260	111,1	134,0	30	20
Zeeland.....	2.456	6.961	100,8	128,5	42	24
Noord Brabant.....	2.268	6.044	93,1	111,5	56	45
Limburgo.....	1.972	5.545	80,9	102,3	81	58
BÉLGICA.....	2.562	6.916	105,1	127,5		

	PIB/hab. em UCE		PIB/hab. regs/CEE-9		Lugar na classificaçom	
ANO	1.970	1.977	1.970	1.977	1.970	1.977
Antwerpen.....	2.950	8.463	121,1	156,2	16	7
Brabant.....	3.039	7.980	124,7	147,3	13	13
Hainaut.....	2.212	5.383	90,8	99,3	59	65
Liège.....	2.527	6.680	103,7	123,3	35	30
Limburgo.....	2.002	6.451	82,2	119,0	77	37
Luxembourg.....	1.876	5.193	77,0	95,9	88	66
Namur.....	2.181	5.645	89,5	104,2	61	55
Oost-Vlaanderen.....	2.254	6.195	92,5	114,3	57	41
West-Vlaanderen.....	2.493	6.496	102,3	119,9	41	35
LUXEMBURGO.....	3.083	6.919	126,5	127,7		
REINO UNIDO.....	2.152	3.904	88,2	71,6		
North.....	1.777	3.549	72,9	65,5	94	89
Yorkshire Humberside.....	1.983	3.647	81,4	67,3	79	87
East Midlands.....	2.146	3.705	88,1	68,4	65	86
East Anglia.....	1.936	3.443	79,4	63,5	83	92
South East.....	2.420	4.354	99,3	80,3	46	78
South West.....	1.931	3.498	79,2	64,6	85	90
West Midlands.....	2.167	3.871	88,9	71,4	62	83
North West.....	2.166	3.759	88,9	69,4	63	85
Wales.....	3.292	1.921	78,7	60,7	87	93
Scotland.....	2.047	3.799	84,0	70,1	72	84
Northern Ireland.....	1.703	2.822	69,9	52,1	95	97
IRLANDA.....	1.289	2.509	52,9	46,5		
DINAMARCA.....	3.151	8.122	129,3	147,2		
Storkobenhavn.....	3.843	9.054	157,7	167,1	4	5
Ost for Storebaelt.....	2.758	7.309	113,2	134,9	26	18
Vest for storebaelt.....	2.772	7.431	113,7	137,1	23	15

	PIB/hab. em UCE		PIB/hab. regs/CEE-9	
ANO	1.970	1.977	1.970	1.977
CEE-9.....	2.438	5.435	100,0	100,0
ESTADO ESPANHOL.....	1.051	2.717	43,1	50,0
Madrid.....	1.375	3.560	56,4	65,5
Euscádi.....	1.491	3.495	61,2	64,3
Catalunha.....	1.385	3.377	56,9	62,1
Baleares.....	1.440	3.268	59,1	60,1
Navarra.....	1.235	3.046	50,7	56,0
Aragom.....	1.072	2.842	44,0	52,3
Rioja.....	1.101	2.819	45,2	51,9
Cantábria.....	1.222	2.762	50,2	50,8
Astúrias.....	1.100	2.724	45,2	50,1
Valência.....	1.022	2.656	42,0	48,9
Castela-Leom	916	2.433	37,6	44,8
Múrcia.....	818	2.270	33,6	41,8
Castela-La Mancha	781	2.168	32,1	39,9
Canárias.....	909	2.153	37,3	39,6
Galiza.....	753	2.132	30,9	39,2
Andaluzia.....	753	2.004	30,9	38,9
Estremadura.....	639	1.659	26,2	30,5

Elaborado a partir de: Eurostat, 1981.
Commission des CEE, 1981.
Banco de Bilbao, 1973 e 1980.

QUADRO 7

MEDIDAS DE DISPARIDADE DO PIB/HABITANTE (UCE)

	10 % MÁXIMO / 10 % MÍNIMO		Desvio padrom		Coeficiente de variacom	
Entre regions	1970	1977	1970	1977	1970	1977
Alemanha	1,97	1,86	602	1413	0,211	0,198
França	1,9	1,78	489	1018	0,200	0,177
Itália	2,56	2,57	517	989	0,300	0,299
Holanda	1,51	2,99	319	2660	0,141	0,383
Bélgica	1,62	1,63	376	1047	0,157	0,161
Reino Unido	1,42	1,54	410	606	0,191	0,174
Dinamarca	1,39	1,29	508	795	0,163	0,100
Grécia	-	2,22	-	469	-	0,219
Estado Espanhol	2,11	1,93	259	544	0,245	0,204
CEE-9 (entre Regions)	2,88	3,95	674	2183	0,273	0,375
CEE-9 (entre Estados)	2	2,65	586	1920	0,240	0,353

Elaborado a partir de: Eurostat, 1981.
Commission des CEE, 1981.
Banco de Bilbao, 1973 e 1980.

folhas novas

Rosalia de Castro

AGAL
ASSEMBLEIA GALEGA DA INFÂNCIA

Dívidas e originalidade das cantigas de amor galego-portuguesas: A obra poética de Bernard de Ventadorn e as cantigas de amor de Joam Airas

Por Joám Carlos RÁBADE CASTINHEIRA

O presente estudo nom pretende expor com excessiva erudiçom —do ponto de vista teórico— as influências provençais e a originalidade das cantigas de amor galego-portuguesas, tema já bem debatido, senom o confronto de dous autores fundamentais na lírica do amor cortês, Bernard de Ventadorn e Joam Airas. A partir desse estudo comparativo, tiramos as dívidas que o segundo tem com respeito ao primeiro ou com a lírica cortesá provençal em geral, assi como a originalidade que Joam Airas manifesta com respeito a Bernard de Ventadorn e à lírica provençal, motivada em muitos casos polas características particulares da lírica galego-portuguesa, em geral, ou polas do nosso trovador em particular.

Escolhemos só para a comparaçom as cantigas de amor e nom o resto da obra do trovador compostelano, pola evidente aproximaçom genérica entre esta e a *cansó*. Assi mesmo partimos do conceito lato de cantiga de amor, segundo se formula no fragmentário Tratado de Poética com que abre o Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa.

Tamém nos pareceu apropriada a eleiçom de Bernard de Ventadorn e de Joam Airas, por serem os dous pertencentes ao período de esplendor dos seus respectivos lirismos, e bem representativos dos mesmos.

Bernard de Ventadorn é um dos mais dignos representantes do *trobar leu:* estilo conciso, claro (face ao *trobar clus* ou ao *trobar ric,* mais herméticos ou artificiosos).

A sua obra poética, embora maneje os *tópicos* da época (lugares comuns que entom eram a manifestaçom do conceito amoroso da vida, na época e no ambiente cortês), nom deixa por isso de ser *original* basicamente:

a) Pola expressom inspirada e mesurada.

b) Pola sinceridade e ausência de retoricismo.

c) Pola veracidade que infunde aos seus sentimentos e pola variedade das suas emoçons, às vezes misturadas em delicadas antíteses que reflectem a sua alma comovida: melancolia, nostalgia, alegria, ternura, paixom amorosa, desespero, sensualidade e erotismo delicado, amor vivido e imaginado, etc.

d) Polo ritmo e musicalidade da sua poesia.

Da sua produçom poética conservamos um total de *41 cansós* e *3 tensós* amorosas, três delas (duas cançons e umha tençom) de possível atribuiçom.

Quanto a Joam Airas tamém podemos caracterizar o seu estilo por ser conciso, claro e mesmo abundante em recursos populares.

A maior parte das suas cantigas de amor repetem *tópicos,* tanto existentes na lírica provençal como na galego-portuguesa, mas com notas temáticas novas. As menos som realmente inovadoras (por serem as únicas ou por aparecerem só mui ocasionalmente) na lírica galego-portuguesa, nom assi se as contrastamos com a lírica provençal (com o próprio Bernard de Ventadorn), salvo alguns casos em que se encontram influenciadas polas cantigas de amigo.

Outra característica é a sua sinceridade e o carácter prático perante a vida, cousa, aliás, compreensível num burguês de Santiago. Ora, as emoçons do poeta estám normalmente separadas e nom se misturam em antítese como em Bernard de Ventadorn: umhas delas som claramente optimistas (as menos) e as outras pessimistas, excepto casos mui contados. Devido à pouca extensom dos seus poemas, em comparaçom com as do trovador provençal, tamém é característico de Joam Airas a condensaçom dos sentimentos, expostos num certo paralelismo conceptual ao que lhe dá a *fiinda* o ponto final nalguns casos.

Conservamos de Joam Airas 81 cantigas, das quais *23 som de amor.* Mesmo dentro destas poderíamos considerar duas tençons ou debates amorosos dialogados, mas estes diálogos som mais um artifício literário do que propriamente umha tençom, já que som entre o trovador e a *senhor,* sendo aquel o único autor real da cantiga, e nom entre dous trovadores como no caso de Bernard de Ventadorn (e de maneira geral na tipologia da *tensó*), em que cada um deles é autor da sua parte correspondente no debate. E dentro desses dous diálogos poderíamos citar, como subgénero da poesia de amor, umha pastorela, subgénero que o trovador de Ventadorn nom utilizou.

Finalmente indicar que os poemas aos quais se fai referência neste trabalho levam um número em caracteres arábicos quando som os de Bernard de Ventadorn na ediçom de M. Lazar (1), e números romanos quando som os de Joam Airas na ediçom de J. L. Rodríguez (2).

---

(1) BERNARD DE VENTADORN: *Chansons d'amour,* Librairie C. Klincksieck, Paris, 1966 (Edition critique avec tradution, introduction, notes e glossaire par Moshé Lazar).

(2) J. L. RODRÍGUEZ: *El cancionero de Joan Airas de Santiago. Edición y estudio,* Verba, anexo 12, Universidade de Santiago de Compostela, 1980.

I. TEMAS E MOTIVOS LÍRICOS

A produçom poética de Joam Airas nas suas cantigas de amor, em menor quantia e em temas que a produçom de Bernard de Ventadorn, sendo aquela cronologicamente posterior a esta, deu-nos pé a contrastar que temas e motivos do poeta compostelano já foram tratados polo trovador provençal. Desta maneira dividimos o presente capítulo em dous apartados: num primeiro em que analisamos os temas e motivos que aparecem nos dous autores e no segundo tratamos aqueles que som específicos de cada trovador.

Ainda que observemos temas e motivos que coincidem nos dous poetas, isto nom implica, como veremos, que nom existam suficientes diferenças de matiz em ambos.

A) *Temas e motivos coincidentes.*

a) A coita de amor.

Tema mui utilizado na lírica galego-portuguesa, mas tamém presente na provençal, embora nom com tanta insistência como na primeira. Os tópicos mais utilizados na lírica galego-portuguesa e em Joam Airas em particular som, como aludíamos na introduçom, de tipo pessimista na relaçom amorosa (coita de amor, morte de amor, nom correspondência da *senhor,* etc.), enquanto a provençal incide mais no optimismo (*joi,* esperança, primaveras resplandecentes, desejos sexuais e eróticos consumados, etc.).

Em Joam Airas, a coita de amor está presente nas cantigas IV, VIII, X, XIV e XX, normalmente ocasionada pola indiferença ou nom correspondência amorosa da *senhor.* Contrastam estas cantigas com a XIX em que o trovador nom quer ouvir ninguém que lhe fale de coitas, senom de prazeres, rompendo com esse insistente tópico.

Esta mesma coita ou mal de amor temo-la em Bernard de Ventadorn na tençom 32 e na cançom 33, motivada tamém polo desengano amoroso da nom correspondência da pessoa amada. Este mesmo mal de amor pode levar ao desespero, à agonia amorosa ou à morte de amor (cfr. as cançons 1, 34, 38, 40, 41 e 42), como acontece com o poeta compostelano, convertendo ao trovador num mártir do sofrimento amoroso (cfr. as cançons 4, 12, 14 e 21).

Ainda assi, e isto nom o podemos constatar em Joam Airas que rara vez emprega antíteses emocionais, em Bernard de Ventadorn o sofrimento amoroso pode ter um doce sabor (cfr. 1, 18, 28 e 39) e, em todo caso, pode haver possibilidade de esperança e alegria no coraçom do poeta (cfr. 34 e 42).

b) A morte de amor.

Como introduçom a este apartado temático podemos ter em conta o dito no apartado anterior.

A morte de amor em Joam Airas vem causada porque a senhora deixa o trovador (cfr. XIII), porque nom corresponde à sua afeiçom (cfr. II e XIV) ou porque nom se sente ao seu lado (cfr. XV e XVI).

Contodo, este tema obsessionante da lírica galego-portuguesa encontrou os seus detractores, ainda que poucos, e entre eles Joam Airas, que di que nom deseja morrer porque é mais sensato esperar o favor da senhora (cfr. VIII). Na deliciosa cantiga XXII o poeta manifesta que houvo de morrer, mas neste caso foi por contemplar a beleza da senhora e nom por um desengano amoroso.

A morte de amor tamém está presente em Bernard de Ventadorn (cfr. 4, 28 e 40). A responsável normalmente é a senhora (cfr. 31 e 41) e o trovador pode morrer de desejo (cfr. 18, 20, 26, 29 e 33) ou de dor (cfr. 1 e 27).

O tema da morte de amor por contemplaçom da beleza da dama vemo-lo assi mesmo em Bernard de Ventadorn (cfr. 39).

Porém, no trovador provençal, o morto pode ressuscitar polo amor de umha mulher (cfr. 42), por um beijo dela (cfr. a mesma 42) ou pola *joi* de amor (cfr. 1). Este tema da «ressureiçom» após a morte de amor foi ridiculizado entre os nossos poetas por Pero Garcia Burgalês, afirmando que se fixo morrer nos seus cantares para ressuscitar despois ao terceiro dia. Isto demonstra, por via da anedota e da paródia, a nossa alusom ao abuso deste tema da morte de amor nos trovadores galego-portugueses.

c) A nom correspondência da senhora.

É outro tema obsessivo da lírica galego-portuguesa, neste caso já mais habitual na lírica provençal, e que é a causa dos outros dous anteriormente vistos (a coita de amor e a morte de amor).

Em Joam Airas este tema pode estar motivado pola indiferença e silêncio da senhora às suas queixas amorosas (cfr. XIV), porque o seu amor desagrada à senhora (cfr. II, XI, XVII, XVIII e XXI), porque viveu sempre afastado do seu favor (cfr. XX) ou porque o afastamento do trovador será um bem para ela (cfr. XIII).

Em Bernard de Ventadorn é habitual essa nom correspondência (cfr. 9, 27, 18 e 31). Mas isto nom é motivo para perder a esperança (cfr. 3 e 29), ou para seguir submisso à senhora (cfr. 44). Outras vezes, se a dama nom o corresponde, tenta abandonar a fidelidade amorosa (cfr. 23) ou afirma tê-la abandonado (cfr. 28, 31, 34, 40 e 44), declarando-se a outras damas (cfr. 9 e 30) ou amando a outra (cfr. 30). Noutros casos, a saída é umha simples admoestaçom ao carácter sempre mudável das mulheres (cfr. 17 e 31) ou recomendaçom de que a juventude passa e se murcha, tratando o tema clássico do *carpe diem* (cfr. 17 e 20).

A soluçom a esta nom correspondência amorosa em Joam Airas é normalmente a coita ou a morte de amor, apesar de que, como vimos no trovador provençal, cabe a possibilidade de desistir à demanda de amor (nom propriamente à relaçom amorosa neste caso), como se vê na cantiga XXI.

d) Amor fatal contra a própria vontade.

Embora se poda encontrar nos dous autores, é um tema mais habitual, curiosamente, no provençal.

Em Joam Airas o amor é umha força que nom pode dominar-se e que desgosta à senhora (cfr. II, XI e XVII) e, apesar de que ela já o deixou de amar, el nom pode reprimi-la (cfr. XVIII).

Em Bernard de Ventadorn o amor é umha força que obriga a amar a quem lhe praz (cfr. 7, 12, 13, 21 e 27) e a atracçom da dama é irresistível (cfr. 2 e 29). É umha força que ataca, triunfa, encadeia e aprisiona (cfr. 1, 7, 9, 12, 14, 16, 21, 27, 36, 37, 40 e 41), ficando a personalidade e a razom vencidas (cfr. 1, 2, 7, 12, 13, 15, 16, 24, 25, 26, 28, 30, 31 e 41), mesmo chegando à inconsciência (cfr. 6, 13, 18, 20 e 42) porque é fatal como um amavio (cfr. 16).

Esta fatalidade do amor está ligada em Joam Airas à nom correspondência amorosa. Em Bernard de Ventadorn pode está-lo ou nom.

e) Impossibilidade de nengum bem longe da amada.

Tamém é um tema comum nos dous trovadores.

Em Joam Airas, o afastamento da senhora, tanto em sentido físico como sentimental (por nom ter o seu favor), nom lhe acarreta nengum bem. Normalmente, este mal para o trovador é um bem para a senhora, que nom o ama (cfr. XIII e XX). A partida da senhora pode ocasionar-lhe esse mal (cfr. XIII). Outras vezes nom esclarece se é o afastamento físico o que produz esse mal (cfr. III, XV e XVI), senom simplesmente que nom está com ela. Noutro caso especifica claramente que o afastamento é mais bem amoroso e nom físico ao nom ter o seu favor, ainda que o resultado é o mesmo que se estivesse longe dela (cfr. XX).

Na cantiga XXII, embora fique desamparado pola partida da senhora, o tom final é optimista, mas por via da imaginaçom e nom da realidade. Contodo, é um rasgo original dentro do tom normalmente pessimista da cantiga de amor galego-portuguesa.

Em Bernard de Ventadorn o afastamento da dama (cfr. 1, 4, 5, 17, 18 e 29), ocasiona nalguns casos o desterro ou exílio amoroso (cfr. 31 e 38) ou a melancolia (cfr. 9 e 10), mas sempre é um afastamento físico.

f) Descriçom das qualidades da dama.

Tema comum na lírica galego-portuguesa e provençal, no caso de Joam Airas, a perfeiçom da dama é recebida de Deus, e som ponderadas tanto as qualidades físicas como as morais, especialmente o bom falar (cfr. X, XIV e XVII), qualidade esta mui apreçada na nossa lírica. A sua senhora é a mais formosa dentro e fora da Corte (cfr. V e VII). Neste aspecto (beleza externa, nom tanto beleza física), destaca a cantiga XXII em que o trovador repara sobretodo no bem que lhe está o vestuário, contrastando com a tendência geral da lírica galego-portuguesa que pondera mais as qualidades morais que as externas.

O amor como prazer dos olhos que contemplam a senhora manifesta-se tamém em Joam Airas na cantiga III.

Em Bernard de Ventadorn som mui poucas as cançons em que nom se ponderem as qualidades da dama, fazendo assi mesmo um retrato físico e externo dela (cousa que contrasta quantitativamente e qualitativamente com Joam Airas). Cfr. por exemplo: 1, 2, 3, 6, 10, 11, 14, 15, 19, 36, 37 e 38. A senhora é a criatura mais perfeita que Deus, a Natureza ou a Beleza formou sobre todas as mulheres da Terra. Nesse retrato da dama descreve tanto as qualidades morais como físicas, nom isentas de umha delicada sensualidade. A comparaçom do corpo branco e a neve vemo-la em cançons como a 16, 17 e 20.

O amor como prazer dos olhos que contemplam a senhora que comentávamos em Joam Airas, já o incluíra o próprio Bernard de Ventadorn na sua lírica (cfr. 2 e 31).

g) A *joi* e o gozo amoroso.

Tema mui comum na lírica provençal e mui pouco usual na galego-portuguesa, no caso de Joam Airas só duas cantigas tocam este tema: a cantiga XIX em que manifesta viver mui feliz e ter umha *amiga* que lhe «faz mui bon sen», desejando que ninguém lhe fale de coitas, e a cantiga XXIII, a pastorela, em que descreve a natureza e as aves, inundando todo de amor, na preceptiva tópica da pastorela provençal. A cantiga XXII tem duas partes bem definidas: umha em que o poeta exprime o seu desamparo ante a partida da senhora, descrevendo o seu aspecto exterior, e outra em que, por via da imaginaçom, deseja colhê-la nos seus braços e levá-la no seu cavalo. Neste caso, embora nom seja mais que um desejo dificilmente reprimível, pode falar-se em certa maneira de gozo de amor, ainda que nom consumado. Também como um desejo está formulada a *joi* nas cantigas XV e XVI em que o trovador pede a Deus que lhe dê tantos dias de prazer ao lado da sua senhora (nom esclarece se se trata de prazer espiritual ou físico no terreno amoroso, ainda que bem pode ser o primeiro caso), como dias sem prazer tivo sem ela. Mas aqui a *joi* tampouco existe; e só um *oxalá* exista, e *joi* virtual.

Em Bernard de Ventadorn destaca mais este tema, muitas vezes relacionado com as estaçons do ano, especialmente a Primavera (cfr. 6 e 22), tópico comum na lírica provençal. Mas Bernard revela-se contra el e considera que qualquer estaçom do ano é válida para amar porque a *joi* converte o Inverno em Primavera (cfr. 4, 5, 14 e 26). A *joi* produz essa metamorfose nom só na natureza, mas também no próprio amante (cfr. 3, 4, 6, 13 e 19), melhorando o seu carácter (cfr. 6). O marco da natureza na Primavera em todo o seu esplendor (como víamos que aparecia na pastorela de Joam Airas) nom é imprescindível porque, embora mudem as estaçons, a *joi* nom varia necessariamente (cfr. 44).

Para que naça a *joi,* chega simplesmente com umha olhada da senhora (cfr. 6 e 40) e esta *joi* nom é só umha aspiraçom espiritual, mas também física, atingindo assi a plenitude amorosa (cfr. 3, 4, 5, 8, 9, 10, 17, 18, 19, 20 e 24).

h) Desejos sensuais e eróticos.

Este tema é assi mesmo bastante habitual na lírica provençal e mui pouco usual na galego-portuguesa.

Pondo de parte as cantigas em que Joam Airas exprime o seu desejo de prazer ao lado da sua senhora (cfr. XV e XVI) ou a existência real desse prazer (cfr. XIX), porque nom esclarecem se é um prazer sensual e erótico ou simplesmente o ocasionado pola correspondência amorosa (talvez isto último com mais probabilidade), a única cantiga em que se exprime um claro desejo erótico é a XXII, já comentada no apartado anterior, em que o trovador deseja colher a sua senhora que vê partir e apertá-la entre os seus braços, com tal força que «non lhi valria dizer «¡ai!» nen chamar Deus nen Santa Ovaia», cousa bastante estranha na lírica galaico-portuguesa.

Nos quatro graus do amor cortês *(fenhedor, pregador, entendedor* e *drutz,* de menor a maior intensidade na relaçom amorosa) o trovador-amante pode ter desejos sensuais e eróticos na lírica provençal. Em Bernard, embora seja um simples *fenhedor,* deseja estar cerca da senhora para lhe dar um forte beijo (cfr. 20), ou como *entendedor* para vê-la despida na sua alcova (cfr. 19). Os desejos, nalgũms casos já consumados, vam desde a petiçom de umha olhada ou um beijo (cfr. 3, 21, 24, 39), o desejo de beijá-la ou abraçá-la (cfr. 18 e 20), o desejo de contemplá-la despida (cfr. 19, 29 e 37), até o jogo erótico (cfr. 17 e 19) e o gozo físico (cfr. 8, 13 e 26).

i) A mesura.

É um tópico comum da época, mas nom mui abundante nos nossos trovadores, ligado fortemente ao amor cortês e às relaçons de vassalage e submissom do amante.

Duas qualidades caracterizam a mesura do bom amador: a discreçom e nom fazer nengum mal que desgoste à dama. A primeira qualidade está presente na lírica provençal quando se oculta o nome da senhora, sob o apelativo de *midons* ou de um *senhal,* perspectiva necessária pola situaçom jurídico-social da dama (casada). Na lírica galego-portuguesa tamém se encobre o nome da senhora sob o apelativo de *senhor,* artifício que entre nós é um tópico herdado da lírica provençal, já que *a senhor* é normalmente umha donzela e nom umha mulher casada. A discreçom neste caso é constante na poesia de Bernard de Ventadorn e Joam Airas.

A discreçom, relacionada com a submissom à senhora, manifesta-se na pastorela de Joam Airas (cfr. XXIII) quando afirma que falará com ela e partirá quando lho mandar. Que a discreçom está intimamente ligada à mesura prova-o a respota da pastora quando di: «mais ide-vos vossa via,/ faredes mesura i». Na cantiga I a discreçom nom só oculta teimosamente o nome da dama, mas a má relaçom amorosa que o trovador tem com ela.

Quanto a nom fazer nengum mal que desgoste à senhora vemo-lo na cantiga XII: o importante é nom fazer mal *no prez* da senhora por satisfazer o egoísmo ou o prazer do trovador.

Dentro destas premissas de submissom e nom causar nengum mal à amada pareceria *desmesurado* para a época todo o contrário, de aí que resultem tematicamente inovadoras as cantigas XI e XVII. A XVII porque, embora esteja disposto a fazer o que ela quixer, nom pode deixar de amá-la porque o seu amor pode mais que a sua vontade; a XI, ainda mais contundente, porque está disposto a causar-lhe desgosto, também devido a que o seu amor tem mais força que a sua vontade.

Em Bernard de Ventadorn a mesura (cfr. 4) é umha qualidade do bom amante, ligada à discreçom (cfr. 3, 16 e 37), já que a sua ausência pode fazer perder a *joi* de amor, e ligada assi mesmo a nom fazer nengum mal à dama (cfr. 2, 7, 9, 11, 12, 14, 27, 34 e 41). Mas nom esqueçamos que o amor, como força fatal por cima da razom e da vontade que analisávamos no apartado *d),* pode ser também superior ao desejo de servir bem à senhora, até deixar de amá-la, no próprio Bernard de Ventadorn.

j) Vassalage e submissom.

Já dixemos que este conceito de submissom amorosa estava intimamente ligado à mesura, à discreçom e a nom fazer nengum mal à mulher amada. Ao apartado anterior remetemos.

As relaçons amorosas da lírica provençal e galego-portuguesa tenhem umha expressom e léxico particulares, muitas vezes de tipo jurídico-feudal, relaçons de vassalage, fidelidade, submissom, etc., de um vassalo ou servo (o trovador namorado: «homo» ou «om» na lírica provençal) com respeito a umha senhora («domna» ou «midons» na lírica provençal; «senhor» na lírica galego-portuguesa). O carácter masculino ou melhor equívoco por nom apresentar variaçom genérica desse *midons* ou *senhor,* reforça essa transposiçom do léxico feudal de vassalage (do servo ao seu senhor) ao léxico amoroso (do trovador à sua *senhor*).

A palavra *servo* ou *servidor* nom é mui comum nas cantigas de Joam Airas. Aparece apenas na XXI: «mais, se cent'anos for seu servidor,/ nunca lh'eu ja amor demandarei». Mas é corrente o propósito de submissom: «e ir-m'ei quando mandares» (cfr. XXIII), sublinhando mesmo o *poder* que a senhora tem sobre el: «A mi senhor, que me ten en poder (...) sempr'eu farei quanto m'ela mandar» (cfr. XVII), apesar de que tanto nesta última cantiga como na XI, o amor pode mais que a submissom à senhora. Nom duvida, ainda que profundamente namorado, em partir da sua presença porque o seu amor lhe desagrada (cfr. XIII).

Contodo, o amor como vassalage ou submissom nom é tam freqüente em Joam Airas como em Bernard de Ventadorn, e o serviço amoroso interpreta-se normalmente como o de quem *sabe querer bem,* entendendo esse *querer bem* dentro das premissas do amor cortês (cfr. I, VII, VIII, XI, XIV e XVII).

No trovador provençal, o amante deve satisfazer sempre a vontade da dama (cfr. 2, 7, 9, 10, 11, 12, 14, 21, 27, 34, 37 e 41), o seu coraçom e o seu corpo pertencem à sua senhora, sendo el um objecto (cfr. 6, 7, 8, 19, 21, 31,

38 e 40), porque ela tem umha força superior (cfr. 2, 18, 23 e 37) e é adorada e invocada como umha divindade (cfr. 4, 5, 10, 11, 12, 27, 29 e 41). O amante serve-a com fidelidade, ainda que seja dura com el (cfr. 15 e 44), perdoando-lhe este sempre as suas faltas (cfr. 39).

Ora, o desespero amoroso pode criar o sentimento de renúncia contra as convençons do amor cortês (cfr. 28), procurando outras saídas, como vimos ao final do apartado *c*).

l) Personalizaçom do amor.

Este motivo é pouco habitual em Joam Airas (só aparece nas cantigas XIV e XVIII). Na cantiga XIV, Amor é o meio de que se vale a senhora para causar-lhe um mal de amor ao trovador. Na XVIII, Amor é umha força que une os amantes.

Em Bernard de Ventadorn tamém achamos essa personificaçom do amor como força fatal e poderosa, segundo vimos no apartado *d*) (cfr. 1, 4, 7, 9, 12, 14, 21, 27, 40 e 41), que obriga a amar a quem lhe parece (cfr. 7, 12, 13, 21 e 27).

Assi mesmo, no trovador provençal, Amor é umha divindade que se invoca (cfr. 12, 27 e 34).

m) Sinceridade de sentimentos e fingimento de amor.

É um motivo bastante comum na poesia de Bernard de Ventadorn e mui pouco habitual em Joam Airas e na lírica galego-portuguesa em geral (3).

A cantiga IX de Joam Airas admite que alguns podem jurar estar namorados quando o estám menos que el mesmo, mas nunca um mentiroso pode jurar tam bem como o que di verdade. Por esta última afirmaçom podemos classificá-la dentro das cantigas de tom optimista e de carácter renovador na nossa lírica (sem atender à provençal, em concreto a Bernard de Ventadorn).

No poeta provençal, nom só as suas composiçons denotam sinceridade na emoçom do trovador, senom que em muitas composiçons declara abertamente a sua sinceridade e o repúdio do fingimento de amor (cfr. 1, 2, 23, 24, 26 e 40).

n) Trovar ou cantar como sinónimo de amar.

O ofício de trovador é o mesmo que a própria relaçom amorosa e está ligado a ela.

O trovador compostelano considera a poesia como traduçom do sentimento e, sendo a coita de amor um tema principal, por serem muitas as coitas, muitos som, pois, os seus cantares, para assi poder perdê-las nas suas cançons (cfr. IV). Som as próprias coitas as que fam que el componha as suas cantigas. Nesta linha tamém podemos considerar a cantiga IX, comentada no apartado anterior, na qual os seus cantares som válidos porque exprimem um amor verdadeiro.

---

(3) J. L. RODRÍGUEZ: *op. cit.*, pág. 88.

E neste último aspecto podemos considerar tamém as cançons de Bernard de Ventadorn aludidas no apartado anterior. E assi mesmo a cançom 26 («que mos chantars li plai» = que o meu amor lhe agrada), 32 e 33, em que o desespero dá lugar à ausência de inspiraçom e nom cantar é sinónimo de nom amar.

o) O coraçom e o trovador.

Som duas entidades que podem ser disgregadas: o coraçom está (ou vai) ao lado da senhora e o corpo está longe dela.

Joam Airas toca este tema na cantiga VI. Bernard de Ventadorn alude-o nas cançons 4, 6 e 24. Na 10 é o espírito o que está cerca da dama e o corpo longe, sendo o espírito mensageiro do amor (tópico bastante usual na lírica provençal). Na 13 nom se alude de maneira clara se é o coraçom ou o espírito o que está com a amada.

p) O debate amoroso.

A *tensó* é um género diferente da *cansó* de amor na lírica provençal e pode tratar sobre diversos temas, entre eles o amoroso, como nos debates de Bernard de Ventadorn.

Em Joam Airas temos dous diálogos amorosos, em certa maneira debates, mas enquadrados claramente dentro da cantiga de amor, nom só pola temática, senom porque é o trovador o primeiro que fala, fora do diálogo, e porque é o único autor da cantiga. Estamo-nos a referir à cantiga XVIII e à XXIII (a pastorela).

Em Bernard de Ventadorn temos três *tensós* amorosas: 28, 32 e 35 (esta última atribuída a este trovador por M. Lazar e nom por outros autores). Com umha temática semelhante à *cansó* de amor, embora mais teorizante nas duas primeiras tençons Bernard condena, na primeira, o amor e as damas, e na segunda trata acerca do desespero de amor e a falta de inspiraçom, face aos seus dous interlocutores que defendem posicionamentos opostos. Na 35 é ao revés.

Hai várias diferenças entre as cantigas de amor dialogadas de Joam Airas e as tençons de Bernard de Ventadorn. A primeira está nos interlocutores: em Joam Airas som o trovador e a sua senhora; em Bernard som el mesmo e outro trovador. A segunda está na autoria; Joam Airas compom toda a cantiga; Bernard compom o debate em colaboraçom e de maneira alternada com outro trovador. A terceira é a distribuiçom dos parlamentos: em Bernard cada trovador escreve utilizando estrofes completas e alternadas; em Joam Airas o diálogo de cada um dos interlocutores nom abrange estrofes completas e alternadas e pode haver antes ou no meio do diálogo umhas palavras do poeta que nom se correspondem com o diálogo em si. Por estas características podemos considerar os diálogos amorosos de Joam Airas herdeiros da pastorela provençal dialogada, ainda que a XVIII nom tenha outras caraterísticas que as liguem com ela. De todas as maneiras, estám dentro das peculiaridades da cantiga de amor, só que dialogadas, e umha de-

las, com os traços da pastorela mais marcados (a XXIII), já que na outra a dama nom é propriamente umha pastora.

Em Joam Airas pode haver parlamentos parciais que poderiam ocasionar um diálogo se houvesse resposta. Assi, nas cantigas III e VII o trovador dirige-se à senhora de maneira directa; na X e XIII fai umha pergunta pedindo umha resposta; na XX responde às sugerências de alguns de que deixe a sua senhora, mas estas sugerências nom estám formuladas em estilo directo por parte dos interlocutores, senom que nos informa delas o próprio trovador em estilo indirecto; na cantiga I, embora lhe perguntem em que situaçom estám os seus amores, o poeta nom quer responder porque vam mui mal. Nesta última tampouco hai pergunta em estilo directo e a correspondente resposta, que quer esconder a todos, está em estilo directo, mas dirigida nom aos que perguntam, senom a outros interlocutores. Polo desenvolvimento particular do tema da pergunta, de maneira pouco comum na lírica galego-portuguesa ao nom querer responder, esta cantiga I é tematicamente inovadora.

q) O amor como riqueza.-

Em Bernard de Ventadorn amar e ser amado é a maior das riquezas (cfr. 6). Em Joam Airas, o amor correspondido fai-lhe admitir que «un pobre ledo mil tanto val/ ca rico triste en que non á prazer» (cfr. XIX).

B) *Temas e motivos nom coincidentes.*

Os temas e motivos que Joam Airas trata e que nom estám presentes em Bernard de Ventadorn, devem-se à influência ou superposiçom de outros géneros ou subgéneros nas cantigas de amor do trovador compostelano, géneros e subgéneros que o poeta provençal nom tocou.

Nas cantigas VI e XIX de Joam Airas hai umha contaminaçom de um género existente na lírica galego-portuguesa e nom na provençal: a cantiga de amigo. Deste género recolhe o trovador galego-português o tema da *senhora bem guardada,* pola mai e servidores desta, que actuam como contraponto, igual que os *lauzengiers* provençais, mas com matizes diferentes, nas relaçons dos amantes. Isto podemos constatá-lo na cantiga VI.

Na cantiga XIX, em lugar da palavra *senhor,* preceptiva da cantiga de amor, utiliza a denominaçom *amiga,* mais própria da cantiga de amigo. Ainda assi, a denominaçom de *amic* ou *amic privat* referindo-se à pessoa amada, é de uso normal na cançom de amor provençal e em Bernard de Ventadorn e, nesta cantiga de amor, encontramo-nos perante um caso de correspondência amorosa, que em parte explica o emprego de *amiga* numha cantiga deste género.

Tamém temos em Joam Airas na cantiga XXIII a contaminaçom do que poderíamos considerar um subgénero da cantiga de amor (tamém na lírica provençal se pode considerar subgénero da cançom de amor): a pastorela, que nom aparece em Bernard de Ventadorn, autor só de cançons e tençons.

Contodo, repete-se um tópico mui comum na lírica provençal e no próprio Bernard (contra o qual este mesmo autor luita): a descriçom radiante da natureza primaveral inundada de amor (veja-se o apartado *g*) sobre a *joi* e o gozo de amor em Bernard de Ventadorn).

A influência da cantiga de amigo e da pastorela denotam nessas cantigas de Joam Airas um certo gosto polo popularizante, nom existente em Bernard de Ventadorn, sem perder porém o carácter ou mesmo o predomínio dos preceitos do amor cortês.

Os temas e motivos que o trovador provençal utiliza que nom estám presentes em Joam Airas devem-se ao diferente sentido da relaçom amorosa da lírica de além-Pirenéus face à galego-portuguesa.

Na lírica provençal, mais rica em actantes, existe normalmente um triángulo amoroso formado pola dama, o trovador amante e o marido (o *gilós*). Na cançom 24 joga-se com este triángulo claramente, utilizando um tópico mui comum na lírica provençal: o corpo da dama é do marido, mas o coraçom é do trovador amante. Ao lado deste triángulo estám os que poderíamos chamar oponentes ou coadjuvantes dessa oposiçom: os *lauzengiers* (aduladores ou caluniadores), que nom podem suportar a alegria e o amor sincero de outros (cfr. 5), que nom devem intimidar à dama (cfr. 3), que som combatidos pola *joi* do amante (cfr. 5) e a quem se deve maldizer (cfr. 9). Outros oponentes, neste caso só do amor do trovador, som os rivais, com os quais aquel deve ser mesurado e cortês (cfr. 13), apesar de serem orgulhosos e melhor recompensados do que el (cfr. 23). Por outro lado temos um coadjuvante na relaçom amorosa: Deus, a quem se implora para conseguir um encontro (cfr. 29), para saborear a *joi* prometida (cfr. 44) ou para conhecer o gozo físico (cfr. 38). A existência do triángulo amoroso implica umha discreçom, da qual já falamos algo no apartado *i*) sobre a mesura (cfr. 25 e 41), sendo nisto fundamental o segredo.

Por outra parte, a relaçom amorosa na lírica de Bernard de Ventadorn é muito mais ampla e mais rica em matizes que no poeta compostelano (que as mais das vezes é coita de amor e só nalguns casos alegria), podendo ter umha gradaçom desde a felicidade absoluta à infelicidade total, passando pola nostalgia e outros degraus intermédios: a dama, feita para ser amada (cfr. 12, 14, 19, 23 e 38), é fonte da *joi* suprema (cfr. 6, 10 e 40), mas tamém pode humilhar ao seu amante amando a outros (cfr. 12, 25 e 34) e ser cruel com el (cfr. 9, 19, 23, 27 e 41); o trovador pode ter entom inveja dos amantes felizes (cfr. 17, 31 e 39) ou sentir umha profunda nostalgia que se dissipa como o desejo de estar na sua alcova (cfr. 37); mas o amor esmorece se o desejo fica insatisfeito (cfr. 9, 27 e 34), a paixom consome-o (cfr. 9, 12 e 42) e entom, sem a *joi* de amor nom resta mais que morrer (cfr. 39), porque a *joi* é a fonte de todo quanto é amor (cfr. 2, 11 e 25) e porque sem amor nom vale a pena viver (cfr. 1, 2, 31 e 34).

Estes e outros matizes já apontados no apartado em que vimos os temas e motivos coincidentes com Joam Airas, dam à poesia de Bernard de Venta-

c) *Número de estrofes por cançom / cantiga.*

A extensom das cançons do trovador provençal é superior à das cantigas do compostelano.

A preferência geral na lírica provençal é polas cançons de 6 a 7 estrofes. Esta é tamém a preferência de Bernard de Ventadorn (4):

—De 7 estrofes: 18 composiçons.

—De 6 estrofes: 16 composiçons.

—De 5 estrofes: 5 composiçons.

—De 8 estrofes: 2 composiçons.

—De 9, 4 e 3 estrofes: 1 composiçom de cada.

Em Joam Airas temos:

—De 3 estrofes: 19 composiçons.

—De 4 e 2 estrofes: 2 composiçons de cada.

Nestas relaçons nom computamos como estrofes as *tornadas* provençais e as *fiindas* galego-portuguesas.

d) *Número de versos por cançom / cantiga.*

Além de a extensom em número de estrofes ser superior no trovador provençal, tamém o é, conseqüentemente, o número de versos por cançom.

O número de versos neste poeta oscila entre um mínimo de *28* e um máximo de *72*, sendo as mais habituais de *56* (13 cançons), *42* (6 canços), *48* (5 cançons) e *49* (4 cançons).

Em Joam Airas oscilam entre um mínimo de *12* versos (2 cantigas) e um máximo de *32* (1 cantiga), sendo o mais habitual *18* (14 cantigas) e *21* (5 cantigas). Só hai umha cantiga com *28* versos.

Nestas relaçons tampouco temos em conta os versos das *tornadas* e os das *fiindas*.

e) Número de versos por estrofe.

Aqui si que coincidem algo mais a extensom das estrofes do poeta provençal com as do trovador compostelano.

A preferência na lírica provençal é a mesma que a de Bernard de Ventadorn: 7 ou 8 versos por estrofe. Assi temos neste trovador:

—De 8 versos por estrofe: 21 composiçons.

—De 7 versos por estrofe: 12 composiçons.

—De 9 versos por estrofe: 4 composiçons.

—De 10, 12 e 6 versos: 2 composiçons de cada.

—De 11 versos; 1 composiçom.

---

(4) Seguimos o cômputo do quadro das págs. 34-35 da ediçom de M. Lazar, mais exacto que a relaçom da pág. 28 que inclui 19 composiçons de 7 estrofes, 14 de 6 e 6 de 5.

dorn a originalidade e a sinceridade, pola variedade de emoçons líricas, que apontávamos na introduçom.

II. MÉTRICA, VERSIFICAÇOM E TÉCNICA POÉTICA

Ainda que neste apartado a lírica galego-portuguesa e, em especial, a cantiga de amor lhe deve bastante à cançom provençal, esta é muito mais complexa e longa em Bernard de Ventadorn que em Joam Airas (e tamém de maneira geral na lírica provençal), como se pode comprovar no seguinte estudo comparativo.

a) *Tipo de cançons/cantigas.*

Das 23 cantigas de amor de Joam Airas, só 7 som de *meestria* (XII, XIII, XVI, XVII, XVIII, XIX e XXIII), mais acordes com a estruturaçom da cançom provençal, sendo as 16 restantes de *refram,* mais consoantes com os moldes tradicionais e populares galego-portugueses.

A totalidade das 44 composiçons de Bernard de Ventadorn tenhem a estrutura própria da cançom de amor provençal, mesmo as três tençons de amor. Nestas, o primeiro interlocutor impom a métrica, rima e melodia a quem lhe tem que responder nas seguintes estrofes, segundo os cánones.

b) *Tipos de estrofe pola estrutura da rima.*

Os tipos de estrofes atendendo às relaçons de rima que tenhem entre si som mais variadas e artificiosas no trovador provençal que no poeta compostelano.

Das diferentes modalidades existentes, as mais singelas som as estrofes *singulars,* as mais numerosas em Joam Airas e as menos em Bernard de Ventadorn e na lírica provençal em geral.

Neste último trovador temos:

—*unissonans* (repetiçom das mesmas rimas em todas as estrofes): em *30* composiçons.

—*doblas* (as mesmas rimas de duas em duas estrofes): em *10* composiçons. Bernard de Ventadorn utilizou este tipo mais freqüentemente que outros trovadores provençais.

—*doblas alternadas* (repete-se a mesma rima nas estrofes impares por um lado e nas pares por outro): em *1* composiçom.

—*ternas* (as mesmas rimas de três em três estrofes): em *1* composiçom.

—*singulars* (diferentes rimas em cada umha das estrofes, sem alterar o estrofismo e a disposiçom de rimas graves e agudas): em *2* composiçons.

Em Joam Airas temos os seguintes tipos:

—*singulars:* em *14* composiçons.

—*unissonans:* em *1* composiçom (XVII).

—*singulars* e *unissonans* à vez: em *8* composiçons (III, V, VIII, XV, XVIII, XIX, XXI e XXII).

Joam Airas, a *fiinda* condensa e conclui a temática geral da cantiga e, nalguns casos, moraliza.

Formalmente, como dizíamos, a *fiinda* é herdeira da *tornada:* de menor número de versos que a estrofe, reproduz as rimas da última (ou no caso das cantigas de refrám, as do refrám e/ou as da última estrofe), ainda que na cantiga XVI, a *fiinda,* contodo, tem rima parcialmente independente.

No poeta provençal só 5 cançons nom tenhem *tornada* de um total de 44. Em Joam Airas nom tenhem *fiinda* 12 cantigas de amor de um total de 23, sendo mais habituais nas de refrám.

Das restantes, 20 composiçons de Bernard de Ventadorn tenhem umha única *tornada* e 19 duas (5), somando um total de 58. No trovador compostelano todas as cantigas que levam *fiinda* tenhem só umha.

Quanto ao número de versos por *tornada,* predominam as de 4 versos (24 tornadas) e as de 3 (23 tornadas), despois as de 2 (10 tornadas) e as de 5 (só 1 tornada). Em Joam Airas predominam as de 2 versos (7 fiindas), sobre as de 3 (3 fiindas) ou de 4 (só 1 fiinda).

De toda esta relaçom podemos observar que o uso da *fiinda* em Joam Airas é menor que em Bernard de Ventadorn, que o primeiro sempre utiliza umha e que o número de versos por *fiinda* é inferior ao de versos por *tornada.* As duas últimas conclusons comparativas estám intimamente ligadas à longitude das composiçons do poeta compostelano, inferior, como vimos, às do provençal, estando, pois, estruturalmente compensadas as cantigas.

h) *As rimas.*

Pondo de parte as *coblas capcaudadas,* artifício mnemotécnico que veremos no próximo apartado, podemos considerar a seguinte tipologia de rimas:

—*Rimas agudas e graves.* O gosto polas rimas agudas é herdança da lírica provençal na nossa lírica. Tanto é assi que Joam Airas utiliza rimas agudas (ou longas) em 20 cantigas e combina agudas e graves (ou breves) nas outras 3. Bernard de Ventadorn combina agudas e graves em 26 composiçons, empregando as agudas em 17 e as graves em 1 de maneira isolada. Vemos aqui umha adaptaçom ao modelo ultrapirenaico com mais intensidade no próprio Joam Airas que no trovador provençal, ao usar as rimas agudas, mais correntes nos temas de corte culto, sobre as graves, mais próprias das composiçons provençais de tipo popular.

—*Mot tornat* (repetiçom de umha mesma palavra rimando). É considerado vício na preceptiva provençal, mas o próprio Bernard cai nel, ao repetir a palavra *ensenhamens* (que nom é *mot equivoc* nem *mot refranh*) na cançom 1. Joam Airas emprega-o nas cantigas VIII e XXII, e tamém na XV, mas neste último caso os *mot tornats* som três diferentes, nos mesmos luga-

(5) Novamente utilizamos aqui a relaçom mais exacta que podemos observar no quadro de versificaçom de M. Lazar nas págs. 34-35 e nom a que nos proporciona na pág. 30 (21 composiçons de 1 tornada e 18 de 2).

Joam Airas prefere 6 versos por estrofe e, em segundo lugar, 7 versos. Assi (quando hai a soma de duas cifras a segunda corresponde ao número de versos do refrám):

—De 6 versos por estrofe: 15 composiçons (12 de 4+2, 1 de 3+3, 1 de 5+1 e 1 de 6 sem refrám).

—De 7 versos por estrofe: 7 composiçons (1 de 6+1 e 6 de 7 sem refrám).

—De 8 versos por estrofe: 1 composiçom (de 6+2).

Contodo, vê-se tamém neste caso que as composiçons do trovador provençal som normalmente superiores em número de versos por estrofe.

Nesta relaçom tampouco computamos o número de versos por *tornada* e *fiinda*.

f) Número de sílabas por verso.

A lírica provençal prefere os versos de 6 a 8 sílabas e na época de Bernard de Ventadorn havia tamém umha certa preferência polo verso de 10.

Desta arte, neste trovador pódemos fazer a seguinte relaçom, tendo em conta que os versos podem aparecer numha mesma composiçom com a mesma medida (isolados) ou jogando com diferentes medidas numha mesma composiçom (combinados):

—Octossílabos: em 23 composiçons (em 9 delas isolados).

—Heptassílabos: em 22 composiçons (em 11 delas isolados, polo que na realidade, constituem maioria sobre os octossílabos).

—Decassílabos: em 9 composiçons (em 3 delas isolados).

—Hexassílabos: em 7 composiçons (em 4 delas isolados).

—Pentassílabos: em 3 composiçons (sempre combinados).

Se bem a preferência de Bernard de Ventadorn é polos heptassílabos e octossílabos e, num segundo plano, os decassílabos, a de Joam Airas é polos decassílabos e num segundo plano os octossílabos e heptassílabos:

—Decassílabos: em 17 cantigas.

—Octossílabos: em 3 cantigas.

—Heptassílabos: em 2 cantigas.

—Eneassílabos: em 1 cantiga (combinados com decassílabos, polo que estes som realmente utilizados em 18 cantigas).

Destas relaçons pode desprender-se o gosto do poeta compostelano, menor no poeta provençal, polas estrofes isossilábicas, sem combinaçom de diferentes medidas de versos.

g) *As tornadas e as fiindas.*

Embora a *fiinda* seja formalmente herdeira da *tornada* provençal, tematicamente aquela nom segue os preceitos desta, que era normalmente um *envio* à dama à qual se dirigia a cançom, muitas vezes com o seu *senhal*. Em

res de cada estrofe e rimando com o refrám, que varia ligeiramente em cada umha delas para dar lugar a essas palavras rimantes. Trata-se neste caso propriamente de um artifício e nom de um vício.

—*Mot equivoc* (repetiçom de duas ou mais palavras idênticas em rima, mas com sentido diferente cada umha). O trovador provençal usa-o nas cançons 1, 11, 17, 20 e 22; o compostelano nas cantigas X, XII e XVIII.

—*Mot refranh* (repetiçom de umha mesma palavra rimando no mesmo verso de cada estrofe). Bernard de Ventadorn utiliza-o nas cançons 4, 13 e 24. Joam Airas na cantiga XVIII, em dous casos.

—*Rims derivatius* (rimas feitas a base de palavras derivadas). Temo-las no trovador provençal nas cançons 5 e 39. Em Joam Airas nas cantigas VII, XI, XII, XIV, XVIII, XX e XXI. Ora, nas cançons de Bernard de Ventadorn as rimas derivadas dam-se ao longo de toda a composiçom; nas cantigas do poeta compostelano som só casos isolados na composiçom (umha, duas ou três rimas derivadas em toda ela), apesar de aparecerem em mais composiçons.

i) *Recursos e artifícios mnemotécnicos.*

Estes recursos tinham como fim o bom ordenamento e execuçom musical das composiçons. Em si constituem verdadeiros artifícios poéticos:

—*Coblas capcaudadas* (o último verso de umha estrofe tem a mesma rima que o primeiro da seguinte). É um recurso pouco empregado polos trovadores que nos ocupam. Bernard de Ventadorn utiliza-as nas composiçons 1, 4, 7, 35, 42, e, em parte, na 22 e 27. Joam Airas nas cantigas XVII, XVIII, XIX e, em parte, na III e VIII.

—*Coblas capfinidas* (repetiçom de umha palavra do último verso de umha estrofe no começo da seguinte). É um recurso que o poeta provençal nom utiliza, enquanto o trovador compostelano o tem como mui habitual (em 13 cantigas: II, III, IV, VII, IX, X, XII, XV, XVI, XVII, XIX, XX e XXI). Nas *capfinidas* que levam refrám repete a palavra do último verso da estrofe, do refrám ou de ambos (cfr. IX) no primeiro da seguinte.

—*Coblas capdenals* (repetiçom de umha ou mais palavras no começo dos mesmos versos das diferentes estrofes). Tampouco é um artifício empregado por Bernard de Ventadorn, mas é freqüentíssimo em Joam Airas, que só nom o utiliza em 4 cantigas (IV, VIII, IX e XIII). Nalguns casos, a conexom anafórica das *coblas capdenals* fai-se com umha conjunçom e noutros com umha frase breve, que recorda mais bem as cantigas paralelísticas em muitos casos.

—*Dobre* (palavra que se repete no mesmo verso de cada estrofe). Excluímos aqui os casos que seriam *dobres* em rima, que já fôrom vistos no apartado *h*) das rimas. Tampouco é recurso utilizado polo trovador provençal e mui freqüente no compostelano, pois que só nom o usa em 4 cantigas (IX, XV, XXII e XXIII).

—*Mordobre* ou *mozdobre* (o mesmo que o *dobre,* mas com palavras derivadas). Tamém excluímos os casos que seriam *mordobre* em rima, já vistos

no apartado *h*) de rimas *(rims derivatius)*. Assi mesmo, Bernard de Ventadorn nom o emprega, enquanto Joam Airas si nas cantigas I, III, IV, V, VI, VIII, X, XIII, XIV, XVII, XVIII, XIX e XX.

Como conclusom a este apartado de artifícios mnemotécnicos pode indicar-se que o trovador compostelano se serve destes recursos com muita mais freqüência que Bernard de Ventadorn, que só utiliza as *capcaudadas*. Algumhas cantigas chegam a estar realmente sobrecarregadas destes recursos (cfr. XII, XVII, XVIII e XIX), mas isto nom quer dizer que nom achemos algumha sem nengum (cfr. XXIII).

O uso abundante de artifícios consistente na repetiçom de umha ou mais palavras recorda (e em muitos casos chega a) o paralelismo de muitas das nossas cantigas de amigo, de indubitável sabor popular.

III. ESTILO

Sobre o estilo dos dous trovadores, recolho o elaborado polos dous autores das ediçons críticas citados (6).

No caso de Bernard de Ventadorn joga um papel fundamental na sua poesia a metáfora como expressom imediata de umha emoçom interior *(trobar leu)*, nom como umha procura laboriosa e complexa *(trobar ric)* ou hermética *(trobar clus)*.

M. Lazar agrupa as metáforas e imagens poéticas nos seguintes apartados:

a) Flora e fauna: a neve, o gelo, o frio, as plantas, som transformadas polo estado interior do trovador (a neve, por exemplo, é flor branca e vermelha). Os amantes comparam-se ou transformam-se em animais: osso, leom, andorinha, raposo, peixe, e as qualidades que normalmente lhes som atribuídas, atribuídas a si próprios.

b) Os quatro elementos: o poder da dama compara-se com o vento; o corpo da dama é branco como a neve; as lágrimas som a água do coraçom; o lume é a paixom que consome ao amante; a beleza dela é luminosidade; o coraçom da dama é pedra dura.

c) Medicina e magia: o amor da senhora cura o amante; os olhos da dama enfeitiçam.

d) A guerra. Muitos termos da guerra som aplicados às relaçons amorosas (combater, sitiar, vencer, forçar, render-se, conquistar, defender-se, etc.).

e) Linguage feudal, religiosa e jurídica. Já falamos do uso da palavra *midons* no apartado *j*) acerca da vassalage e submissom, dentro dos temas e motivos, assi como de servo. O amante junta as maos e adora-a ou está ajoelhado perante ela.

f) Aforismos a reminiscências literárias: o que fala mal das damas é mais insensato que quem semeia na areia; o trovador nom é mais inteligente

(6) Veja-se J. L. RODRÍGUEZ: *op. cit.*, págs. 47-54 e BERNARD DE VENTADORN: *op. cit.*, págs. 23-27.

que um meninho; o ladrom pensa que todos som da sua mesma condiçom; nom é o poeta volúvel como as mulheres; todas as mulheres som parecidas. Nas alusons literárias fai referência à lança de Peleu, a Narciso, Tristám e Iseu, as Escrituras, etc.

g) O amor como jogo e o amor como riqueza: a dama diverte-se e ganha sempre no jogo amoroso; o amante é rico porque tem o amor da senhora.

h) A alcova é o «lugar» ou o Paraíso: lugar íntimo, lugar onde ela se deita, onde ela se despe; a dama deve receber o amante na intimidade do seu «paraíso honroso».

i) Os olhos da senhora som um espelho: os seus olhos som um espelho prazenteiro.

O estilo de Joam Airas evita o nível excessivamente culto, estrangeirizante ou vulgar. A linguage é clara, na linha tamém do *trobar leu,* pobre em termos concretos, provençalismos, galicismos e rica em fraseologia popular.

Emprega, por exemplo, o paralelismo verbal, estrutural e semántico de estrofe para estrofe (cfr. IV, VI, IX, XVIII e XXI), a repetiçom, a derivaçom, muitos bordons, apartes e apóstrofes, provérbios, etc. Mas tampouco faltam alguns recursos de carácter mais culto e provençalizante: hipérbatos, equívocos, hipérboles e comparaçons tópicas desmesuradas (cfr. XVII), metonímias (cfr. VI: o coraçom como sentimento e parte do corpo). As metáforas, tam abundantes no trovador provençal, som escassas em Joam Airas.

Em resumo, o estilo dos dous trovadores é semelhante por ser claro e conciso *(trovar leu),* mas diferencia-se por ser o de Joam Airas mais popularizante e o de Bernard de Ventadorn mais rico em metáforas e mesmo erudiçom.

IV. CONCLUSONS

Recopilamos aqui, a maneira de conclusons, as similitudes e diferenças entre as composiçons do poeta provençal e as do trovador compostelano.

Começando polos *temas,* convém esclarecer que os assumidos por Joam Airas, na prática totalidade, já foram tratados por Bernard de Ventadorn. Mas em princípio hai algo que em conjunto diferença os dous trovadores, embora com temática comum: o tom normalmente pessimista das cantigas de amor de Joam Airas (insistência na coita de amor, na morte de amor, na nom correspondência da dama...) e da nossa lírica galego-portuguesa (e Joam Airas é dos menos pessimistas!), face ao tom mais optimista das cançons de Bernard de Ventadorn e a lírica provençal em geral (a *joi* rebosante que transforma todo, nacida da correspondência da dama; à nom correspondência pode haver esperança ou outras saídas...). A coita de amor nom é incompatível na lírica do trovador provençal com a esperança e a *joi,* e um beijo ou a mesma *joi* pode ser a soluçom à morte de amor.

Na concepçom da dama, Bernard de Ventadorn é mais realista, desenhando retratos perfeitos, físicos e mesmo psicológicos da mulher. Em Joam

Airas enuncia-se algumha qualidade física e moral com traços mínimos e genéricos.

Os desejos (e mesmo os contactos realizados) sensuais e eróticos som abundantes no trovador provençal (beijo, abraço, jogo erótico, gozo físico, etc.). No trovador compostelano só se alude a um desejo erótico na cantiga XXII (apertá-la e abraçá-la fortemente).

O conceito feudal e cortês do amor *(fin'amors)* está mais marcado em Bernard de Ventadorn (relaçons de vassalage; o triángulo amoroso, os oponentes e coadjuvantes). Assi mesmo, as emoçons líricas na relaçom amorosa som mais variadas que em Joam Airas.

Quanto à *métrica,* embora haja evidentes pontos comuns na preceptiva provençal e galego-portuguesa e, logicamente, nos nossos autores, hai tamém umha série de traços que caracterizam um e outro trovador.

É maior a complexidade das cançons de Bernard de Ventadorn na composiçom (preferência por estrofes mais complicadas como as *unissonans, doblas,* alternadas e *ternas;* rimas derivativas ao longo de todo o poema), assi como a sua longitude (maior número de estrofes, de versos por cançom, de versos por estrofe e, consqüentemente, de tornadas), que a que podemos observar em Joam Airas.

No gosto pola versificaçom ultrapirenaica, o trovador compostelano utiliza, em maior quantia que Bernard de Ventadorn, as rimas agudas e a nom combinaçom de versos de diferentes metros nas suas composiçons.

Mas hai tamém um gosto polo autóctono e tradicional quando a maior parte das cantigas de Joam Airas levam refrám e artifícios mnemotécnicos baseados na repetiçom (e mesmo quase total paralelismo) vocabular.

Além dessa preferência polo tradicional de origem popular que acabamos de ver na métrica e que vimos na temática, porque a cantiga de amor é permeável à influência da cantiga de amigo, tamém o *estilo* de Joam Airas, embora coincidente na clareza e espontaneidade com Bernard de Ventadorn, gosta da expressom popular (fraseologia, repetiçons, bordons, provérbios, etc.), sem que por isso deixe de ter matizes cultos.

Pola sua parte, o estilo do trovador provençal é mais rico em metáforas e mesmo referências eruditas, com menos concessons à expressom popular, ainda que tampouco isento dela.

Enfim, dous grandes poetas que avultam numha corrente fortemente unitária, com traços próprios, individuais e representativos das suas culturas.

BIBLIOGRAFIA EMPREGADA

BERNARD DE VENTADORN: *Chansons d'amour,* Librairie C. Klincksieck, Paris, 1966 (Edition critique avec traduction, introduction, notes e glossaire par Moshé Lazar).

RIQUER, Martín de: *Los trovadores,* tomo I, Ariel, Barcelona, 1983 (2.ª ed.).

RODRIGUES LAPA, Manuel: *Lições de literatura portuguesa. Época medieval,* 9.ª ed., revista e acrecentada, Coimbra Editora Limitada, 1977.

RODRÍGUEZ, José Luís: *El cancionero de Joan Airas. Edición y estudio,* Verba, anexo 12, Universidade de Santiago de Compostela, 1980.

NOTAS

Do galeguismo de Alfredo Pedro Guisado ou Pedro de Menezes

Por José António FERNANDEZ CAMELO

Maria Aliete Galhóz, uma das figuras pioneiras que revelaram ao mundo os inéditos do espólio de Fernando Pessoa, no prefácio à edição primeira desses inéditos, referindo-se aos poetas que constituíram o Grupo do *Orfeu* (1), afirma: «Alfredo Pedro Guisado tem por raízes a sua Galiza natal».

Poeta representativo dessa geração que, em 1915, determinou profundas viragens nos domínios da Literatura Portuguesa, veio depois a dedicar grande parte da sua actividade literária e jornalística ao serviço dessas «raízes», podendo mesmo afirmar-se, sem sombra de dúvida, que Alfredo Guisado foi, em Portugal o grande difusor dos nacionalistas galegos, do Renascimento literário galego e do «Galeguismo», de que se fizeram eco os jornais «A Democracia», «O Debate», «A Pátria» e o «Diário de Lisboa».

Este último, graças a António Ferro, tornar-se-ia o portavoz do mesmo galeguismo, passando até a fazer intercâmbio com «A Nosa Terra», idearium das Irmandades da Fala.

Alfredo Guisado costumava dizer: «foi em menino que me contaram essa literatura e é agora que já vou atingindo meio caminho da vida que embalo na minha sensibilidade (...) essa linda terra de castelos arruinados espreitando do cimo dos outeiros, essa Galiza doentinha há tantos séculos encarcerada à beira do Atlántico que conhece o mundo apenas através das grades da janela que se chama Espanha».

Começou o Alfredo Guisado o seu labor, fazendo parte de uma comissão de galegos, residentes em Lisboa, que tinha por objectivo promover uma subscrição a favor dos mutilados de guerra portugueses.

«(...) vosoutros que nacestes nun-ha terra tan linda com'a esta, que ten un soliño tan d'ouro com'a este, que tendes as vosas nays as vosas novias tan amantes com'as que estes teñen, deceinos se nom seriades capaces de defendelas com'a estes o fixeron, s'o voso corazón qu'é a bulsa da Alma se nom abre pros axudar agora qu'eles probiños, no podem ganar pra vivir.

E nosoutros que vivimos n'esta Terra que foron defender pra eles e pra nós porque sempre nos ten acollido como nay e nos ten axudado a vivir non havemos de darlle tamen algo d'o qu'é noso? Iso non seria, de xente! E nós temos un corazón tan grande como o Amor qu'eles teñen polla sua Pátria. Dai o que poidades, amigos, dai

---

(1) Grupo nascido no café lisboeta Irmãos Unidos, propriedade de galegos, onde também nasceu o heterónimo Álvaro de Campos e a talvez *blague* de Alfredo Guisado ter visto Alberto Caeiro, na Galiza.

o que poidades, pero dai algun-ha cousa. Nós vo-lo pedimos, en nome d'a grandeza d'os sentimentos d'a nosa Raza!

A Comision - Agapito Serro Fernandez, Lourenzo Varela Cid, Ermindo Augusto Alvarez, Ramiro Vidal Carrera, Alfredo Pedro Guisado». (2).

A propósito da criação de uma aldeia Galega na Flandres escreve «O Jornal« de 3-12-1919, «Pedro de Menezes, um dos melhores poetas da nova geração, um consagrado entre os novos (...) [com] a sua alma na Galiza anexada a Portugal, envia-nos uma carta na qual põe todo o seu entusiasmo, toda a sua vibratilidade de poeta emotivo».

Carta de grande importância pelas referências que faz a Castelao e que julgamos oportuno transcrever:

«Meu caro António Ferro

Hás-de perdoar-me a maçada que te vou dar roubando-te algum tempo com a leitura desta carta. Mas como tenho a certeza que vais acolher com simpatia o que te vou escrever, resolvi abusar um pouco da tua boa amizade. Trata-se de uma ideia levantada na Galiza para a construção na martirizada Flandres, duma Aldeia Galega. O «Diário de Notícias», num telegrama anunciando-a, publicou os nomes dos que a vão erguer com a ajuda de todos os galegos, mesmo aqueles que vivem longe da sua terra, —grito duma Raça esquecida e dum povo espezinhado.

Entre os nomes que formam a Comissão que vai dar forma a essa linda ideia, que só de corações amigos da sua terra poderia sair, conta-se o do grande pintor galego Rodriguez Castelao, aquele que tanto tem contribuído para o engrandecimento da Galiza e que com o seu lápis que é uma lança, tem guerreado sem tréguas, aqueles que arrastam um Povo que, adormecido durante séculos, começa agora a erguer-se bem alto e a dizer ao mundo o que vale.

Rodriguez Castelao, quando desenha, desenha com a Alma, e é bem aquele pintor que ainda há dias numa carta que me enviou, escrita en galego, se definia assim: —«Eu son o dibuxante-lobo, home que non ten a luz d'a espranza diante nin detrás, senon enriba d'a sua casa».

A Colónia Galega de Lisboa, está disposta a apoiar essa iniciativa e ainda ontem na sociedade «Juventud de Galicia», que se dissolveu para depois se formar um grande Centro, aprovou um voto de louvor a essa Comissão e resolveu telegrafar-lhe colocando-se incondionalmente a seu lado.

O «Diário de Notícias» anunciou a ideia mas não mais falou nesse assunto.

E a Colónia que elegeu ontem a Comissão de Propaganda da Galiza, está disposta a, custe o que custar, erguer em alto vôo o nome daquela Terra que a indolência de séculos sepultou.

Quererás tu, no teu Jornal, dizer duas palavras em favor daquela pobre Galiza de quem ninguém fala, de quem todos se riem e que foi a Pátria de Rosalia Castro e de Curros Enriquez?

Muito t'o agradeceria o teu amigo e admirador, Pedro de Menezes».

Em 7 de Junho de 1920, o jornal a «Pátria» entrevista Alfredo Guisado, dando relevo ao afecto que ele consagra à Galiza, ao mesmo tempo que aborda os problemas da emigração do povo galego, do movimento intelectual galego, do movimento agrário e autonomia.

«O Povo Galego, para onde vai, leva dentro de si a su própria terra e só pensa no engrandecimento dela.

Emigra na esperança de fazer fortuna rápida à custa de trabalho extenuante. Os laboriosos galegos chegam a Portugal que os acolhe com carinho, que os abraça co-

---

(2) Encabeça a lista, o pai de A. Guisado, António Venâncio Guisado que contribuiu com 50$00 (1919) e a subscrição rendeu logo 600$00.

mo seus filhos fossem e, porque encontram no povo português um povo irmão que os compreende nas suas dores e nas suas alegrias, Portugal é o país que preferem para ganhar a vida longe da sua terra. É que na alma galega há qualquer coisa da alma portuguesa, a sentimentalidade, a mesma religiosa saudade pela pátria, a mesma infinita ternura. Assim os interesses humanizam-se e a sorte de Portugal é para os galegos como a sua própria».

Do movimento inlectual diz:

«A literatura galega, que na antiguidade foi grande, exercendo influência na literatura castelhana na opinião do ilustre escritor Carré Aldao, secretário da Academia Galega, decaiu quando a Galiza perdeu a sua independência e um jugo de ferro pesou sobre ela. Foi-se assim arrastando no silêncio dos séculos, apenas sustentado pelo povo nas suas canções de saudade. Os grandes poetas e prosadores começaram a escrever em castelhano e assim se foram confundindo, perdendo-se ao acaso na literatura espanhola. (...)

Até que Curros Enriquez e Rosalia Castro, dois verdadeiros génios: ele, o poeta combativo, transformando a sua pena em espada, os seus versos em lanças, o seu talento numa entusiástica defeza da sua terra: ela, a poetisa —alma santa para quem a própria paisagem era reza e o sofrimento da sua terra o seu próprio sofrimento: ele, a voz da sua Raça, ela a Alma do seu povo, conseguiram, um gritando liberdade nos seus belos versos de revoltado, outro rezando nas suas poesias a ternura da mulher galega —oração dos oprimidos— a um sol que adivinhava dias melhores, conseguiram, ia dizendo, erguer de novo do seu leito de moribunda a literatura galega. E desde eles toda uma pleiade de poetas, de prosadores, de humoristas, de jornalistas, se tem esforçado em levar esta literatura à perfeição a que hoje já chegou. E entre essas individualidades, devemos destacar Vitoriano Taibo e Ramon Cabanillas».

O movimento agrário começou contra o regime feudal em que se vivia, contra o caciquismo, o maior opressor do povo galego, que estiolava todos os seus esforços. Movimento espontâneo, inspirado pelo sentimento nacionalista (o amor da sua terra) que atinge vilas e aldeias desejosos de liberdade, vindo a transformar-se depois numa forte corrente nacionalista robustecida pela colaboração dos intelectuais galegos e pela emigração de Lisboa, de Buenos Aires e Havana que, não perdendo este sentimento, a auxilia moral e materialmente. A entrevista termina, sugerindo a aproximação entre intelectuais galegos e portugueses, acentuando a necessidade de um melhor conhecimento dos dois povos irmãos, das suas literaturas a fim de manterem indissolúveis os laços de amizade.

Mas é noutra entrevista ao jornal «Imprensa de Lisboa» (12-3-1921) que Alfredo Guisado esclarece o público do desejo de fundar em Lisboa a *Casa da Galiza* que não terá fins políticos, nem servirá para realizar programas nacionalistas. O único intuito será estreitar cada vez mais a união entre todos os galegos, nossos hóspedes, de maneira a encontrar na sua casa as facilidades que existem nas instituições similares das Américas de origem espanhola «como ainda a hospitalidade que merecem aqueles que por Lisboa houverem de fazer passagem».

Ao tempo, «o assunto da independência da Galiza» estava arreigado na alma de todos os galegos. Por isso, surge esta entrevista ao Dr. Alfredo Pedro Guisado, «galego de coração, rapaz culto, talentoso e de largas vistas» que afirma: «De norte a sul, pelas cidades, pelas vilas e pelas aldeias uma ânsia de triunfo, um vento de nacionalismo passa e preocupa os dominadores». É um sol novo que surge, é uma rosa que nasce no coração do povo e cujo perfume é uma oração à Terra querida que se ergue e caminha.

Eu, como sabe sou português, mas tenho por essa terra e por essa causa, uma simpatia imensa, porque meus pais são galegos e porque me coloco sempre ao lado daqueles que sofrem e querem ser libertados. A Galiza dormia sob o jugo de uma noite de séculos que a cegava e não a deixava avançar. Um dia, os intelectuais ergueram-se e fundaram a «Irmandade da Fala», bradaram a liberdade e acenderam no alto das serras da Galiza a lâmpada sagrada do patriotismo (...) o movimento agrá-

rio galego é um movimento-alma que há-de vencer (...) ainda há meses me dizia o grande pintor galego Rodriguez Castelao «eiqui erguen-se donde fai pouco tempo un ventiño que ben pudera rematar en trebonada. Xá somos moitos a berrar co'o puño pechado car'a hestoria d'Hespaña». Eu fuxo d'os triunfos de Madrid e somente son feliz na miña terra».

Para finalizar, alude também aos discursos de Rey Soto e Ramon Cabanillas, na Real Academia Galega, duas afirmações de nacionalismo. Citando de cor o poema *En pé* de «D'a terra assoballada», refere-se, ainda mais uma vez, ao desconhecimento em Portugal da Galiza, «ao desdém injustificável por um Povo que é grande pelo seu talento, pelo seu patriotismo e pelo seu trabalho...».

No sentido de um amplo intercâmbio e conhecimento mútuo dos dois povos, surge a ideia dos Jogos Florais Galaico-Portugueses a que A. Guisado alude em «Diário de Lisboa» de 20-5-1921 e em «A Democracia» de 12-8-1921.

No «Diário de Lisboa», Alfredo Guisado dá-nos notícia do interesse manifestado por António Vilar da Ponte em realizar uma semana galeguista, em Lisboa, e uma semana lusitanista, na Corunha, afim de que os dois amigos «tão distanciados por razões de falsa política» («Ideal Gallego» 26-6-1921) se conhecessem como se fossem uma só terra, um mesmo povo, uma mesma sensibilidade.

Não é para admirar o entusiasmo de Vilar da Ponte. Não é ele que, nos seus escritos, aludindo ao galeguismo nos assevera «nos concebimolo pelengrinando por Portugal. Vendolle vivi-la vida moderna da nosa fala».

No espólio de Alfredo Guisado, não há qualquer referência à realização dos Jogos Florais ou das Semanas. No entanto, correspondendo ao chamamento dos «nossos irmãos galegos», Jorge Barradas, «desenhador» e humorista, desloca-se a Vigo para expor os seus trabalhos, «fazer lá outros, da vida galega», conhecer a Galiza e os artistas galegos «Tenho grande interesse em conhecer Castelao; o que me dizem da Galiza tem-me interessado muito. O Pedro Menezes e a Amélia Rey Colaço tem-me conseguido despertar a curiosidade... (DL - 17-11-1921).

O amor, que Pedro de Menezes sempre dedicou à Galiza, levou-o a escrever *Xente d'aldea,* versos em galego repassados de ternura e melancolia, pondo a cantar o seu próprio coração. *Xente d'aldea* é um belo eco de Rosalia e Pedro de Menezes, um dos seus filhos espirituais.

«Ao ler as quadras publicadas [antes] em «A Pátria», diz Rui de Veras, «tive a mesma sensação de ternura e de singeleza quando li os «Cantares Gallegos» de Rosalia que D. Amélia Rei Colaço divulgou em Portugal» («Correio da Manhã» 12-4-1921).

Pedro de Menezes, grande amigo da Galiza —da Galiza portuguesa pela alma— quis escrever os seus novos poemas na língua harmoniosa e cantante em que Rosalia, essa enternecida poetisa-coração, escreveu os seus retalhos de Alma («Correio da Manhã» 16-6-1921).

Na Galiza (3), referiram-se à *Xente d'aldea,* em 3-7-1921, o jornal «El Tea» que afirma «el asunto (...) son nuestras procesiones, charlas maternales en el hogar, charlas amorosas, nuestras costumbres aldeanas de la que resalta una composición «As esfolladas» (4) etc., etc. De esto deducimos que «Xente d'aldea» nació en Pias y por eso decimos que es una obra casi local de gran mérito».

«A Nosa Terra» (1-7-1921) menciona:

«Con este nome, n'un elegante libro, ten publicado Alfredo Pedro Guisado un feixiño de versos galegos. O libro ao seu frente leva un viñeta de Castelao que acredita o talento do mestre. O libro áchase dedicado ao gran debuxante de Rianxo.

---

(3) A. Vidal, «Alfredo Guisado, poeta galego-português» em *Grial* n.º 83. Jan. Fev. Março, 1984, ignora as publicações galegas e não refere a componente saudosista de *Xente d'aldea.*
Em Portugal fazem recensão crítica os jornais «A Democracia» e «A Pátria» o «Diário de Lisboa», como já nos referimos na comunicação apresentada no 1.º Congresso de Língua Galego-Portuguesa, na Galiza.

(4) Publicado também no «Ideal Gallego» (1-1-1924).

O autor de «Xente da aldea» e português, fillo de pais galegos. Dou xa a luz alguns libros de versos escrevidos na lingüa de Teixeira de Pascoaes. Agora, como oferenda á terra dos seus maores, fixo este en galego.

Indubidabelmente, a influência portuguesa en col do galego que acredita nas belas poesias da «Xente da aldea» acai moi ben, dándolles aos xiros sintásicos elegancia a cheas. Poriso nos layamos de que o querido amigo Alfredo ande a ceibar às veces certos castelanismos e vocábulos falsos que nin no portugués ni no galego s'empregan. Entre outros «ventana», «castillo», «rodilla», «novio», «lunar», «voulou», «troyo», «lexos», etc. En troques, coma Taibo e nós, usa «en col» por «sobre». Tamén n'algunha ocasión se non preocupa da armonía dos versos. Deixando uns longos i-outros curtos.

E porque trátase d'un libro moi notable, ateigado d'inspiración, somos a mostrar taes defeutos, que de ningún xeito perxudican grandemente a obra. A. P. Guisado merez o nome de exquisito poeta. Quen escribiu «Esfolhadas», «O cantar da fiadeira» e «O enterro», verbigracia, ten conquerido por direito proprio un posto honoroso no Parnaso galego.

Co'a embora deitada da i-alma unha aperta toda corazón».

«Ideal Gallego», em recensão crítica, considera *Xente d'aldea* como um fruto da aproximação iniciada, há largos anos, entre galegos e portugueses assinalando a honra de ser a Galiza, quem primeiro divulgou a Literatura do país irmão, por intermédio dos escritores José Lopes de Vega com estudos sobre «La Poesia Portuguesa y la Poesia Gallega» (1861), «La Literatura Portuguesa» (1868); António Romero Ortiz «La Literatura Portuguesa en el siglo XX» (1868) e Modesto Fernandes Ortiz em numerosos artigos sobre os costumes, a história e Literatura de Portugal e assinalando o facto de em Portugal..., não se encontrar um único livro galego, quando na livraria de Carré, na Corunha, se encontravam livros portugueses, há mais de 40 anos (1881). As bibliotecas da Real Academia Galega e Reunión de Artesanos, na Corunha, estão cheias de várias colecções de obras portuguesas o que não sucede com as obras galegas em Portugal.

Pedro Guisado, continua o articulista, vem juntar-se assim a José Maria Ferreira e Cláudio Basto, a Teixeia de Pascoaes e Eugénio de Castro que têm consagrado às letras galegas alguma atenção. «A sensibilidade do poeta português que revela o fundo e modo de ser nossa musa, que ninguém diria que os seus versos não são alma de um poeta nascido para cá do Minho».

Termina por reiterar o «testemunho afectivo da nossa gratidão por tão distinto irmão das letras portuguesas que veio enriquecer o Parnaso galego como jóia da tão alta estima com a sua «Xente d'aldea».

Publicou ainda, em galego, no «El Tea», o conto «A Lareira - o Tio Xan» dedicado a Ramiro Vidal Carrera, conto bastante significativo pela sua simbologia e que aqui se reproduz:

«Orredor d'a lareira, o tio Xan, un velliño que n'a aldea é muy querido e que pasa os invernos a contar cousas de cando era novo, estaba n'un-ha casa d'a señora Manoela —boa moller por certo— que con os fillos, un xá de vinte anos, o escoitaban caladiños, mentres ardian carulos n'a lareira.

Y o tio Xan decia:

—«Un-ha vez, fay moitos anos, n'un-ha terra alá muy lexos, habia un-ha pastora que gardaba rebaños po-los montes e fiaba sempre n'unha roca vella com'os valados d'os baldios. Todos conocian a pastora e moito lhe querian. Os fillos tiñan ido pr'o Brasil a ganar a vida. Un'ha gitana, n'un-ha tarde inda ela era nova, tiñalle lido n'a manziña o seu destino e dixeronlle que sofreria moito, pero que'un-ha hora viria en que Dios lle daria o ben y a felicidade. Que fiase moito, que fixese moito liño, tanto que poidese vestir de branco os cotos, as veigas, as aldeas... E que enton veria a hora en que n'as almas non haberia loito, en que os paxariños cantarian n'o corazón d'a xente, em que o mismo Sol seria como un'ha boca falando os sentidos d'o paisaxe.

Y-a pastora fiaba noite e dia. Non descansaba un momento. De noite, sentia os lobos a rabuñaren a porta d'o cortello onde gardaba as ovellas, unico ben que tiña, con que ganaba o pan que a sustentaba, con que pagaba os tributos que a asoballaban. E noite un'ha, noite outra, os lobos levaronlle as ovellas. Dispois empezaron a rabuñarlle a porta d'a casa. Querian levala agora tamén. Pero a porta resistiu un'ha noite e outra, e mais outra hasta que d'un-ha vez, cando xa ia abaixo, chegaron os fillos e con fouces, con espetos, con estadullos, mataron uns lobos e fixeron fuxir os outros...».

Pedro, o fillo mais vello d'a señora Manoela, que estaba a ouvir dixo:

—«E como lle chamaban a pastora, tio Xan»?

—Chamabanlle Galicia, meu filliño».

Sin ouvir mais nada, Pedro arregazou a camisa, botou a man a fouce mangada que estaba arrimad'o cortizo d'o sal e saiu a correr...».

Em síntese, podemos concluir que *1921* foi um ano cheio de esperançosas relações entre Portugal e a Galiza.

No entanto, o galeguismo ia conhecer os tempos de Primo de Rivera e de Franco.

Em Portugal, o dogma da não intervenção foi sempre escrupulosamente observado pelos partidos no poder em que militava Alfredo Guisado. Com o advento do regime resultante do 28 de Maio, Alfredo Guisado abandona a carreira parlamentar, o exercício de todos os cargos públicos, passando a militar na oposição, e a Director-adjunto do jornal «A República». Tudo isto teria contribuído para que a chama do galeguismo se começasse a extinguir...

Ficará o mestre Rodrigues Lapa com a gloriosa missão de não a deixar morrer.

No entanto, Alfredo Guisado, em 1964, pensando dedicar a «Página Literária do «República» a Castelao escreve a Ramiro Vidal Carreira (?) a carta que se transcreve:

«Meu prezado amigo

Desculpe a maçada que lhe vou dar, mas suponho que lhe agradará o meu pedido.

Em Janeiro próximo faz anos que morreu Castelao, uma das grandes figuras da Galiza. Lembrei-me, naquele mês, dedicar as quatro páginas de uma semana do «Suplemento Literário» que se publica às sextas-feiras no jornal «República», díario da tarde de Lisboa de que tenho a honra de ser seu Director-Adjunto, à memória desse grande Artista e Democrata que se chamou Alfonso Castelao.

Quer o meu bom amigo auxiliar-me, mandando-me um artigo seu e, bem assim, podendo ser, colaboração dos escritores e artistas que o queiram fazer, não esquecendo um dos últimos retratos, desse Homem que foi Alguém na sua Terra? Convinha também qualquer desenho alegórico e, enfim, tudo que possa contribuir para recordar a memória do homenageado, pois os elementos de que disponho aqui, neste momento, são relativamente poucos. Se não chegarem as quatro páginas de uma semana, publicar-se-à o que houver a mais na semana seguinte.

Já escrevi a Paz Andrade neste sentido e, se o vir, peço-lhe recorde este meu pedido. Pretendo tornar bem conhecida, neste país, essa singular figura de Artista que era Castelao.

Neste mesmo correio lhe envio um exemplar da «República» desta tarde, dia e semana em que se publica o «Suplementeo Literário» a que me refiro.

Subscrevo-me com muita estima e admiração o amigo que o abraça, Alfredo Guisado».

Terminaria aqui a acção galeguista de Alfredo Guisado?...

4-12-964

Meu prezado Amigo

Desculpe a maçada que lhe vou dar, mas suponho que lhe agradará o meu pedido.

Em Janeiro próximo faz anos que morreu Castelao, uma das grandes figuras da Galiza. Lembrei-me de, naquele mês, dedicar as quatro páginas de uma pequena "Suplemento Literário" que se publica às sextas-feiras no jornal "República", diário da tarde de Lisboa de que tenho a honra de ser seu Director-Adjunto, à memória desse grande Artista e Democrata que se chamou Segundo Castelao.

Quer o meu bom amigo auxiliar-me, mandando-me um artigo seu e, bem

assim, podendo ser, colaboração dos escritores e artistas que o queiram fazer, não esquecendo um dos últimos retratos, deste Homem que foi Alguém na sua Terra? Convinha também qualquer desenho alegórico e, enfim, tudo que possa contribuir para recordar a memória do homenageado. Se não chegarem os quatro páginas de uma semana, publicar-se-á o que houver a mais na semana seguinte.

Já escrevi a Paz-Andrade neste sentido e, se o vir, peço-lhe que recorde este meu pedido. Pretendo tornar bem conhecida, neste país, essa singular figura de Artista que era Castelao.

Neste mesmo correio lhe envio um exemplar da "República" desta tarde, dia da semana em que se publica o "Suplemento Literário" a que me refiro.

Subscreve-se com muita estima e admiração o

Amigo que o abraça

Alfredo Guisado

A sexualidade na psicanálise (e II)

Nesta segunda parte o meu ponto de referência para falar de «A Sexualidade na Psicanálise» nom pode ser outro que esse texto fundamental de Freud: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**, texto, sem a menor das dúvidas, original e inovador, que junto com a *Interpretaçom dos sonhos,* constituem as contribuiçons mais lúcidas e transcendentais de Freud ao conhecimento do humano.

«*Se os homes soubessem —di Freud no seu prólogo à quarta ediçom de 1920— aprender da observaçom directa dos nenos, estes três ensaios* bem poderiam nom ter sido escritos».

A importáncia que o próprio Freud atribui aos seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* manifesta-se nas sucessivas *modificaçons* e *adiçons* que a obra tem mais que em qualquer outro dos seus escritos (salvo, tal vez, na *Interpretaçom dos sonhos*): assi, as ediçons de 1905, 1910, 1915, 1920, 1924-25, som *revisadas* cada vez até o mínimo detalhe, tanto na *redacçom* como na *terminologia,* com adiçons que, ainda cingindo-se ao *plano original,* deixam ampla margem para a incorporaçom dos sucessivos descobrimentos. Estas *ediçons* e *revisons* som as que melhor vam permitir significar a *evoluçom* e o enriquecimento da «teoria da sexualidade na psicanálise».

Mas, apesar das consideráveis adiçons que tivo o livro despois da sua primeira ediçom, o essencial já estava nele em 1905 e decerto, podemos encontrar—lhe antecedentes em datas ainda anteriores.

As observaçons clínicas realizadas por Freud sobre a importáncia dos factores sexuais na origem das neuroses, fôrom as que o levárom a efectuar umha ampla investigaçom sobre a sexualidade. As suas primeiras focagens do tema (1890) partiam de premissas psicológicas e químicas. A insistência de Freud na base química da sexualidade é aludida no seu «manuscrito D» da correspondência com o seu amigo Fliess, com quem estava em dúvida respeito ao conceito da *bissexualidade* (carta 52, 1896), considerando-o um «factor decisivo», ainda que a sua opiniom definitiva sobre tal factor originou a sua discrepáncia com Fliess. Nessa mesma carta 52 (1896) achamos a primeira mençom das *zonas erógenas* e o seu vínculo com as *perversons.*

No seu manuscrito K de 1 de Janeiro de 1896, encontramo-nos com indícios de umha focagem mais psicológica, Freud submete a exame os poderes repressores, o nojo, a vergonha e a moral. Nom obstante, ainda que muitos dos elementos da teoria de Freud sobre a sexualidade já estavam presentes na sua mente cerca de 1896, faltava por descobrir o que ia ser a sua pedra angular. Desde o princípio Freud tivo a suspeita de que os factores causantes da histeria se remontavam a infáncia. Freud oferecia umha explicaçom completa da histeria baseada nos efeitos traumáticos da *seduçom sexual* na primeira infáncia. Mas a sua teoria da seduçom seria abandonada no verao de 1897, anunciando-lho a Fliess (carta 69) ao mesmo tempo que descobria o *Complexo de Edipo* na sua autoanálise, (cartas 70 e 71), observando que nos nenos mais pequenos operavam normalmente impulsos sexuais sem nengumha necessidade de estimulaçom externa. Com este achado, *a teoria sexual de Freud* ficava realmente completa. A pesar disso, Freud tivo serias dificuldades em reconhecer totalmente os seus próprios descobrimentos; assi, numha passagem de «A sexualidade na etiologia das neuroses» de 1898, pronuncia-se em parte a favor e em parte em contra dele. Afirma que os nenos tenhem a capacidade para «qualquer funçom sexual psíquica e para muitas somáticas», e que é erróneo supor que a sua vida sexual começa na puberdade; mas por outro lado declara que «a organizaçom e evoluçom da espécie humana procura evitar qualquer actividade sexual considerável na infáncia».

---

* S. FREUD, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade,* Livros do Brasil, Col. Vida e Cultura, Lisboa.

Que as emoçons sexuais dos seres humanos devem ser acumuladas para serem libertadas só na puberdade, e que isto explica por que as experiências sexuais da infância estám destinadas a serem patógenas. O importante, continua a dizer, som os *efeitos posteriores* produzidos por tais experiências na madurez, devido ao desenvolvimento do aparelho sexual somático e psíquico que no entanto tivo lugar. Mesmo hai, na primeira ediçom da *Interpretaçom dos sonhos,* umha passagem curiosa, na qual sustém que «julgamos ditosos os nenos porque ainda nom conhecem o apetito sexual» (em 1911 corrigiu este parágrafo numha nota ao pé de página que, segundo Ernest Jones, foi devida a umha sugerência de Jung). Isto era, sem dúvida, um resto dum borrador prévio do livro, já que noutros lugares da obra (p. ex. no seu examem do complexo de Edipo, no capítulo V) refere-se inequivocamente à existência de *desejos sexuais* mesmo nos nenos normais.

Nom obstante, Freud nom tinha pressa por dar a publicidade os seus resultados. Estando já rematada e a ponto de aparecer a *Interpretaçom dos sonhos,* o 11 de Outubro de 1899 comenta-lhe a Fliess (carta 121): «umha teoria da sexualidade pode muito bem ser a sucessora imediata do livro sobre os sonhos«; e três meses despois, o 26 de Janeiro de 1900 escreve (carta 128): «estou a reunir material para a teoria da sexualidade e agardando que umha faisca ardente acenda o material acumulado».

Mas a faisca tardaria muito tempo em se produzir. Para além do seu breve ensaio sobre o *Sonho* e da *Psicopatologia da vida quotidiana,* que aparecêrom em 1901, Freud nom publicou nengum trabalho importante nos cinco anos seguintes. Despois, subitamente, em 1905, aparecem três das suas obras fundamentais: o seu livro *O chiste e a sua relaçom com o inconsciente, Os três ensaios* e *O Caso Dora.*

Percorram agora comigo os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.* Tratem de relê-los umha e outra vez, e que durante muito tempo seja o livro de cabeceira como talvez o foi e durante muitos anos, do próprio Freud. Verám que a obra nom apresenta umha *teoria abstracta das pulsons* em geral, mas descreve essa *pulsom* por excelência que é a *pulsom sexual.*

Relendo Freud em *Três ensaios sobre teoria sexual* encontrarám que no seu primeiro capítulo sobre as *aberraçons sexuais,* e na sua primeira página (Freud) começa dizendo: «Para explicar as necessidades sexuais do home e do animal, supom a Biologia a existência de um/ha (instinto) pulsom sexual, do mesmo modo que supom para explicar a fame um/ha (instinto) pulsom de nutriçom. Mas a linguagem popular carece de um termo que corresponda ao de «fame» no relativo ao sexual. A ciência usa neste sentido a palavra *Líbido.* E —continua Freud— a opiniom popular possui umha ideia bem definida da natureza e caracteres deste/a (instinto) *pulsom sexual.* Crê-se firmemente que falta em absoluto na infância; que se constitui no processo de maduraçom da puberdade...» De tal jeito, e segundo esta conceiçom da sexualidade, na vida adulta o *sujeito* buscará um *objecto* e a realizaçom de um acto, o *acto sexual.* Um *objecto* e um **fim,** o *coito.* Com esta simples apreciaçom poderíamos resumir todo o *saber popular* sobre a *sexualidade,* e mesmo poderíamos engadir mais: *todo o saber pre-freudiano ou nom-freudiano sobre a sexualidade.*

Mas já nessa *primeira página dos Três Ensaios tal concepçom do sexo fica exposta à controversia, isto é, a ideia do neno inocente e do adulto normal.* Freud, o primeiro que nos mostra é que nom é certo que durante a vida infantil nom haja sexualidade. Todo o contrário, já que aos *cinco anos* o neno tem já determinada a sua estrutura sexual, e a que aparecerá na puberdade nom será distinta da estrutura já constituída na primeira infância.

O fio condutor vai ser agora para todos nós o próprio conceito de *pulsom* (ou impulso), em alemám *trieb,* e o par que este vocábulo forma com outro termo: o de *instinto* (em alemám *instinkt*). Os problemas de traduçom arredor destes dous termos, longe de nos servir de guia ou aclaraçom, tenhem criado umha confusom que nom parece próxima a se extinguir. Tanto em francês como em castelhano, a palavra *trieb* acostuma traduzir-se por «*instinto*», voz também adoptada polos psicanalistas de fala

inglesa, excepto aqueles mais perspicazes que reservam para este termo freudiano de *trieb* o equivalente mais adequado de *drive.*

No entanto, ocorre que em Freud, e em geral na língua alemá, soemos achar dous *significantes* que na linguagem popular tenhem quase o mesmo sentido, sendo as suas etimologias paralelas: *triem* vem de *treiben* (impulsar, puxar), *instinkt* de origem latina, deriva de *instinguere,* que também significa: aghilhoar, incitar. Assi numha língua como a alemá quando um autor se encontra em presença de dous *significantes,* procurará utilizar esta duplicidade objectiva para deslizar nela umha *diferença* de senso, algumhas vezes perceptível, mas outras acentuada até se constituir numha verdadeira oposiçom. *Trieb* e *instinkt* (pulsom e instinto) som empregados por Freud, ainda que o vocábulo *instinkt* na linguagem de Freud se refere a um comportamento preformado, cujo esquema é hereditário e que se repete de acordo com modalidades relativamente adaptadas a um determinado tipo de objecto. Mais importante entom que a *etimologia,* mais importante que as ressonáncias *semánticas* dentro da cultura alemá, descobrimos certa relaçom entre as significaçons adquiridas polos dous termos no pensamento científico de Freud: relaçom complexa formada por umha *analogia,* umha *diferença* e ademais, umha *derivaçom* dum termo a outro. Tal derivaçom nom é unicamente conceptual, senom que é possível com Freud referi-la a umha derivaçom real: *a derivaçom da pulsom do home a partir do instinto.*

A indagaçom sobre as perversons sexuais serve-lhe a Freud para reconstruir o seu próprio campo de conceitos. Assi surge o conceito de *pulsom (trieb),* que Freud distingue do *instinto animal* a que tem como característica fundamental a *labilidade disso que a liga ao objecto.* Noutras palavras, a relaçom que une o *sujeito* com os seus *objectos sexuais* nom é tam forte... ao contrário, mais bem *lábil,* e que o *objecto* é o que mais pode variar, o que o *sujeito* mais pode mudar e também o fim buscado pode ser outro e distinto do *coito normal.* O problema que o *fim último* esteja representado por tal ou qual cousa e nom simplesmente polo apaziguamento.

A análise sobre as *Pervensons sexuais,* capítulo histórico, fai que Freud reconsidere a definiçom de que o *objecto sexual é a pessoa que exerce umha atracçom sexual.*

«Caimos agora na conta —di Freud— do erro que cometêramos ao representarmo-nos como excessivamente íntima a conexom da *pulsom sexual* e o *objecto sexual.* A experiência adquirida na observaçom daqueles casos que consideramos anormais, ensina-nos que entre a *pulsom sexual* existe umha soldadura cuja percepçom se nos pode escapar na vida sexual normal, na qual a pulsom parece implicar o seu objecto. Indica-se-nos assi a necessidade de dissociar até certo ponto nas nossas reflexons, a pulsom e o objecto. Muito provavelmente a pulsom sexual exista num princípio independentemente do seu objecto e a sua apariçom nom está determinada polas excitaçons emanadas do mesmo».

Nom existe, e isto é importante na teoria de Freud, umha relaçom de determinaçom da pulsom ao seu objecto. Ou seja que a *pulsom nom tem objecto dado, natural.* A partir desse momento nom é tam fácil dizer, p. ex., o que é um *coito.* Todo o mundo sabe que é um coito. Mas se aceitamos o conceito freudiano de *pulsom,* já nom será tam fácil dizer que é um *coito.*

A pulsom, para delimitar o campo da teoria, e de jeito diferente do instinto animal, *nom tem objecto.* (Esta ideia tam fundamental, junto com o *inconsciente freudiano* e mais a *transferência,* constituem os três grandes pilares através dos quais a psicanálise se constitui como tal). Por isso, outra dimensom do objecto em psicanálise consiste em que nom é necessariamente um objecto «*objectivo*», distinguido assi a noçom de «*objetividade*» na que o *objecto* é, neste caso, o objecto da pulsom e nom o objecto perceptivo ou científico, o qual pom de relevo que o objecto da pulsom pode ser, com pleno direito, um *objecto fantaseado* e que tal vez o seja mesmo com carácter prioritário. E ainda mais, o objecto nom é necessariamente umha pessoa «total», pode ser um «*objecto parcial*» (peito, pene, outras partes do corpo).

Se nos despraçarmos por um instante a outro texto de Freud da sua *Metapsicologia* (as pulsons e os seus destinos, 1913-1917), e tendo já mais ou menos falado do *objecto e fim* da pulsom, resta-nos por delimitar a *pressom (drang)* ou «*factor motor da pulsom*» e o que é a *fonte da pulsom.* Por *fonte da pulsom* entende-se aquele processo somático que se localiza num órgao ou umha parte do corpo e cuja excitaçom está *representada* (metáfora-delegaçom), é umha articulaçom fundamental da metapsicologia freudiana. A *pulsom define-se em último extremo como um «conceito límite entre o psíquico e o somático».* As pulsons também som chamadas «*forças ou seres míticos*» cujo modo de actuar investigamos sem conhecer nada da sua existência. A teoria das pulsons é, por assi dizer, a nossa *mitologia.*

Continuando a nossa leitura dos *Três Ensaios,* encontramo-nos agora com o *segundo ensaio* (manifestaçons da sexualidade infantil), e aqui o *chupeteio* permite-nos observar os três caracteres da sexualidade infantil. Esta desenvolve-se *esteando-se* ou *apoiando-se* nalgumha das funçons corporais de maior importância vital; nom conhece ainda nengum objecto sexual, é *autoerótica* e o seu fim está determinado pola actividade de umha *zona erógena.*

Esteio ou *apoio* (em alemám *anlehnung*) significa justamente tomar apoio, apoiar-se noutra cousa. A *pulsom sexual* apoia-se assi sobre umha funçom nom sexual *essencial para a vida.* O *esteio* ou *apoio* da pulsom na funçom nom é umha génese abstracta, umha deduçom quase metafísica mas um processo que está descrito com a mais grande precisom naquele exemplo que segue a ser o seu arquétipo, o da *oralidade.* Na *oralidade* definimos dous tempos: 1.° a *succom do peito,* e 2.° o *chupeteio,* mui diferente da succom. A *excitaçom sexual* produz-se deste jeito como efeito marginal seguindo um duplo movimento: um primeiro tempo de apoio, e despois de *desviaçom-separaçom,* e um segundo tempo de *perda do objecto parcial (peito),* introduzindo aqui Freud esta preciosa observaçom: «Tal vez o *objecto parcial* se perda no preciso momento em que começa a se perfilar o objecto total, a nai como pessoa». O objecto real, *o leite,* era o objecto da *funçom-satisfacçom,* e é este *objecto real* o que se perdeu, mas o objecto que está vinculado com o *repregue autoerótico,* o peito —transformado agora em peito fantasia— é precisamente o objecto da *pulsom* sexual.

Numha famosa frase de Freud, «encontrar o objecto sexual é, falando com propriedade, reencontrá-lo», mas o objecto a reencontrar nom é o objecto perdido senom o seu substituto por despraçamento. O objecto perdido é o objecto da fame (objecto de autoconservaçom), o objecto que se busca na sexualidade é um objecto *despraçado com relaçom a esse primeiro objecto.*

Referirei-me agora, e já remato, ao terceiro capítulo dos *Três Ensaios,* resumindo que toda a sexualidade conclui transformando-se em *perversom,* polo menos toda a *sexualidade infantil.* A pulsom, no seu significado próprio, no único significado que pode ser fiel ao descobrimento freudiano, é a sexualidade.

Ora, a sexualidade intervém integramente no pequeno ser humano, num movimento que desvia o *instinto,* que *metaforiza o seu fim,* que *despraça* e *interioriza* o seu *objecto,* que concentra, em soma, a sua fonte numha zona eventualmente mínima, a *zona erógena* ou *zona de intercámbios.*

Cipriano Luís JIMÉNEZ CASAS
Psicanalista

Vigo, 25 de Março de 1985

A dualidade da poesia galega

Por Reynaldo VALINHO ALVAREZ

Dividida pela dicotomia implacável da língua, da História, da política, da administração e da geografia, a Galiza, ao longo do tempo, envolveu-se nas malhas de uma ambigüidade ideológica que afeta diretamente alguns de seus mais significativos poetas.

Francisco Añon Paz e Manuel Curros Enríquez são dois exemplos da dualidade em que se expressa a poesia do rincão noroeste da Península.

Añon, poeta epigramático, irônico, ferino e arrogante em conceitos e manifestações, embebe-se freqüentemente do romantismo telúrico que brota do «Rexurdimento» e comparece, como leão domesticado, à doçura verdejante dos vergéis galegos.

O Añon que compõe o «Himno dos Povos» é também o poeta que escreve poemas de exaltação às campanhas expansionistas do norte da África e de louvor a integrantes de casas reais.

Curros Enríquez vai do anticlericalismo do poema «O divino sainete» ao misticismo da narrativa versificada «A Virxe do Cristal».

Um e outro viveram grande parte de sua vida desarraigados do «currunchо» natal, como sói acontecer a um bom número de galegos. Passaram a existência bipartidos entre a «morriña» do «eido» e do «antergo» e a realidade econômica e social do exílio, ainda que, por vezes, em plagas igualmente ibéricas.

A diáspora imposta pela emigração cria, por si só, uma dicotomia insuportável no âmago da alma galega, refletida reiteradamente no texto de seus poetas.

Añon e Curros são poetas paradigmáticos desse dualismo que rasga a mente e o coração galegos.

Ali, portanto, onde algum desavisado poderia pressentir incoerência conceitual, existe, de fato, a erupção de elementos subjacentes na personalidade coletiva de um povo submetido às amarras de uma violência histórica. A etnia e a cultura galegas têm-se defrontado, especialmente nos cinco últimos séculos, com duas realidades pungentes: de um lado, a tentativa multissecular de erradicação do idioma nativo; do outro, a hemorragia inestancável da emigração.

Tal é, porém, a energia contida nos elementos constituintes da cultura galega, que a galeguidade persiste como expressão espontânea e natural, revelada na língua, na música, na dança, na arquitetura, nos mitos, nas lendas, na culinária e em numerosos indicadores do fazer coletivo.

Primogênito entre as línguas neolatinas da Ibéria, o idioma galego perpetrou o feito extraordinario de resistir a quatro séculos de repressão e emergir, enriquecido, no dorso da onda nativista do romantismo, que escavava o solo em busca das raízes mais profundas da personalidade nacional.

Rosalía exprime, com sua poesia, o carácter sem fissuras da mulher galega, aquela que vê partir, do «eido», os homens da família e se consagra, por toda a vida, a manter cultivados e floridos os poucos metros quadrados do minifúndio familiar, a herdade já impossível de retalhar e que não pode abrigar outros braços, a não ser os dela própria, cada vez mais velhos e cansados, eternamente à espera do retorno, às vezes impossível, do marido e dos filhos varões.

Dura na sua determinação, essa mulher reveste-se, no entanto, da suavidade que emana da própria natureza da topografia galega. Mãe ao mesmo tempo rigorosa e ter-

na, avó desfeita em doçura e mulher permanentemente enamorada, a sofrida e solitária matriarca debruçada sobre as leiras está, ela própria, dividida entre o contexto material que a rodeia e a presença indelével da lembrança que a liga aos emigrados.

Os poemas de Rosalía penetram na terra galega e expressam a dor e o carinho que coexistem na alma dessa camponesa vestida de negro, viúva de sonhos, fantasias e da própria existência.

Já Añon e Curros Enríquez oscilam da integração no tradicionalismo regionalista à explosão de rebeldia que, por vezes, vê no internacionalismo a aliança necessária para a afirmação da nacionalidade galega e, outras vezes, como que descrê do universalismo e busca uma via especificamente ibérica para solucionar o problema da autonomia.

O movimento pendular das poesias de Añon e Curros Enríquez é bem característico do papel histórico desempenhado pela Galiza, parte da porção ocidental que encontrou, no século XII, seu próprio caminho, em oposição ao poder central que definiria, no final do século XV, sua hegemonia absoluta sobre a Espanha.

A forte admiração dos dois poetas pela literatura portuguesa de seu tempo e a conseqüente influência que receberam reflete-se nas traduções por eles realizadas. A banda ocidental da Península exerceu uma atração insofismável sobre ambos. Añon cedeu naturalmente à atração desse polo magnético, escrevendo também em português, num encontro com o ramo independente da árvore à cuja sombra nascera.

Añon e Curros Enríquez, ao freqüentarem as vertentes portuguesa e castelhana, identificaram alguns aspectos da dualidade intrínseca da Galiza, revelada no texto de seus poetas.

O sonhado federalismo ibérico de Castelao, coexistência ativa e pacífica de culturas e etnias, pode não ter viabilidade ou oportunidade políticas, mas se insinua continuamente no proceder literário da Península.

A realidade lingüística da Galiza, sua identificação literária com Portugal e a permanente vigilância castelhana são, por certo, alguns fatores notáveis que influenciam o dualismo ideológico dos poetas galegos.

A contradição aparente dos textos, ora voltados para a tradição mais estrita e literal, ora imantados pelos caminhos da rejeição integral das instituições mais conservadoras, traduz a perplexidade dos poetas que se nutrem do que há de mais autêntico e autóctone em sua cultura, mas setem-se compelidos a encontrar, no progresso, o desejado caminho para a libertação da pátria e do idioma.

A autonomia ou mesmo a independência da Galiza, metas das aspirações patrióticas de Añon e Curros Enríquez, empurram a poesia de ambos pelos caminhos possíveis, sejam eles a monarquia constitucional, a república liberal, o socialismo, o anarco-sindicalismo ou o federalismo pretendido por homens como Castelao.

Não por acaso um e outro tiveram de recorrer ao exílio político, depois de se terem tornado, eles próprios, vítimas do êxodo que tem como raízes as peculiariadades da economia galega, que podem ser atribuídas, em parte, à dependência política e administrativa da região, relativamente ao poder central.

Emigrados em busca do sustento e da realização profissional, tanto Añon quanto Curros Enríquez tiveram de buscar «agarimo» em outras terras.

Añon, asilado em Portugal, é constrangido a novo exílio, dessa vez na própria Espanha, depois de irritar, com seu «Himno dos Povos», os chamados poderes constituídos.

Os dois poetas caracterizam-se por seu orgulho e pelo temperamento exaltado.

Añon, boêmio e desempregado, desvinculou-se dos interesses mais imediatos. Curros Enríquez lutou com dificuldades constantes. De certa forma, os dois encarnaram o estereótipo do poeta romântico, embora Añon tivesse vivido de 1812 a 1878 e Curros Enríquez de 1851 a 1908.

O tradicionalismo aldeão, matizado pelas cores da resignação camponesa, habituada ao fatalismo do tempo e das intempéries na luta áspera do quotidiano, confunde-se, por vezes, com as tonalidades do conformismo. Cantores dos valores tradicionais da vida rural, Añon e Curros Enríquez não se dobraram nem cederam ao conformismo.

Distingue-se, em ambos, o que é tributo do escritor à representação simbólica do real concreto em que se inscreve como ser humano, do que, ao contrário, é opinião, tomada de posição, opção intelectual diante dos caminhos e descaminhos institucionais.

O romantismo que leva ao regionalismo e ao tradicionalismo foi também a via que conduziu os dois poetas e buscarem fórmulas políticas e ideológicas para a solução do problema galego.

O misticismo galego, de assinaladas raízes célticas, conviveu com o agnosticismo e o anticlericalismo, na realidade dual das poesias de Añon e Curros Enríquez.

Añon, no soneto «Al Papa», e Curros Enríquez, em «O divino sainete», «A Igrexa Fría», «Mirando ó chao» e nas traduções de Guerra Junqueiro, Teófilo Braga e Antero de Quental que realizou, assumiram uma postura bastante diversa da que deixam entrever os poemas «A la Imaculada Concepción», do primeiro, e «A Virxe do Cristal», do segundo.

Existe aí, na verdade, um choque de radicalismos, como em todos os tempos. Ao conservadorismo ultramontano, apoiado na monarquia absolutista e no clero unido ao Estado, e portanto manifestamente extremista, opunham-se os dois poetas com o ardor intolerante das idéias novas.

Registre-se que as modificações estruturais desejadas pelos dois visavam a enfrentar o impasse representado pelo imobilismo imposto à Galiza.

A busca incessante de uma saída para o problema galego levava seus escritores a percorrer o cardápio ideológico do dia.

A antinomia da vida galega é a fonte da dualidade constante de seus poetas.

Idioma galego versus idioma castelhano, Portugal versus Espanha, união versus independência, integração versus antonomia, federalismo versus unitarismo, monarquia versus república, tudo é oposição e opção no dilema galego.

Mesmo os melhores poetas surgidos depois do Renascimento Galego, de uma ou de outra forma, cultivaram o bilingüismo. A própria Rosalía o fez. Todos imolaram à língua castelhana, levados pela fatalidade da submissão econômica, política e administrativa da Galiza. Houve aí o inverso do período dos cancioneiros, quando até reis castelhanos trovaram em língua galega.

A duplicidade dos poetas galegos parece indicar, entre outras coisas, que falam a dois públicos: o doméstico, formado pelos vizinhos e conterrâneos, e o externo, constituído pela «Hispanidad».

Um aspecto digno de registro da ambivalência apresentada por poetas galegos é o carácter universal de seu regionalismo.

Voltados para a natureza e mergulhados em certo panteísmo que remonta provavelmente ao período céltico, os poetas galegos imprimem a seus textos um substrato de carácter universal. A poesia regionalista galega é telúrica, mas não provincial, e universal, mas não cosmopolita.

A projeção dos poetas galegos para além de sua comunidade lingüística, no âmbito do mundo hispânico, transcende os centros em que se divide o território abrangido pela diáspora gerada com a emigração. E o interesse que condiciona essa projeção advém provavelmente do humanismo e de certo misticismo panteísta que estão na base de seus textos e que têm uma grande capacidade de empatia e identificação com o leitor, ainda mesmo o que não foi labrego, mas que também é afetado pelos arquétipos inconscientes de uma Idade de Ouro vivida no seio e no ventre da Mãe Natureza.

O galeguismo, em poesia, é talvez uma forma, até inconsciente ou intuitiva, de ser humanista e, de certa maneira, universalista, o que representa outro aspecto dual da poesia galega.

A poesia mais regionalista galega é também a mais universal, por seu apego a valores, elementos e aspectos essenciais da existência, na relação amorosa do homen com a natureza, vale dizer do ser humano com o ventre em que foi gerado, o que significa um apego a instintos vitais, como o da sobrevivência. E a poesia galega é, ela própria, um meio de sobrevivência cultural para um povo tantos séculos privado de escrever sua fala.

Quanto mais popular, mais autenticamente regional e, em conseqüência, mais universal é a poesia galega. Os melhores e mais autênticos poetas da Galiza souberam apreender essa circunstância. Não é por acaso que o nome mais famoso entre os poetas da Galiza, a partir do Renascimento Galego, é o de Rosalía de Castro, justamente quem mais se apegou ao telúrico e ao regional.

Outra maneira de expressar-se da dualidade galega é o carácter crítico, irônico, epigramático, que corre paralelo, na poesia da Galiza, com a mescla de subjetivismo e objetivismo que constitui o lirismo vinculado à natureza.

Já nos alvores da língua e da literatura galegas, as cantigas de escárnio e mal-dizer conviviam com as cantigas de amor, de inspiração pronvençal, e as cantigas de amigo, autóctones e da mais pura galeguidade, em sua sintonia com o feminino e a natureza, ela também «mãe» e portanto «feminina».

A ironia da poesia galega vai do jocoso ao sarcástico e domolidor. Vejam-se os textos de Añon e de Curros Enríquez, entre outros, como exemplos de até onde pode chegar a crítica a pessoas, costumes ou instituições, em língua galega. Um estudo da língua sentenciosa de origem camponesa, na Galiza, pode oferecer subsídios importantes para a compreensão dessa faceta característica dos poetas galegos.

A respeito da ironia na Galiza, recorde-se que Ramón del Valle-Inclán é um dos mais ilustres escritores galegos.

Registre-se que a literatura castelhana, com suas novelas picarescas, explorou fartamente o veio do humor. Lembrem-se as «Novelas ejemplares», de Cervantes, e «El Lazarillo de Tormes», por exemplo. E tenham-se em vista os epigramas e sonetos polêmicos de Francisco de Quevedo.

Mas o humor galego é menos áspero e mais realista na apreciação das falhas humanas. O mais cáustico dos poetas galegos do século XIX em diante é, sem dúvida, Francisco Añon, embora tenha escrito «Epigramas» em castelhano, forçado, talvez, pelo bilingüismo a que se submenteram os poetas galegos.

A dualidade lirismo-epigrama é apenas um dos vários níveis em que se refletem, na poesia galega, as antinomias, dicotomias e ambigüidades que se abateram, durante séculos, sobre a vida e a sociedade da Galiza.

Por seu apego profundo à terra, a poesia galega expressa o drama e a ambigüidade da Galiza.

Daí resulta que sua dualidae é un retrato fiel da perplexidade hamletiana que perturba a paz dos «eidos» cultivados pelos filhos de Breogán.

BIBLIOGRAFIA

(1) *Poesias,* Francisco Añon, Biblioteca Gallega, Est. Gráfico J. Strach, Humberto 966, Buenos Aires, 1922.

(2) *Obras completas,* Manuel Curros Enríquez, Aguilar, 1.ª ed., Madrid, 1979.

(3) *Obras completas,* Tomo I, Obras en verso, Rosalía de Castro, Aguilar, 7.ª ed., Madrid, 1977.

(4) *Obras completas,* Federico García Lorca, Aguilar, Madrid, 1962.

(5) *Obras completas,* Tomo II, Obras en verso, Don Franscico de Quevedo y Villegas, Aguilar, 6.ª ed., Madrid, 1981.

(6) *Poesía Galega - Dos devanceiros ao Dezaoito,* Xosé Landeira Yrago, Editorial Galaxia, Vigo, 1975.

(7) *Poesía Galega - Do Dezanove aos continuadores,* Francisco Fernández del Riego, Editorial Galaxia, Vigo, 1976.
(8) *Poetas Gallegos (Las Mejores Poesías),* Benito Varela Jácome, Porto y Cia. Editores, Santiago de Compostela, 1953.
(9) *Escolma de Poesia Galega - IV - Os contemporaneos,* Editorial Galaxia, Vigo, 1955.
(10) *Sempre en Galiza, Obra completa, 2,* Castelao, Akal Editor, 3.ª ed., Madrid, 1980.
(11) *Historia de Galicia,* Emilio González López, Editorial La Voz de Galicia, La Coruña, 1980.

A Comissom Lingüística da AGAL apresenta o seu *Prontuário Ortográfico galego,* livro fundamental na história da nossa ortografia. 320 páginas dedicadas a focar os problemas da escrita galega. Na 1.ª parte recolhem-se questons relativas à ortografia galego-portuguesa (o uso das letras, sinais gráficos, sinais auxiliares da escrita, contracçons, assimilaçons e aglutinaçons, a divisom silábica, as maiúsculas iniciais ou as divergências gráficas entre as normas do nosso sistema lingüístico som tratados com rigor e exaustividade).

A 2.ª parte é constituida por vocabulários: um vocabulário geral no que se recolhem mais de 36.000 vozes; um vocabulário geográfico que recolhe mais de 7.400 topónimos galegos e mais de 3.000 localizados fora dos limites da Galiza administrativa. Fecha-se o livro com um índice onomástico que abrange mais de 1.000 palavras e umha lista de abreviaturas.

ANTOLOGIA

Retalhos obscœnos (Primeira entrega)

Por Amado L. CAEIRO

O ESTOUPIDO

—*Estoupo-che o grao?*
—*Estoupa.*

Garnido de alcool, poderoso desinfectante de germes nocivos, e de agulha, incidente em lugar adequado, executa a operaçom com delicadeza: Fende a pústula, preme-a, livra-a de pus e sangue.

Depois, inocentemente também, deitam-se, adormentam-se entre alouminhos e incide el sobre ela: Fende-a, preme-a e, no remate da operaçom, liberta-se-lhes a plenitude visgosa, espessa, densa (quase opaca) por que durante breves intres um foi o outro para si mesmo.

BEIJOS

Vou pola rua. Mulheres entalhadas em vestidos, emplastros e penteados embelecedores caminham a modinho, a ritmo e coa cadência estudada de modo que fique em ênfase a seduçom dos encantos (engados) femininos.

Olho, observo, calculo e fito; definitivamente decido, de jeito irrevogável, pousar um beijo em todas elas:

Na de olhos garços, sobre o azul da sua olhada.

Na rebordante de cremas e pituras, que salientam as encarnaduras e as ousadias de meixelas e lábios, sobre as comisuras esteticamente languentas.

Na que insinua atrainte cale entre ergueitos outeiros enxergados, o meu bico voou por entre a fragância exsudante do entrepeito.

Outra, de cingidos pantalons, mereceu um beijo nas curvaturas esculcadas do sorriso alçado.

Outra, que desenhava coxas ternas, modeladas com jeito nas horas de prazer canseiroso, recebeu os meus lábios nas caras interiores onde a pel é suave, fina, tersa...

Contodo, logrou o meu beijo mais ardente, afervorado e deleitoso umha dona encolheita, sobriamente rugada, pudorosa, de cruz com brilhantes sobre gola cerrada. Termino de lho registar entre o cabelo, encanecido e ralo.

CHAMADA

O interessado acode à cabina telefónica; toma o auricular na mao esquerda; cerciora-se de que a linha está livre; marca o número, o único número que corresponde à única fonte de esperança para o seu interesse amargurado; marca-o com desacougada demora, com respeitoso folguedo, com infinda paciência e, mormente, com um flutuar de expectaçom e saborosa degustaçom perante o bem que confia alcançar. Já girou o disco as vezes ajeitadas para os algarismos do único número da sua única tábua salvadora terem sido registados na Central e, desde ela, reexpedidos, chegados ao destino do seu interesse.

A espera fai-se tensa; é escassa, rotunda, funda, com densidade de acto nom acostumado. Funcionam os mecanismos de comutaçom; mas percebe o sinal inconfudível de o único salvador, possuidor do único telefone, comunicar, estar em comunicaçom com um terceiro, talvez inimigo.

É já a decimaquarta vez que telefona...

*MARU*XINHA

Data D menos vinte e sete dias: O Pepe dorme seguido toda a noite. Sonha coa Maruxinha.

Data D menos vinte dias: O Pepe acode ao trabalho e magoa-se o dedo gordo do pé esquerdo. Caíu-lhe nel umha peça de trescentos e quarenta e sete gramos. Estava a pensar na aruxinha.

Data D menos dezasete dias: O Pepe segue o telefilme com gosto agudo. O *bom* consegue captar o amor da *loira,* de peitos enormes mas harmoniosos coas curvas e procelas eminentes de nádegas, baixo ventre e coxas. A aruxinh também e loira...

Data D menos quatorze dias: O Pepe engole com alouminhante fruiçom um glorioso anaco de gato rostido ao jeito de coelho. Ainda nom chama «minha gatinha» à sua loira.

Data D menos onze dias: O Pepe fuma um monumental cigarro havano. Os amigos, que o atricam, esvaem-se entre volutas e espirais de fume. Mal reconhece os perfis sinuosos da ruxin que passa...

Data D menos cinco dias: O Pepe escorrega numha casca de banana. Sofre fractura múltipla de múltiplos óssos. uxin nom estava ali para o salvar da queda!

Data D menos três dias: O Pepe suspira pola dor e polas arelas. «O amor é umha cousa maravilhosa!», ainda fechado em armaçom de escaiola. A uxi , porém, nom o ouriça.

Data D menos dous dias: O Pepe idem de idem.

Data D menos um dia: O Pepe idem de idem.

Data D: A X , vizinha gentil do Pepe, vem-no visitar. Obsequia-o com lambetadas, goma de mascar e um beijo neno sobre a escaiola que recobre a fronte do fracturado.

EJACULAÇOM DEVOTA

Devotamente acrisola as arelas de eternidade em afervoradas preces. Submete a vontade ao querer divino. Oferenda todas as suas boas prendas sobre o altar da imolaçom e recomeça a entrega, outrora consagrada durante solene ritual de luzes, cânticos, oraçons e terebinto.

Suavemente levita por sobre a lameira em que se resolve este mundo de perdiçom, onde todo é maldade, soberba de vida e concupiscências abomináveis de olhos e carnosidades polposas.

Definitivamente, por fim, a esperada redundância do intre místico agita, sacode, abala, subleva, alvoroça, inquieta, convulsiona e excita o seu corpo, quase sem carne, mas nom acendrado com suficiência nas asperidades da mortificaçom.

O fluxo pareceu-lhe hoje mais prolongado; o aniquilamento, mais puro.

A Corunha, Outubro de 1982 - Dezembro de 1984
(Em homenage a Orwell, autor deste último ano)

PÁTRIA*

«Porque volvió, sin regresar, Ulises»
MIGUEL ANGEL ASTURIAS

A Galiza
é para mim
um mito pessoal
maternal e nutrício
com longa teimosia elaborado
de louco amor filial
de degredado
(E de facto é também
—porquê não confessá-lo—
um execrável vício
sublimado)

A Galiza
foi sempre para mim
um refúgio mental
um jardim de lembranças
sossegado
um ninho de frouxel acolhedor
para onde fugir
do duro batalhar e do estridor
da Vida
e do acre ressaibo do Pecado
Subterfúgio subtil
e purificador
de interior evasão
para o descanso da alma
na calma
pastoril
da perfeição de Arcádia
da Terra Prometida
da imaginação

* Inédito de *FUTURO IMEMORIAL. (Manual de Velhice para Principiantes)*, programado para aparecer em Lisboa em Abril de 1985.

A Galiza
é o meu amor constante
tranquila e fiel esposa
e impetuosa amante
sempre
como Penélope a tecer na espera
ansiosa e plácida
paciente e palpitante
do retorno final
do seu errante e navegante Ulisses
—outra quimera!

Amo-a
como o náufrago desesperado
ama a costa longínqua e arelada
que nunca há de avistar
Amo-a
com saudade antevista de emigrado
que à partida se sabe já
fadado
a ser ausente morrinhento
de nunca mais voltar
Porque ninguém jamais regressa do desterro
à mesma terra que deixou

(O Espaço sempre acaba comido pelo Tempo:
Os lugares
e as gentes que os habitam
mudam e morrem sempre
e nós também morremos
e mudamos
Posso eu acaso me reconhecer
naquele rapaz loiro
que chorando partiu
um dia crepuscular e montanhoso
de Quiroga
no Sil
há tantos anos
e tantos desenganos?)

Amo-a
Amei-a sempre
porque nunca deixei
de estar ligado a Ela
pelo umbigo
Porque Ela foi meu berço
e onde quer que eu morrer
Ela há-de ser
o meu íntimo
e último jazigo

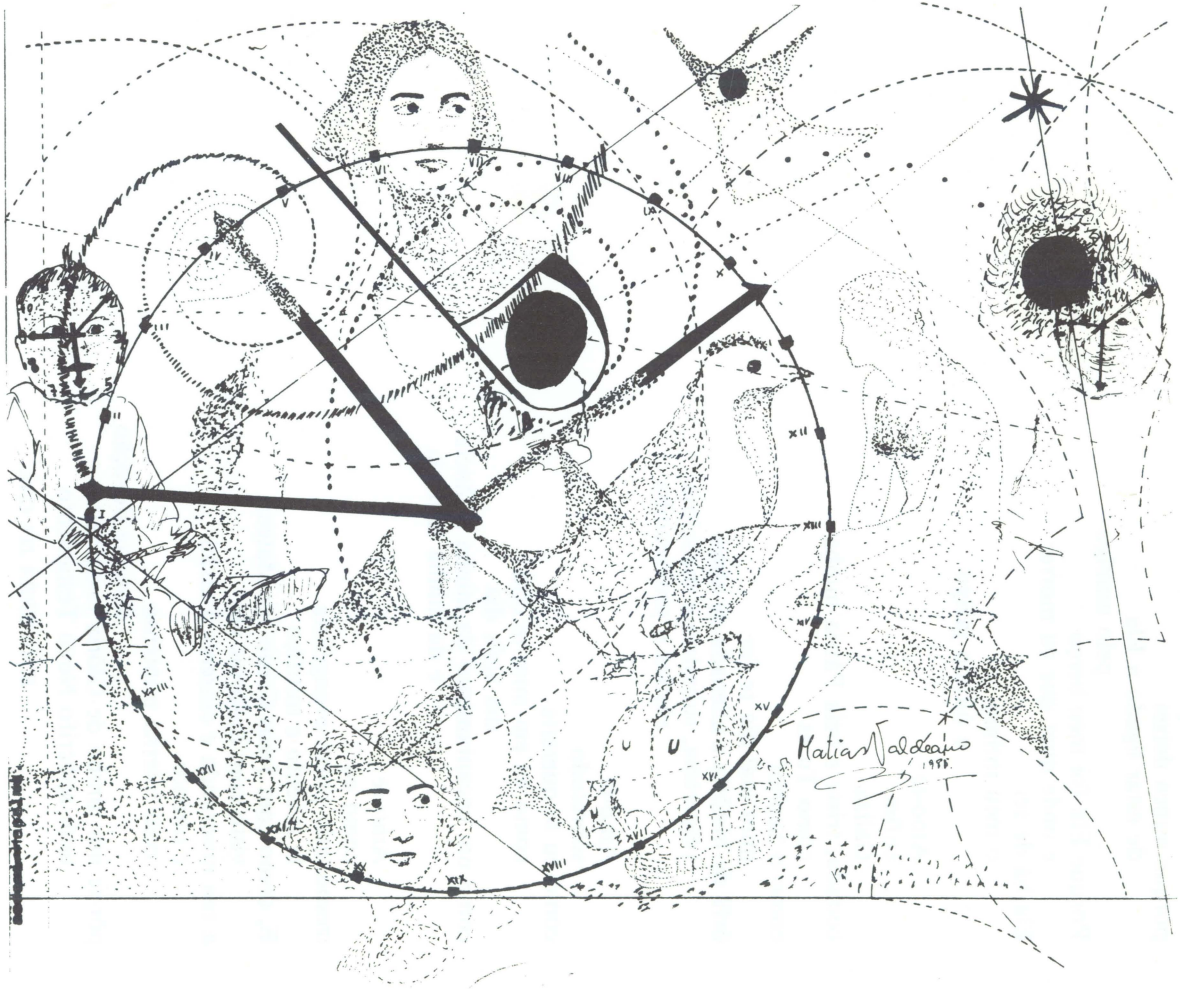
Amo-te
enfim
Galiza
coitada, triste e bela Pátria minha
como Tu es
como o Senhor
num mal dia te fez
órfã de história e alienada de alma
vespertina, submissa e maliciosa
rústica e probrezinha

Amo-te
sobretudo
como eu te quereria
como eu em mim te crio
dia após dia
como um encantamento da minha infância
e da minha fantasia

Amo-te
como eu
tresnoitado poeta evangelista
te invento e mitifico
E, como com Jesus Cristo fez Mateus,
visto com ilusórios véus
a tua miseranda e cinzenta Paixão
e intento
com interna e intensa
distante devoção
pôr-te um nimbo de Glória imaginária
num apócrifo Novo Testamento

E. GUERRA DA CAL

ESTORIL,
1984


Matias Maldonado
1988

Deixá-me perder na luz
do fim da tarde.

É certo
ou quase
que lá se encontrarão
as velhas pedras eúscaras
de matiz de tempo antigo
e musgo
comendo as inscrições
na superfície circular
sombria.

Lá se encontrarão
também
as veredas da montanha
as verdes folhas
que o vento anima
quando a neve fundiu
e a fresca água brota
de rochas
fundamente enterradas
na montanha.

Oculto na luz
nas névoas
que oscilam contra os cumes
e tapam as vertentes
escutarei o voo da águia
o forte silvo do rasgar
da neblina
do tempo.

J. NOGUEIRA GIL

É fácil ver crescer a luz
e florescer a penumbra
liquefazer-se o dia
e transformar-se em sombra

espalhar-se a cor
e então
uniforme e límpida
criar um grito e a dor

apagar-se a vibração
a onda que penetra
e cresce

e avassaladora desce
negra funda fria
e permanece.

J. NOGUEIRA GIL

O gatinho da «miss»

Por António SANTAMARINHA

O senhor Constante era feliz avondo coa sua casinha bem branca, na beira da estrada geral, perto da tenda dos Maragatos e mesmo pegadinha ao «Café Camagüéi» que tanto lhe acordava os seus anos moços alô polas terras quentes do Caribe.

O tio Constante vivia só. A sua casa destacara-se sempre das outras da vizinhança polo feito de ser a primeira de tecto de telha e de frente caiado em todo o casario. E foi o temor de que lhe ficar tapada o que o fixera pôr-se em contra de que lhe edificassem ao lado. Nada pudo e agora «a Casa Nova» já tinha habitantes. E o tio Constante todo contente.

Dom Lucas era um home comum. A filha, formosa e lisgaira, mesmo lhe imitava a umha formiga ou à abelha rainha que nom tivesse continuidade anatómica entre o túrgido busto e mais as nádegas, que movia em círculos insinuantes em cada deslocamento. E os olhos? Se nom pareciam mesmo duas estrelinhas que se botaram do firmamento...

E tamém «Morito», o gatinho branco sempre deitado no regaço da ama cada vez que tomava o sol, assentada na repouseira, através dos vidros daquela fiestra que faziam da pobrinha umha verdadeira donzela cativa dos ciúmes de um pai quer que musulmano.

Merchi havia pouco que fora elegida «miss» das festas de um povo de nom se sabe onde e, desde entom, seu pai zelava-a tanto que nom achava vagar para ter noivo. Isto engadido ao nom haver nas imediaçons apelido ou nome que lhe encartasse ao mui digno progenitor da nom menos mui digna «miss».

O senhor Constante tinha bem aprendido que para medrar economicamente nom devia permanecer agrilhoado à tradiçom. Os leiros dipersos que lhe deixaram os seus velhos em herdança nom se coalizavam co seu teimoso anseio de possuir umha granja. Vendeu-nos e mercou o terreno de pé da estrada.

Havia uns dias que estava a notar a falha de algum que outro pitinho. Todos estavam bem instalados no poleiro do fundo. Era impossível que pudessem sair do coberto cujas portas el cuidava de verificar ficassem bem fechadas antes de dar por rematados os lavores do dia. O tio Constante repetia-se para os seus adentros que, às manhás, nom havia os mesmos pitinhos no poleiro. E quem era capaz de contá-los se nom paravam quedos...

E nom! Ao amanhecer nom havia os mesmos pitos que el, olho de bom poleiro, fitara teimosamente antes de se ir deitar. A gente do Camagüéi? Nom. A gente do Camagüéi nom. Boa gente toda, sem desmerecer a ninguém, além de uns excelentes vizinhos eram todos bons e velhos amigos. Ademais o Camagüéi sempre estivera ali e era agora quando lhe faltavam os pitos. El, polos fegreses do Camagüéi punha as maos no lume. Poria-as sem hesitar.

Por dom Lucas nom. Agora estava-se a dar conta que nom. Nem por el nem pola filha. El que sempre barbalhocava de nom gostar nem do caldo nem do toucinho...

Mádia leva! E ainda o dizia! Sobre todo a filha que, trás da janela, mesmo parecia luzir na vidraça os seus encantos, a sua fascinaçom.

Tampouco ela gostava do caldo nem do toucinho. Para isso estavam os seus pitos, o seu poleiro...

Nom. Cousa boa nom podiam ser!

...

O tio Constante estava a madurecer a sua vingança.

Pensou em convidá-los a cear umha noite e assi o fixo. E claro que fôrom... Como nom íam ir...

...

Fôrom e mais passárom um serao do mais agradável, entre risos e comentos divertidos. Era tam bela a «miss»..., falava tam bonitinho... E quando se erguia para colaborar na atençom da mesa ao velho Constante assaltava-o a image da abelha rainha endereitada, sostendo coa sua cintura miudinha umhas nádegas que pareciam dançar umha silenciosa rumba ao compasso duns candombes que retumbavam ao ritmo do seu coraçom nas memórias daquela Cuba das nostalgias.

Porque cada vez que o senhor Constante, na sua soidade de célibe inveterado, se sente num entorno cómodo, amizoso e entranhável, nom pode impedir o recordo dos seus tempos de rapaz na ilha caribenha. O senhor Constante conta entom anacos da sua vida nos canaviais cubanos. Anacos da sua vida com escapadas à Havana onde travara conhecimento com alguns seus paisanos que lhe iriam proporcionar a possibilidade de levar umha emigraçom um pouco mais folgada.

Contou como antes de se ir à Capital tivera que trabalhar de sol a sol, talhando a machete cana de açúcar. Contou como as «Compañías» valoravam o home polo que o home dava de rendimento, polo produzido material do home, sem mais diferença ao seu favor que a quantidade de cana amoreada. O que cansava aginha, o que nom talhava a jeito e resultado convincentes, o que non tinha a saúde paralela co esforço requerido, exigido, era chimpado, sem mais miramentos, das plantaçons.

Logo viria o vagar de campo em campo onde a carência de um certificado que avaliasse umha perfeita dedicaçom ao trabalho, fechava as cancelas das safras. Contou as vezes que recordava as noites pé da lareira logo de vir mocear coas rapazas do casario, ou à volta de umha tarde de sega, de um dia de cava ou de um dia de sementeira...

A noite levava caminho de se tornar tristeira e foi a «miss» quem achou o jeito de cambiar os rumos que ameaçavam o bom fim da ceia. E Merchi cantou. Cantou como os anjos. O tio Constante reparava nela com arroubo total. Perguntava-se como de um corpinho grácil, tam frágil de aparência, poderia sair tal quantidade de voz. Inconscientemente olhava para os peitos da «miss» que saiam avultados discreta e atractivamente por entre o decote de umha blusa de tea floreada. Numha grotesca comparança assimilava aqueles avondosos, aliás que nom volumosos, seios a dous foles de gaita, a duas bolsinhas de reserva de ar onde este era administrado sabiamente para fazer tam magnificamente um jogo de cordas assi maravilhosas.

O senhor Constante tinha, de novo, visons pretéritas, visons dos longes tempos de Cuba. Os seus olhos encadeados remontavam lentamente dos peitos da «miss», recorrendo o seu colo branquíssimo, para se deter nuns lábios que se moviam harmoniosamente para compor as cadências sonoras surgidas de tam esplêndida gorja. Uns lábios que jogavam co fume dos cigarros até aparentarem que as estrelinhas fugidas do firmamento para pousarem naquel rosto de deusa cintilavam timidamente trás um veo serpeante.

Os dentes belos, branquinhos como nunca el vira, acordavam-lhe as bocas reluzentes das pretas e mulatas cubanas quando riam ou falavam. Mas a «miss» era ruivinha, de pel branca como o nacre... si, si, mesmo como um anjinho do céu.

...

A ceia estivo riquíssima. Ameníssima.

O senhor Constante ficou prendido e prendado da delicadeza da rapaza que el tam ligeiramente prejulgara. A bonomia dos seus vizinhos deixou-no abraiado. O dom Lucas era magnífico e a Merchi..., a Merchi extraordinária!

Nom. Eles nom pudérom ser os depredadores do seu poleiro. Nom era que o toucinho nom lhes gostasse por senhoritismo. Nem tampouco o caldo. O que tinha era que a graxa fazia-lhe mal àquel rosto precioso que mais parecia estar rebuçado —com perdom— em pó de arroz ou em fina farinha triga.

Nom. Eles nom pudérom ser. Eles, decididamente, nom fôrom.

...

A hora de se irem chegou a grandes alancadas. O pai pediu permisso de poder levar os restinhos do banquete para o micho, assemade que o coraçom do tio Constante batia contra a coraça de costelas a ritmo de taquicardia. Tivo que se ter do marco da porta para nom ir dar no chao. O coraçom seguia a bater com estrondo.

O tio Constante calculara-o todo. Calculara todas as possibilidades de comportamento das convivas, mesmo o pedido dos restos da ceia para lhe levarem ao michinho. Pensava em se regozijar de ver como recolheriam e ajuntariam fevras e ossinhos para a conviva ausente mentres el riria de saber que nom pode comer quem foi comido.

«Som-lhe para o «Morito», sabe?».

O senhor Constante sofria como ánima recém chegada ao purgatório. El, que puxera toda a sua vinagreira da vingança no pobre do gatinho, sentia agora como se as unhas de «Morito» se lhe engrelhassem no duodeno até lho rasgar imisericorde.

...

«Vem tomá, «Morito», vem tomá... Onde andarás, michinho, que nom vés?».

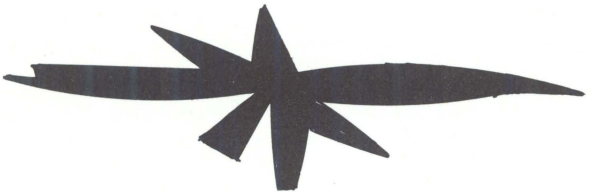
O tio Constante, co arrependimento foçando-lhe nas tripas e debuxando mais profundamente as olheiras no seu rosto, verrumava um pretexto na sua conciência.

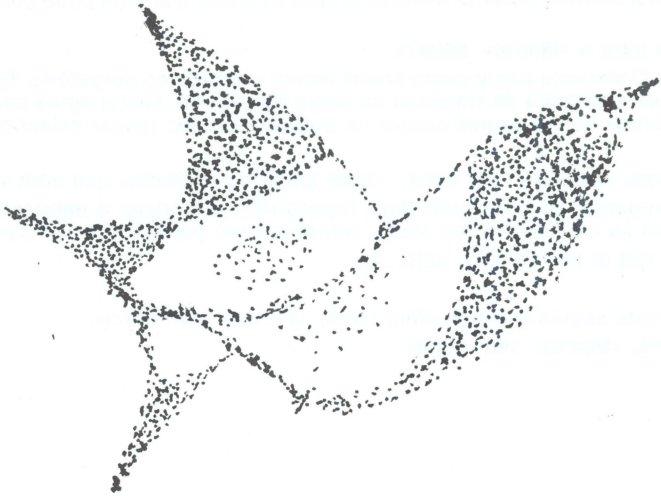
«E quem vos di senom foi o gato...?».

...

Afora a noite seguia a ecoar «Vem tomá, «Morito», vem tomá».

«Vem tomá, «Morito», vem tomá».





DOCUMENTAÇOM E INFORMAÇOM

Para umha história da ortografia galega

A ponência de 1979

Por. R. CARVALHO CALERO

Durante a celebraçom da Primeira Reuniom Galega de Estudos Clássicos, que tivo lugar em Santiago e em Pontevedra, do 2 ao 4 de Julho de 1979, o Conselheiro de Educaçom e Cultura da Junta de Galiza, dom Alejandrino Fernández Barreiro, estabeleceu contacto comigo a fim de conversar a propósito dos problemas da língua galega que afectavam ao seu Departamento.

O Conselheiro solicitou a minha colaboraçom para o tratamento de aqueles problemas. Mas estes estavam já postos, e de algum modo conduzidos, por entom, pois o senhor Fernández Barreiro fixera algum nomeamento e recabara algumha informaçom sobre o particular, e o seu antecessor no cargo, dom Marino Dónega Rozas, é de supor que nom se despreocupasse totalmente dessas questons. Mas até a data antes indicada, ninguém solicitara de mim tipo algum de assessoramento ou concurso.

Expressei ao senhor Fernández a minha opiniom sobre a conduçom do assunto no passado, tanto polo seu antecessor como por el mesmo; e como tal opiniom nom coincidisse com as reflexadas na política seguida, especialmente pola concepçom do idioma como realidade à vez geográfica e histórica, o Conselheiro propuxo-me a designaçom, para integrar-se no aparato da Conselharia, de umha persoa que representasse a postura crítica que eu manifestava, para que esta postura gravitasse devidamente no campo das resoluçons que se adoptassem no futuro. Dei-lhe entom o nome de um lingüista que poderia encher essa funçom —que nunca chegou a desempenhar— e mostrei-me disposto a nom negar ao Conselheiro o assessoramento persoal e privado que me fosse, em cada caso, requerido, sem que isto supuxesse adscriçom pola minha parte à titularidade de posto algum na burocrácia autonómica.

Sem embargo, sucessivas entrevistas revelárom que o senhor Conselheiro desejava constituir umha Comissom de Lingüística, integrada por técnicos, que elaborasse umhas normas ortográficas às que se ativesse a Junta, e que a minha disponibilidade nom oficial como eventual assessor nom se avinha com os seus planos, nos que me assinava a funçom de presidente da projectada Comissom.

Discutimos essa possibilidade e chegamos a um acordo, segundo o cal se formaria umha Comissom integrada por professores com título de doutor ou licenciado, expertos em lingüística, que fôrom quatro professores numerários de universidade e quatro professores do ensino médio. A Comissom ficou organizada como segue:

Dom Ricardo Carvalho Calero, Catedrático de Lingüística e Literatura Galega da Universidade de Santiago.

Dom José Luís Pensado Tomé, Catedrático de Filologia Románica da Universidade de Salamanca.

Dom António Santamarina Fernández, Agregado de Filologia Románica da Universidade de Santiago.

Dom José Luís Rodríguez Fernández, Adjunto de Língua e Literatura Portuguesa da Universidade de Santiago.

Dom Ramón Martínez López, Catedrático de Língua Espanhola e Literatura de Institutos de Bacharelato, jubilado. Antigo professor da Universidade de Austin, Texas (U.S.A.).

Dom José Filgueira Valverde, Catedrático de Língua Espanhola e Literatura de Institutos de Bacharelato, jubilado.

Dom Isidoro Milhám Gonçalez-Pardo, Catedrático de Grego do Instituto Rosalia de Castro, de Santiago.

Dom Manuel Vidám Torreira, Agregado de Latim do Instituto de Bacharelato de Monelos (A Corunha).

Os nomeamentos fôrom resultado de um acordo entre o Conselheiro e o Presidente da Comissom. Da exclusiva responsabilidade de aquel fôrom as designaçons de Dom Ricardo Carvalho Calero, Dom José Filgueira Valverde, Dom António Santamarina Fernández e Dom Manuel Vidám Torreira. Eu propuxem, e o Conselheiro aceitou sem discuti-los, os nomes dos restantes membros da Comissom. Mesmo eu fixem as gestons que conduzírom à aceitaçom desses nomeamentos polos senhores designados à proposta minha. Como é evidente, inspirei-me no feito de que todos eles eram conhecidos como investigadores no campo da filologia galega. Lembremos, por exemplo, as ediçons de Sarmiento por Pensado, da traduçom da Grande e General Estória *por Martínez, de Joám Airas por Rodríguez, ou os Comentários à* Antífona da Cantiga *de Cabanilhas por Milhám. Em questons de normativizaçom da língua, alguns trabalharam algo, outros nada. Mas todos se consideravam aptos para o labor de assessoramento técnico que caracterizava à Comissom.*

Como era natural, a proposta de normativa ortográfica devia elaborar-se mediante a formulaçom de umha ponência que logo passasse ao pleno da Comissom. Por aconselharem-no assi razons de facilidade e eficácia, propuxem que aquela ponência estivesse constituída polos três professores da Universidade de Santiago que formavam parte da Comissom: o Catedrático Carvalho, o Agregado Santamarina e o Adjunto Rodríguez. Os três pertenciam à Faculdade de Filologia, e, portanto, tinham os seus despachos na mesma planta do mesmo edifício, a planta quinta do edifício número 1 da Praça de Maçarelos, antigo Colégio de Exercitantes fundada polo Arcebispo Yermo, cujas armas ostenta a fachada.

Aceitada por unanimidade e sem discussom esta proposta, começamos imediatamente as sessons de trabalho no despacho do Presidente, Chefe do Departamento de Filologia Galega. Trabalhamos arreu, e chegamos a acordos unánimes, que, por suposto, eram resultado muitas vezes de transacçons, pois na ponência se achavam representados distintos pontos de vista sobre a orientaçom da ortografia do idioma. Mas devo dizer que jamais se negárom por ninguém os princípios que alguém professasse. Havia matizes na valorizaçom que procedia dar aos feitos históricos ou à sincronia actual, à atençom às normas vigentes noutras áreas galego-portuguesas e à receptividade social. Mas todo o mundo —os três que éramos— considerava todos esses factores dignos de ser tidos em conta. Jamais houvo votaçom, de jeito que os acordos se tomárom por unanimidade, como dixem. Nalguns casos, certamente, despois de prolongados debates. Mas sempre se achaou umha fórmula que assumírom todos os presentes. Nengum dos membros da Ponência estivo ausente em sessom algumha das celebradas. Houvo, pois, freqüentes transacçons, mas nada se acordou por maioria —que teria de ser de dous votos contra um— senom por geral consenso. Quando nalgum ponto nom se logrou a unanimidade, o que nunca ocorreu em questons fundamentais, esse ponto nom se incluiu no texto, com o que se entende ser opcional a soluçom. Nom lembro mais que um caso desta classe. Quando umha forma verbal acabada em consoante nasal vai seguida do pronome de terceira persoa, que representa o objecto directo da acçom transitiva, ou um predicado atribu-

tivo, esse pronome o, a, os, as, *antigamente* lo, la, los, las, *conserva, assimilada por aquela consoante nasal final do verbo, a própria consoante inicial* (l>n). *Entom caberia escrever, dentro do sistema da ponência,* mataron-no *(forma mais etimológica), ou* mataron-o, *e* mesmo mataro-no *(forma mais fonética). O mesmo* son-no, (so-no): ¿Es ti o novo profesor? Son-no. Claro que o son. *Nom ficando convencida a ponência, como unidade, da superioridade dumha grafia sobre a outra, nom se incluiu esse ponto na preceptiva, transferindo-o assi à livre decisom individual.*

Assi foi todo. Qualquer espécie que poda circular a este respeito e que se afaste desta informaçom é errónea, e nom pode proceder de nengum dos ponentes, cujas firmas sem reservas —como nom fossem reservas mentais, que seria temerário conjecturar— figuram na acta correspondente.

Esta ponência sofreu modificaçons no texto aprovado polo pleno da Comissom, modificaçons que ao incrementar os casos opcionais, restárom firmeza à regulaçom, ainda que sempre cabia umha aplicaçom coerente da mesma. Mas o texto da Comissom foi publicado e é bem conhecido. Em troca permanecia inédito o da Ponência.

Este texto é já história. Creio que o momento é oportuno para dá-lo a conhecer, juntamente com outros documentos relacionados com el, sem outro ánimo que o de contribuir a fornecer informaçom sobre a história da nossa ortografia.

1. ACTA DE CONSTITUCIÓN DA COMISIÓN DE LINGÜÍSTICA

No dia 20 de outubro ás 10 da mañá constituiu-se, sob a presidéncia do titular da Consellaria de Educación e Cultura da Xunta de Galiza, D. Alexandrino Fernández Barreiro, a Comisión de Lingüística adscrita á mesma e integrada polas seguintes persoas:

Presidente: D. Ricardo Carballo Calero
Vicepresidente: D. Ramón Martínez López
Vogais: D. Xosé Fernando Filgueira Valverde
D. Isidoro Millán González-Pardo
D. António Santamarina Fernández
D. Xosé Luís Pensado Tomé
D. Manuel Vidán Torreira
Secretario: D. Xosé Luís Rodríguez Fernández

A sesión, a que asistiron todos os membros, foi aberta polo Sr. Fernández Barreiro, que focou os obxectivos que deberia desenrolar a Comisión, basicamente os que constan no decreto da sua constitución. Respondeu-lle a seguir o Presidente da mesma, Sr. Carballo Calero, que se referiu ao propósito firme dos ali reunidos de traballaren asiduamente na realización do seu cometido; aludiu tamén á posibilidade de un desexábel acordo xeral, dado que entre os entendidos as diferenzas non eran tan grandes como a opinión pública erroneamente poderia crer, e por outra parte habia importantes aportacións de instituicións, e de particulares, das que evidentemente se partiria para ben encamiñar a problemática da normativización da língua, normativización que debe ter en conta dous factores básicos: a necesidade de reintegrar o galego no ámbito occidental a que pertence e a conveniéncia de ter en conta en todo momento a receptibilidade social para as normas propostas.

Posteriormente, retirou-se o Sr. Conselleiro de Educación e Cultura e comezou a primeira sesión de traballo que atendeu sobretodo ao aspecto organizativo, para conferir á Comisión unha maior efectividade e celeridade no desempeño da sua función. Acordou-se, en consecuéncia, a constitución de grupos ou subcomisións de traballo, concretamente as seguintes:

a) Unha subcomisión permanente, constituída polo Presidente, o Vicepresidente e o Secretário, que respondese basicamente ás necesidades apontadas no artigo 2.º da criación da Comisión de Lingüística.

b) Unha subcomisión de regulamento ortográfico (conforme o artigo 3.º do antedito decreto de criación da Comisión), constituída polos Sres. Carballo, Santamarina e Rodríguez, en atención á sua ubicación na Faculdade de Filoloxia, o que oferece unhas condicións adecuadas de traballo para a preparación das ponéncias que posteriormente serán apresentadas ao pleno da Comisión.

c) Unha subcomisión de regulamento de rexime interno, constituída polos Sres. Martínez López, Millán e Rodríguez, segundo o artigo 5.º do Decreto, coa finalidade conseguinte de estruturar o funcionamento e procedimentos de traballo, entre outras que constan no citado artigo, na Comisión.

Estes grupos de traballo, organizados como se indicou en procura dunha maior operatividade da Comisión, serán en todo momento abertos a todos os membros da mesma que espontaneamente se queiran somar para a realización das suas funcións específicas.

A subcomisión de regulamento ortográfico, pola sua parte, comezará as suas sesións de traballo no dia 22 ás sete da tarde, no Departamento de Galego da Faculdade de Filoloxia.

Do que como Secretário dou fe, e asino esta acta na data arriba indicada, co visto e praz do Señor Presidente.

R. Carballo *J. Luís Rodríguez*

2. CIRCULAR DE ENVÍO DA PONÉNCIA

Santiago, 29 Xaneiro 1980.

Sr. D.

Querido amigo:

A ponéncia à que se encomendou a redacción das bases ortográficas da língua galega segundo acordo adoptado polo pleno, depois de moitas sesións de traballo, chegou às conclusións que agora se lle adxuntan para que as considere, a fin de poder tomarmos unha decisión sobre elas na próxima reunión da Comisión de Lingüística, para a que será oportunamente convocado.

As bases son o resultado da concorréncia de moitos pontos de vista e de distintos factores que poden influir na opción por uns ou outros. Non estimamos conveniente unha rixidez dogmática que ignore os diversos condicionamentos que as circunstáncias impoñen. Por iso nalguns extremos preferimos propugnar unha certa liberdade para o usuário da língua.

Temos razoado estas decisión de xeito sumário nos casos que nos pareceron máis importantes. Confiamos en que este material sexa de utilidade para a formulación das conclusións definitivas.

Cordialmente, R. Carballo Calero. Presidente da Comisión de Lingüística.

3. PONÉNCIA

COMISION DE LINGÜÍSTICA

NORMAS ORTOGRÁFICAS DO IDIOMA GALEGO

Santiago, decembro de 1979

ÍNDICE XERAL

	Páxs.
1. O alfabeto	3
2. Acentos e regras de acentuacion	4

3. O trema ou diérese 8
4. Os pontos de interrogacion e exclamacion 8
5. O trazo ou guion 8
6. Sobre contraccións e similares 9
7. Algunhas terminacions 11
8. **Sobre a formacion do feminino** 11
9. Sobre a formacion do plural 12
***Observacions* às normas**
- O alfabeto (1) 14
- Acentos e regras de acentuacion (2) 14
- Os pontos de interrogacion e exclamacion (4) 16
- O trazo ou guion (5) 16
- Sobre contraccions e similares (6) 17

1. *O alfabeto.*

1.1. Eis a lista e o nome das letras que constituem o alfabeto galego:

a **(a),** ***b*** **(be),** ***c*** **(ce),** ***d*** **(de),** ***e*** **(e),** ***f*** **(efe),** ***g*** **(gue ou xe),** ***h*** **(agá),** ***i*** **(i),** ***l*** **(ele),** ***m*** **(eme),** ***n*** **(ene),** ***ñ*** **(eñe),** ***o*** **(o),** ***p*** **(pe),** ***q*** **(que),** ***r*** **(erre),** ***s*** **(ese),** ***t*** **(te),** ***u*** **(u),** ***v*** **(uvé),** ***x*** **(xis),** ***z*** **(ceta).**

1.2. *Observacions:*

1.2.1. Completan o cuadro destes signos básicos da escrita usual as combinacions seguintes: *ll, rr, ch, nh, gu, qu.* Convén notar que o dígrafo *nh* ten na ortografia corrente o valor de *n* velar ***(unha, algunha, nengunha...);*** **a combinación *qu* sinala o** son de *k* diante de *e, i,* e na escrita etimolóxica emprega-se tamén, salvo rara excepcion, para representar a secuéncia *ku* mais vogal.

1.2.2. O signo *j* (xota) usa-se na escrita etimolóxica.

1.2.3. As letras *k* (ca), *w* (uvé dobre ou duplo), *y* (i grego) empregan-se, afora certas abreviaturas, en palabras foráneas non asimiladas.

1.2.4. O *h* (agá) é letra muda salvo nos casos en que, en combinacion con outra letra, forma un dígrafo de valor preciso. Como muda só se utiliza en posicion inicial de palabra, conforme é habitual, e nas palabras derivadas por prefixación cando exista nas primitivas *(prehistória, coherdeiro, rehabilitar...),* con excepcion dos prefixos acabados en nasal, basicamente *in- (inóspito, inábil, inibicion...).* Tamén se utiliza en posicion final nalguns monosílabos interxectivos asi fixados pola tradizon: *ah, eh, oh,* etc.

2. *Acentos e regras de acentuacion.*

Para o primeiro ponto oferecen-se duas posibilidades (a, b) sobre as que deberá pronunciar-se esta Comision:

2.1. a) O galego utiliza na escrita usual un único tipo de acento (o acento agudo:´) que sinala sempre tonicidade, salvo nos casos de contraccions como *á, ás, ó, ós, prá,* etc. A presenza ou ausénci**a** desta marca pon de manifesto a sílaba tónica da palabra **de acordo coas regras seguintes.**

2.1. b) O galego utiliza na escrita usual dous tipos de acentos: grave (`) e agudo (´). O acento grave sinala sempre atonicidade e, sobre *e* e *o,* abertura; utiliza-se en contraccions como *à, às, ò, òs, prà...* e, por razons de claridade, pode-se empregar con valor diacrítico segundo o parágrafo 2.2.4.3. O acento agudo indica sempre tonicidade, e a sua presenza ou ausénci**a** pon de manifesto a sílaba tónica da palabra de acordo coas regras seguintes:

2.2. *Regras de acentuacion.*

2.2.1. Palabras agudas. Levan acento gráfico as palabras de mais dunha sílaba que acaban en *-a, -e, -o,* seguidos ou non de *-n, -s,* ou *-ns,* exceptuando-se (Novamente se oferecen duas redaccions sobre as que a Comision haberá de decidir)

a) —o caso dos finais en *-on, -ons* que, como agudos, non se acentuan. En consecuéncia:

b) —o caso dos finais en *-on, -ons,* e *-ans* que, como agudos, non se acentuan. En consecuéncia:

—Acentuarán-se: *irmá, irmás, irmán, (irmáns); café, cafés, refén, reféns; abó, abós;* etc.

Non se acentuarán: *animal, cantar, capaz, segrel, comer, avidez, caracol, amor, veloz,* etc. Tampouco se acentuarán: *ali, varonil, dormin, confins, colibris, contrai, aneis, bocoi, heroi, Permui; seminu, taful, algun, alguns, calambur, semicrus, callau, cantou, comeu, chapeu, dormiu;* etc.

Para os vocábulos acabados en *-i, -u* teña-se, non obstante, en conta o parágrafo 2.2.2.1.

2.2.2. Palavras graves. Levan acento gráfico as palabras graves non acabadas en *-a, -e, -o,* seguidas ou non de *-n, -s* ou *-ns,* con excepción das terminadas en *-on* que, como graves, se acentuan, e dos casos indicados en 2.2.2.1. En consecuéncia:

—Acentuarán-se: *ámbar, caníbal, tórax, carácter, amábel, Fernández, fórceps; Vítor, fútbol; móvil, móveis, ténis, Félix; álbum, álbuns, Vénus, Pólux;* etc. Tamén se acentuarán: *amáron, coméron, víron...*

—Non se acentuarán: *casa, casas, cases, casen, caso, casos...* Tampouco se acentuarán: *tia, querias, sabian; lie, cries, mien; tio, rio, vacios; atribua, conceituas, preceituan; sue, sues, suen;* etc.

2.2.2.1. Contra a regra enunciada, levarán acento calquer *i* ou *u* tónicos que por si sós ou seguidos de *s,* e precedidos de vogal, formen sílaba. Desta arte:

—Acentuarán-se: *aí, cafeína, país, egoísta, raíces; Esaú, peúga, amiúdan, viúva, balaústre; saía, caía, moía, doía, destruía, posuía;* etc.

Non se acentuarán: *Coimbra, ainda, cain, cair, raiz, xuiz,* etc.

Nota. Para o caso de apelidos como: *Maiz, Fraiz, Fouz,* etc., recomenda-se, consecuentemente, a acentuacion: *Máiz, Fráiz,* etc.

En casos como *Güiande, Güiana* postula-se, por motivos de claridade gráfica, o emprego do trema ou diérese sobre o *u* cando este non sexa mudo, conforme se di no parágrafo 3.1.

2.2.3. Palabras esdrúxulas. Acentuan-se todas. A efeitos ortográficos, as palabras acabadas en duas vogais, que na pronúncia oscilan entre hiato e ditongo crecente, consideran-se esdrúxulas e, en consecuéncia, levan acento gráfico. Asi pois:

—Acentuarán-se: *cántico, bébedo, sétimo, cóncavo, pórtico, insípido, lúcido.* E tamén: *cámbio, léria, António, língua, mágoa, idóneo, óseo...*

Non se acentuarán: *raia, saia, maio, choio,* segundo se deduz do apartado 2.2.2.1.

2.2.4. Acentos diacríticos. O acento agudo (ou o grave en caso de atonicidade) cumpre tamén unha funcion diacrítica cando se utiliza para diferenciar dous vocábulos que, na sua auséncia, serian graficamente idénticos. Asi:

2.2.4.1. En exemplos como os seguintes, tan frecuentes no discurso:

à, às/á, ás (prep. + art.)	*a, as* (art.; prep.)
ò, òs/ó, ós (prep. + art = *ao, aos*)	*o, os* (art.)
prà/prá (pra + art. = *para a)*	*pra* (reducion de *para*)
pròpró (pra + art. = *para o)*	*pro* (redución de *pero*)
cà, cò, càs, còs/cá, có, cás, cos (ca + art = *que a...)*	*ca* (conx. = *que; con* + art.), *co, cas, cos, cas (con* + art. = *co, coas...)*
dá, dás (vbo.)	*da, das* (prep. + art.)
dé (vbo.)	*de* (prep.)
pór (vbo.)	*por* (prep.)

vés, vén de *vir*)	*ves, ven (de ver)*
dó (subs.)	*do* (prep. + art.)
nó (subs.)	*no* (prep. + art.)
só (único, unicamente)	*so* (variante de *sob*)
póla (de árbore)	*pola* (prep. + art.; galiña nova)

Noutros casos en que se poda producir anfiboloxia, deixa-se liberdade ao usuário para utilizar acentos diacríticos que confiran claridade à mensaxe escrita, procurando, non obstante, acentuar o elemento tónico do par, e, se os dous son tónicos (ou átonos, contando co acento grave), o aberto. Asi:

2.2.4.2. En palabras como *que, como...* plurifuncionais. En caso de anfiboloxia ocasional, resolverá-se mediante o uso diacrítico do acento: *xa sabes qué hai* frente a *xa sabes que hai.*

2.2.4.3. En vocábulos pertencentes à mesma clase, ainda que semanticamente ben distanciados: *o óso do oso* (*óso* do esqueleto; *oso,* animal). O mesmo co acento grave: *Un còrdeiro non é un cordeiro* (*còrdeiro,* que fai cordas; *cordeiro,* cria de ovella, año). E en casos límites poderá-se ainda acudir ao acento circunflexo: *A pôla está xunto à póla; vai pola pôla (pôla,* galiña nova; *póla,* ramo de árbore; *pola,* prep. + art.).

2.2.4.4. En vocábulos pertencentes a clases diversas que, no entanto, poden resultar equívocos no discurso: *máis non lle falo sobre iso* frente a *mais non lle falo sobre iso* (*máis,* adv.; *mais,* conx.); *dixo-lle que fóra* diferente de *dixo-lle que fora* (*fóra,* adv.; *fora,* vbo.).

2.2.4.5. Nas formas *cantamos, comemos, partimos,* idénticas, nos verbos regulares, para o perfeito e o presente. Pode ser útil sinalar inequivocamente o tempo verbal, **o que se consegue por meio do acento diacrítico nas formas do pasado:** *cantar cantámos mais non sabes o que* frente a *cantar cantamos...*

Nota. Non se acentuan nunca os demostrativos *este, esta; ese, esa; aquel(e), aquela,* cos respectivos plurais, sexan adxectivos ou substantivos. Tampouco se acentua *un,* artigo ou numeral, nen os advérbios en *-mente,* por seren palabras graves e, conforme a regra, non acentuadas graficamente.

3. *O trema ou diérese.*

Utiliza-se en galego só sobre as vogais *u, i,* nos seguintes contextos:

3.1. Na combinacion *gu* mais vogal. O trema sobre o *u* sinala unicamente que este é pronunciado, mais non informa se a secuéncia resultante se realiza como ditongo crecente *(lingüística),* decrecente *(agüiro)* ou como hiato *(Bagüin, Güiande).*

3.2. No caso de *qu* mais vogal *e* ou *i,* na escrita etimolóxica. O trema indica que o *u* se articula; *conseqüente.*

3.3. Sobre un *i* átono que forme sílaba por si só. Este uso reduce-se às persoas 5 e 6 dos imperfeitos de verbos como *cair, sair* e similares, nos que as formas graves *(caïamos, saïamos)* alternan coas esdrúxulas *(caíamos, saíamos).* O emprego do trema permite a distincion das formas graves do imperfeito con relacion às respectivas do presente do subxuntivo *(caiamos, saiamos).*

4. Os pontos de interrogacion e exclamacion.

Dispensa-se o uso do ponto inicial de interrogacion (¿) en oracions interrogativas comezadas por pronome ou advérbio interrogativos ou en oracions breves en que a sua auséncia non afecte à claridade da mensaxe, sendo, en consecuéncia, só obrigatórico en posicion final de frase (?). O mesmo se recomenda para o ponto de exclamacion. Asi: *Que queres de min? Aonde vas con iso? Estarás às seis no café?* E tamén: *Que me contas! Canto me doi! Esta é unha magnífica notícia!*

5. *O trazo ou guion.*

O trazo de union, tamén chamado hifen, utiliza-se en galego nos seguintes casos:

5.1. Nas palabras compostas, en caso de non estaren ainda os seus elementos, no plano fónico e semántico, perfeitamente fusionados: *tráxico-cómico, sócio-económico, guarda-civil.*

5.2. Para marcar a ligazon entre verbo e pronome enclítico, mantendo cada vocábulo a sua acentuacion própria a efeitos gráficos: *collo-o, colle-lo, collé-lo...*

5.3. No caso dos pronomes *nos, vos, lles* mais o pronome *-lo* (variante de *o*) que se conservou nesta combinacion: *no-lo, vo-lo, lle-lo, no-la, vo-los,* etc.

5.4. Entre a partícula presentativa *eis* e un pronome: *eis-me, eis-te, ei-lo...*

5.5. De modo facultativo, e coas limitacions sinaladas en 6.2.4., nos contextos seguintes de:

5.5.1 Infinitivo ou forma persoal do verbo acabada en *-r* ou *-s* mais a forma *-lo* do artigo (variante de *o*), resultante dun proceso asimilatório: *Debes comprá-las rifas se quere-lo prémio* (Ou *Debes comprar as rifas se queres o prémio*).

5.5.2. Pronome átono *nos, vos, lles* mais a variante *-lo* do artigo: *Vin-vo-lo can* (Ou: *Vin-vos o can*).

5.6. Para, en fin de liña, indicar que unha palabra se completa na liña seguinte. É de subliñar que, no caso de palabras ligadas por trazo, cando no fin de liña a particion coincida co trazo, este haberá de repertir-se no princípio de liña seguinte: *Este mel tan soboroso deu-/-mo a vosa mai.*

6. *Sobre contraccions e similares.*

Sendo a regra xeral a de escreber as palabras na sua integridade, no entanto, conforme a dinámica histórica da língua e as demais normas do sistema, parece oportuno indicar algunhas contraccions, estabelecendo dentro delas dous grupos: obrigatórias e facultativas.

6.1. Contraccions obrigatórias:

6.1.1. A prep. *a* co art. definido: *à, às, ao (ò), aos (òs).*

6.1.2. A prep. *con* co art. definido: *co, coa, cos, coas.*

6.1.3. A prep. *por* co art. definido: *polo, pola, polos, polas.*

6.1.4. A prep. *de* co art. definido: *do, da, dos, das;* cos pronomes persoais tónicos de terceira persoa: *del(e), dela, deles, delas;* cos pronomes demostrativos: *deste, desta, disto; dese, desa, diso; daquel(e), daquela, daquilo,* **cos seus respectivos plurais.**

6.1.5. A prep. *en* co art. definido e indefinido: *no, na, nos, nas; nun, nunha, nuns, nunhas;* **cos pronomes persoais tónicos de terceira persoa:** ***nel(e), nela, neles, nelas;*** con outras formas pronominais comezadas por vogal: *neste, nesa, naquilo, nalgum, nalgo, noutro...; noutrora,* etc.

6.1.6. A reducion *pra* da prep. *para,* en caso de uso, co art. definido: *prò, prà, pròs, pràs.* **O mesmo se postula coa conx.** ***ca*** **e o art. definido:** ***cò, cà, còs, càs.***

6.1.7. Os pronomes persoais átonos co pron. *o* e as suas transformacions: *mo, ma, mos, mas; cho, cha, chos, chas; llo, lla, llos, llas.* Para as contraccions co pronome *-lo,* **alomorfo de** ***o,*** **cfr. apartado 5.3.**

6.2. Contraccions facultativas. Eis as principais:

6.2.1. A prep. *de* co art. indefinido: *dun/de un,* etc., pron. indefinido: *doutro/de outro, dalgun/de algun...,* ou alguns advérbios: *daqui/de aqui, donde/de onde,* etc.

6.2.2. A prep. *con* e o art, indefinido: *cun/con un,* etc.

6.2.3. Os demostrativos co pron. *outro: estoutro/este outro,* etc.

6.2.4. Algunhas formas verbais e o artigo definido, o que leva na escrita a eliminación de un *-r* ou *-s* finais e a aparicion da forma *-lo* do artigo. É potestativa a sua representación nos mesmos contextos en que se verifica a da forma pronominal *-lo,* isto é:

6.2.4.1. Tras infinitivo ou forma persoal acabada en *-r* ou *-s: Após gañá-lo xogo el, recebeste-lo prémio todos vós* (Ou: *Após gañar o xogo el, recebestes o prémio todos vós*).

6.2.4.2. Tras os pron. átonos *nos, vos, lles: Dade-no-lo viño e facemos-vo-lo traballo* (Ou: *Dade-nos o viño e facemos-vos o traballo*).

6.2.4.3. Tras o presentativo *eis: Ei-lo cabalo do amo* (Ou: *Eis o cabalo do amo*).

Este fenómeno de índole asimilatória, que na fala se pode dar en muitos mais casos, non se representará, mesmo nestes contextos citados, nas seguintes situacions:

a) Cando se realiza unha pausa, despois das formas verbais ou pronominais indicadas: *O que queremos nós? Non queremos diñeiros, queremos* (pausa) *a liberdade.*

b) Cando às formas indicadas segue o suxeito: *Deu-lles de comer o pai.*

c) Cando segue un complemento en aposición: *Áfonso X, que é xusto chamar o Sábio, foi grande escritor.*

d) Cando segue complemento constituído por adxectivo ou advérbio substantivados: *Chegaron a ver o mellor. Querian acoller o ben e non receber o mal.*

7. *Algunhas terminacions.*

É de potenciar o uso das seguintes terminacions, por seren xenuinamente galegas:

7.1. *-aria: romaria, pescadaria, consellaria...*

7.2. *-bel: amábel, probábel, posíbel, atribuíbes...*

7.3. *-zon: emigrazon, perseguizon, inflamazon...*

7.4. *-son: prison, confeson, repercuson...*

7.5. *-se: análise, crise, tese, síntese...*

7.6. *-te: meninxite, colite...*

7.7. Os casos de *-zo, -za* conservados na nosa ou noutras áreas do sistema: *crenza, pertenza, xustiza, andazo, cansazo, xuízo...*

8. *Sobre a formacion do feminino.*

O feminino das palabras acabadas en *-án* fai-se en *-á (irmán, irmá; alemán, alemá),* salvo algunha voz irregular *(can, cadela).* Os acabados en *-on* mudan esta terminacion en *-oa (patron, patroa; leon, leoa),* afora algun irregular *(baron* fai *baronesa)* ou no caso do sufixo aumentativo ou aumentativo-despectivo *-on* con feminino en *-ona (solteiron, solteirona).*

9. *Sobre a formacion do plural.*

As palabras acabadas en *-l* substituen esta consoante por *-is (animal, animais; tal, tais; papel, papeis; notábel, notábeis; español, españois; azul, azuis),* mais no caso de *-il* temos que distinguir entre *-il* tónico, onde temos só *-is (cuadril, cuadris; infantil, infantis),* e *-il* átono, con plural en *-eis (fácil, fáceis; móvil, móveis).*

Diferente é o caso dos vocábulos terminados en *-le,* que se usan con frecuéncia co *-e* apocopado. O seu plural é o formado normalmente sobre a forma plena: *vales, meles, foles, tules, eles, aqueles.*

OBSERVACIONS ÀS NORMAS

O alfabeto (1)

a) Na escrita etimolóxica o nome da letra *g* será unicamente o de «xe», como ocorre no resto do ámbito hispánico. Na escrita usual poderá-se chamar indistintamente «xe» ou «gue».

b) As combinacions das grafemas *c, l, n* coa letra *h* indicando palatalizacion, se ben orixinárias do galo-románico, están dentro da tradizon histórica da ortografia galega, ainda que só a primeira delas sexa de regra na escrita usual. A adopción de *nh* para representar o *n* palatalizado obrigraria-nos a utilizar outro signo diferente para o valor de *n* velar, por exemplo *mh,* perfeitamente coñecido ademais na história da língua. O critério da coeréncia imporia, non obstante, neste suposto, o uso de *-m* final, asimesmo con sobrada base histórica. A vantaxe deste cámbio consistiria na aproximacion à escrita das outras áreas do sistema galego-português, e, à vez, na eliminacion das combinacions castellanas *ll* e *nn* (que posteriormente deu lugar a ñ).

c) A eliminación do *h* mudo é tendéncia, sobretodo en posicion medial, que ven de lonxe. Unha das razons poderosas desta eliminacion é a de evitar, en cultismos, a combinacion *nh,* que na escrita corrente ten o valor de *n* velar: *inóspito* (e non *inhóspito), inumano* (e non *inhumano), inábil* (e non *inhábil,* etc., o que tamén se poderia realizar separando, por exemplo, o prefixo con trazo: *in-humano.*

Acentos e regras de acentuacion (2)

a) *Tipos de acentos.* O ideal seria que o sistema de acentos, alén de sinalar a sílaba tónica, indicase o timbre, aberto ou fechado, das vogais *o, e* tónicas, o que se poderia realizar, conforme a práctica luso-brasileira, utilizando o acento agudo (´) para indicar vogal tónica aberta (salvo, naturalmente, no caso de *a, i, u,* onde non existe a oposición aberta - fechada), e o acento circunflexo (ˆ) para sinalar vogal fechada, reservando-se o acento grave (`) para marcar vogal átona e aberta. Parece no entanto prematuro, por falta ainda de estudos suficientes de tipo fonético, introducir na escrita corrente esta distincion acentual, excluindo o caso de pares como *pola* (prep. + art.), *pôla* (galiña nova), *póla* (ramo de árbore), en que é conveniente usá-la en caso de ambigüidade contextual.

O caso de acento grave, que como se dicia sinalaba atonicidade e, polo menos sobre *e* e *o,* abertura, é algo diferente. Poderia-se introducir neste momento, porque o seu emprego —en contraccions como *à, às, òs, prà,* etc.— é fácil e claro, mais a sua reducida utilizacion poderia tamén facé-lo dispensábel, polo menos de momento. Non obstante, a sua admision desde xa na escrita corrente, alén de facilitar a distincion entre alguns pares de vocábulos (v. gr.: *as,* artigo; *às,* prep. mais art.; *ás* plural de nome de letra; asas), proporcionaria en contextos equívocos a posibilidade de distinguir diacriticamente palabras que só diferen polo seu vocalismo átono; asi, por exemplo: *aprèsar* (dar-se presa) frente a *apresar* (agarrar, aprisionar); *còrdeiro* (que fai cordas) por oposicion a *cordeiro* (cria de ovella, año); *mòlliño* (dim. de *móllo* = feixe, brazado) frente a *molliño* (dim. de *mollo* = prebe); *(pègada (*rasto, vestíxio) diferente de *pegada* (fem. de *pegado); bèsteiro* (soldado armado de *bésta,* ou fabricante delas) frente a *besteiro* (encarregado de *bestas,* arrieiro); etc. Conforme a regra xeral (2.2.4.1.) iria marcado o elemento aberto do par, o que só se pode conseguir co auxílio do acento grave.

b) *Regras de acentuacion.* Por motivo das circunstáncias, a acentuacion galega foi, até época ben recente, unha cópia da castellana, o que supuña algunha vantaxe (a comodidade de usar un só sistema acentual para as duas línguas) e bastantes inconvenientes. Entre estes, o de non se adaptar, en certos casos, à estrutura da nosa língua. Por exemplo, a acentuacion de palabras acabadas en ditongo crecente (e outro tanto se pode dicer das acabadas en *-on, -ons, -ans)* non é de rendimento, dada a extraordinária abundáncia en galego de formas como *amou, comeu, dormiu, animais, niveis, callau,* etc. En parecido caso temos os vocábulos acabados en *-i, -u,* seguidos ou non de consoante, que dispensan o acento como agudos por se-lo asi a maioria deles, en galego ainda mais que en castellano (o cast. *tesis* é en gal. *tese,* por ex.). En contrapartida, acentuar *ruído, moído, míudo, país,* etc., en galego é necesário xustamente por esa tendéncia ao ditongo decrecente, indicando desta forma o acento que non se produz tal ditongo decrecente. Canto à recomendacion de acentuar *léria* e non *leria*

(de *ler)* non debe sorprender, por pertencer a segunda ao tipo de palabras que, con este final, non levan acento gráfico. Por outra parte, a distincion entre os vocábulos acabados en *-ea, -eo, -oa* átonos *(códea, idóneo, mámoa)* e os acabados en *-ía, -ío, -úa (glória, andámio, récua),* que a efeitos de acento gráfico se viña facendo, non parece sustentar-se na pronúncia habitual galega, que normalmente non fai diferenciazon entre eles, como indica a tendéncia a confundir graficamente os dous grupos, escrebendo por exemplo: *andámeo, glórea, língoa, mámua,* etc. Tendo en conta isto, o lóxico parece ser acentuar ambos os tipos de vocábulos, co cal nos aproximamos, ademais, à escrita luso-brasileira, que participa en conxunto desta mesma situacion.

Os pontos de interrogacion e exclamacion (4)

As línguas da área occidental en que nos movemos non utilizan o ponto de interrogación ou de exclamacion en posicion inicial, por non ser necesário na maior parte dos casos. Portugueses e brasileiros que o utilizaron, non obstante, en normativas ortográficas anteriores, acabaron por abandoná-lo. Só o castellano o conserva. Às veces pode, efectivamente, ser útil marcar con claridade o princípio da interrogacion ou da exclamacion; por isto parece recomendábel a sua presenza en posicion inicial nestes casos, polo cal non se estabelece a sua total eliminacion.

O trazo ou guion (5)

O trazo ou hifen é signo ortográfico utilizado ocasionalmente, se ben con insisténcia, na nosa escrita, ainda que a miúdo con funcions non ben precisas. A sua introducion entre verbo e pronome enclítico, à maneira doutras línguas e falares hispánicos con exclusion do castellano, pareceu conveniente polas razons seguintes:

a) A claridade gráfica que proporciona, sobretodo en línguas que, na colocacion do pronome co verbo, tenden à posposicion, o que acontece coa nosa.

b) A importante distincion de homógrafos que facilita. Asi: *fa-la (fas + la)* frente a *fala* (subst. ou vbo.); *ve-la (ves + la)* frente a *vela* (subst. ou vbo.); *po-la (pos + la)* oposto a *pola* (prep. + art.; cfr. *pôla, póla); se-lo* frente a *selo* (subst. ou vbo.); *di-a (di + a)* frente a *dia* (subst.); etc.

c) A coeréncia coa representacion da 2.ª forma do artigo, cando o que escrebe fai uso desta posibilidade (cfr. 6.2.4.): *Xoan, come-lo caldo? come-lo ou non?*

d) A aproximacion à escrita luso-brasileira, área lingüística na que, xenuinamente, se situa o galego.

Sobre contraccions e similares (6)

A diferenciazon entre contraccions obrigatórias e facultativas parece resolver ben as indecisions historicamente apresentadas pola nosa ortografia, à vez que entronca co comportamento habitual que, con matices entre eles, mostran os luso-brasileiros. Estabelecido un elenco mínimo indispensábel de contraccions obrigatórias, nos outos casos, en que a tradizon e/ou a pronúncia se mostran vacilantes, poderá-se facer uso da forma plena ou da contracta segundo as preferencias persoais ou as motivacions estilísticas que, en cada caso, podan concorrer, sen que esta razoábel flexibilidade supoña en modo algun falta da desexada fixacion dentro dos critérios ortográficos que presiden estas normas.

Santiago de Compostela, Decembro de 1979

Informe do Departamento de Filologia Galega

Muito se poderia dizer sobre o presente documento. O feito de estar escrito em espanhol e proceder do Departamento de Filologia Galega é de por si bem elucidativo. Nom é necessário comentário já que «amor et tussis non celantur» (o amor e a tosse nom se podem ocultar).

NIVERSIDADE DE SANTIAGO

FACULTADE DE FILOLOXÍA

DEPARTAMENTO DE FILOLOXÍA GALEGA

13-2-1984

INFORME del Departamento de Filología Galega sobre los aspirantes a plaza de Profesor Encargado de curso nivel C de Lengua y Literatura Gallega de la Escuela Universitaria de La Coruña.

Vistos los méritos y el expediente académico de los dos aspirantes, a juicio de los responsables de este Departamento el que reúne mejores condiciones es D. Fernando Fernández Lourido, por las siguientes razones:

El Sr. Fernández Lourido es Licenciado desde el curso 1974-1975, mientras que Dª Elvira Souto terminó la carrera en el curso 1982-1983. Además, el Sr. Fernández Lourido ha impartido ya clases de gallego en el Instituto durante los cursos 1980-1981 y 1981-1982, así como Lengua Española en 1980.

El hecho de que Dª Elvira Souto sea Licenciada en "gallego-portugués" y el Sr. Fernández Lourido en Hispánicas, no representa ninguna ventaja si nos atenemos a los estudios en sí, pues el plan vigente de "gallego-portugués" tiene mucho de portugués y poco de gallego, debido a que solamente se estudia en él un curso de "Lengua Gallega"(en 3º y común con los de Español), frente a dos cursos de "Lengua portuguesa"(en la especialidad), y un solo curso de Literatura moderna. Como el señor Fernández Lourido es Licenciado por el plan antiguo y también estudió un curso de "Lengua Gallega", otro de "Literatura galaico-portuguesa" y un curso de "Filología Hispánica", realmente tiene los mismos conocimientos de "Gallego" que los Licenciados posteriores en la subsección llamada "gallego-portugués".

A priori, un argumento a favor de Dª Elvira Souto sería que realizó una tesina de Licenciatura, pero debe aclararse que se trata de una tesina escrita en portugués y sobre un novelista actual portugués, lo cual no es un mérito preferente para una plaza de Lengua Gallega.

Finalmente, debe tenerse en cuenta que la DªElvira Souto no ofrece las mejores garantías para desempeñar una plaza de gallego, pues en este Departamento consta su actitud de repulsa contra nuestra lengua, en beneficio del portugués, ya que adopta una postura de "reintegracionismo" total, escribiendo practicamente en portugués y enseñando a sus alumnos una lengua que no tiene nada que ver con el gallego actual. Todo esto hace que no sea muy recomendable un profesor de esta categoría en una Escuela de Formación del Profesorado.

Por otra parte, el Señor Fernández Lourido está actualmente en paro, mientras que Dª Elvira Souto está dando clase en un Centro Oficial y su marcha causaría problemas en el Centro. Por todo ello, por estar en paro por su mayor experiencia, por sus años de servicio, parece evidente que D. Fernando Fernández Lourido reúne las mejores condiciones para ocupar la plaza de Profesor Encargado nivel C de Lengua y Literatura Gallega de la Escuela Universitaria de Profesorado de La Coruña.

Santiago, 13 de Febrero de 1984

EL DIRECTOR DEL DEPARTAMENTO

UNIVERSIDAD DE SANTIAGO - FACULTAD DE FILOLOGIA

(Ramón Lorenzo)

Novos membros de honra da AGAL

No Regulamento de Regime Interno da Associaçom Galega da Língua (AGAL) Cap. VI, art. 64, aparece a possibilidade de nomear membros de honra da Associaçom: «Além dos membros numerários, a AGAL pode nomear tamém membros de honor, que terám todos os direitos e deveres dos numerários, excepto o de pagar a quota. Os membros de honor poderám ser propostos polo Conselho ou por qualquer membro da Assembleia. Esta será quem decida outorgar-lhes tal mérito. Para isso, valorarám-se os trabalhos do candidato em prol dos mesmos objectivos que a AGAL defende».

Até agora a AGAL contava com três membros de honor: Ricardo Carvalho Calero, Ernesto Guerra da Cal e Manuel Rodrigues Lapa, mas na assembleia ordinária celebrada o passado dia 2 de Fevreiro, tomou-se, entre outros, o acordo por unanimidade de nomear membros de honra da Associaçom aos professores Joám Coromines (Catalunha), Leodegário A. de Azevedo Filho (Brasil), Óscar Lopes (Portugal) e Jenaro Marinhas (Galiza). Umha vez solicitada a sua conformidade, respondêrom:

Joám Coromines, desde Pineda, o 21 de Fevreiro dizia «Prezados Amigos: Aceito com prazer a vossa honra. Viva Galiza. Joan Coromines».

Leodegário A. de Azevedo Filho, desde Rio de Janeiro, o 28 de Fevreiro escrevia «Agradeço-lhe a carta que teve a gentileza de remeter-me e em que me comunica que fui eleito para Membro de Honra da Associação Galega da Língua, o que me deixa extremadamente honrado. Ao aceitar o honroso convite, reitero a minha convicção de que a preservação histórica da Língua Galega plenamente justifica a sua integração no mundo lingüístico a que também pertence Brasil, Portugal e jovens nações africanas».

Jenaro Marinhas, desde A Corunha, o 17 de Fevreiro manifestava «Se o vosso acordo de nomear-me membro de honra da Associaçom Galega da Língua visa a premiar a infinita simpatia que sinto por AGAL, demasiado prémio me parece; mas aceito-o com agradecimento, com alvoroço e também com orgulho, orgulho de ver-me unido a vós, como um qualquer inominado, na empresa que com tesom, generosidade e acerto levades a cabo em prol da dignificaçom da nossa língua».

Óscar Lopes, polo telefone, exprimiu mais umha vez a sua solidariedade com os galegos.

O tratamento do I Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, nos meios de comunicaçom social

Costuma ser um feito habitual que os jornais galegos, além de traduzirem sistematicamente ao espanhol os textos remitidos pola AGAL, reduzam, deformem, ocultem ou nom publiquem notas ou informes sobre actividades da Associaçom. Se este fenómeno é prática habitual, nom deve surprender, pois, que o tratamento do Congresso fosse mui desigual nos meios de comunicaçom. A mensagem escrita na Galiza, nom obstante, tem um tratamento mui diferente à mensagem que se transmite polas ondas, isto é, as emissoras de rádio, que, em geral, costumam ler na sua integridade qualquer texto e, inclusive, informam com maior amplitude sobre as actividades que desenvolve a AGAL, e, conseqüentemente, sobre o «I Congresso».

Sem fazermos umha referência a todas as notícias aparecidas antes da celebraçom (nos jornais «La Región», «La Voz», «Faro», «El Correo» e inclusive «El País» (que

o dia 5 de Setembro publicou um artigo de Manuel Rivas intitulado *Intelectuais galegos, portugueses e brasileiros reunem-se para discutir sobre os sonhos e as utopias comuns*) sinalaremos que a informaçom foi mui desigual. A salientar o caso mui excepcional de «La Región» que diariamente destinava meia página central para dar umha ampla informaçom; «La Voz de Galicia» informou só nas páginas de Ourense (isto é, as outras três províncias da Galiza nom tinham notícia deste magno acontecimento cultural) a nom ser um titular do dia 23 que dava umha informaçom confusa e deturpada sobre o mesmo, mentres silenciava aspectos realmente importantes (de aí que o professor Coseriu e a professora Luciana Stegagno, ao verem esse tratamento tam desigual se negassem a facilitar umha entrevista com o jornalista). Apenas recolheu informaçom «Faro de Orense» e muito menos «Faro de Vigo». O semanário «A Nosa Terra» de 27 de Setembro de 1984, punha em titulares na primeira página «Éxito do Congresso Internacional Galego-Português», dedicava toda a página 19 a salientar o «alto nível científico e êxito do reintegracionismo» e a entrevistas com Elvira Souto e José Luís Rodríguez, membros da Comissom Organizadora, e também com o professor da Universidade de Coimbra, Pires Laranjeira.

As emissoras de rádio, como já ficou apontado, oferecêrom muitíssima mais informaçom. As quatro emissoras de Ourense —«Rádio Popular», «Cadena Ser», «Rádio Cadena Espanhola» e «Ondas Galícia»— dedicárom amplos espaços. «Rádio Nacional de Espanha» na Corunha emitiu em várias ocasions e enviou assi mesmo informaçom para todo o Estado espanhol. Por último, diremos que a Televisom Galega só recolheu o acto inaugural ao que dedicou breves minutos.

Mui diferente foi o panorama nos meios de comunicaçom portugueses, que, possivelmente, informárom com maior amplitude e precisom que os galegos. Assistírom ao Congresso jornalistas de «O Expresso», revista «Mais», «Jornal de Letras», da «Rádio-Difusão Portuguesa» e também da «Televisão Portuguesa». A «Rádio-Difusão Portuguesa» emitia quatro informativos diários através das instalaçons de «Rádio Cadena Espanhola» em Ourense e a «Televisão Portuguesa» grabou umha parte de umha sessom e umha entrevista com o professor Óscar Lopes que logo, ao parecer, nom se ofereceu aos portugueses.

A revista «Mais», no seu número 131 de 12 de Outubro de 1984, dedicou-lhe quatro páginas; o «Jornal de Letras» destinou meia página da semana de 25 de Setembro a 1 de Outubro; o «Expresso», de Sábado 29 de Setembro as páginas 30 a 32. Importante foi a notícia aparecida no «Jornal de Notícias» de 26 de Outubro de 1984, em que anunciava que o Governo português acédia a «sugestões de especialistas» e que por isso as Literaturas brasileira, africanas e galega seriam obrigatórias em «Estudos portugueses», para assi tomar em conta «recomendações de professores portugueses participantes no recente Congresso da Língua Galaico-Portuguesa, realizado em Ourense».

Este é, de um modo mui resumido, o tratamento do Congresso. Nom recolhe todas as notícias sobre o mesmo (por exemplo a notícia aparecida na revista «Escrita» que edita e promove a «Asociación de Escritores en Língua Galega» e outras aparecidas em jornais portugueses), mas pode ajudar a esclarecer o extraordinário silêncio existente, em linhas gerais, na Galiza sobre as actividades da «Associaçom Galega da Língua», o que demonstra que ainda falta por percorrer um longo caminho até conseguir umha imprensa galega, livre, objectiva e ao serviço de um país que exige umha pronta, real e eficaz informaçom.

Galego coloquial

Vocabulário de extensom.
Galego: s. m., Idioma románico muito parecido com o espanhol.
Colonial: adj., Referente a colónias.

Que o Instituto da Língua Galega considera os habitantes deste país incapazes de aprender as formas idiomáticas correctas acordes com a tradiçom já o deu a entender em várias ocasions, mas concepçom tam pateta como a que se desprende da leitura do «galego coloquial» é algo que realmente nos maravilha; que ideologicamente os contidos do curso se situam no conservadurismo mais puro é manifesto; que se aproveita a situaçom para fazer publicidade nom parece oferecer dúvida. Como interpretar, senom, que ocupe o mesmo espaço a «lección» e a publicidade que se fai de «Conselleria de Educación», de «La Voz de Galicia» e do próprio I.L.G.?

Mas vamos por partes.

1.—O título: *Galego Coloquial.* Que grupo de falantes se escolheu para estabelecer a «norma» deste «galego coloquial»? Nom está em contradiçom o termo «norma» com o significado que em Lingüística tem «coloquial»? Porque, se como se di «bótase en falta unha lingua comun de todos e para todos. Este é o baleiro que pretendemos ir enchendo co noso galego coloquial» em palavras de Constantino Garcia na apresentaçom do curso, se se afirma isso, é que se está a elaborar umha norma de galego comum, pois que registar a língua coloquial significaria dar entrada a toda a invasom de castelhanismos que hoje observamos no idioma. O que se está a fazer é repetir a normativa oficial: devemos pensar que aquela normativa foi criada só para contextos de oralidade...?!

2.—A ideologia. Que tipo de ideologia veicula este curso? Ou o que é o mesmo, que imagem se pretende dar da língua como factor de comunicaçom social? Ou ainda, que tipo de sociedade «ideal» procura o I.L.G. para melhor desenvolver a sua teoria e praxe sociolingüística? Vejamos senom alguns exemplos: numha liçom diferencia-se claramente entre *xogos de nenos* e *xogos de nenas* e mesmo se ridiculiza os meninhos por possíveis traços afeminados; as mulheres estám na cozinha falando dos seus labores e os homes freqüentam o bar; a emigraçom nom cria conflitos, será talvez que os galegos em vez de emigrarem por necessidade passam «férias» no

estrangeiro? Que opinarám as mulheres que trabalham no I.L.G. ou em «La Voz de Galicia», ou ainda na «Dirección Xeral de Política Lingüística», ao verem-se definidas como «fémeas do macho»? Que dirám os moços de 15-18 anos ao verem que aquelas persoas que falam galego vestem ao jeito dos anos 60?

3.—Metodologia. O curso está realizado por umha pretensa «Sección» didáctica do I.L.G. Mas nós sempre pensámos que umha secçom didáctica trabalharia com umha metodologia previamente estudada em funçom de uns objectivos. Ora, qual a metodologia que leva a definir palavras à toa? Por exemplo, quem nom sabe em Galiza o que é o *trabalho,* ou *jogar,* ou *chorar?* Dá a impressom de que o que se pretende é encher à pressa um espaço, salvo se o curso for dedicado à etapa infantil de adquiriçom da linguagem ou que no país o galego é umha sorte de esperanto ininteligível para a maior parte da populaçom.

Ainda nos perguntamos, pois nom o sabemos, a quem vai dirigido o curso, pois se um curso de jornal leva o leitor a valer-se por si próprio, como o poderá fazer se os exercícios nom levam soluçom? É que o curso está dirigido a professores para o utilizarem nas aulas, ou talvez se pensa publicar um livro com as soluçons a este passatempo?*

Queremos salientar ainda o método de trabalho do I.L.G., sem dúvida interessante, e que aparece explicitado numha liçom. Ei-lo. «*Exercício de vocabulario:* Pregunta na praza os nomes galegos dos peixes e envíenolos ó I.L.G.». É o que se chama um autêntico *trabalho de campo* dos dialectólogos do I.L.G. Terá sido esta e metodologia do tam anunciado Atlas Lingüístico de Galiza?

4.—Língua. Nom tratamos agora de entrar em questons de escolhas normativas, mas nom podemos deixar de lado certo tipo de formaçons dificilmente defendíveis seja cual for a filosofia lingüística subjacente. Assi, aparecem formaçons como «mulleroa» ao lado de «patrona» quando sempre cremos serem ao contrário. Regista-se a forma «avoitre» em lugar de *abutre* obedecendo quer a um antirreintegracionismo patogénico quer a um desejo de adiantar com extraordinária precisom a iminência de umha evoluçom lingüística que derivaria na forma **avuitre* com um a protético, a todas luzes vulgar, como passo intermédio para a forma *definitiva e culta* «buitre». Isto só som alguns exemplos.

Se queremos que o galego seja a língua deste país nom podemos jogar ao folclorismo, ao reaccionarismo, ao acientifismo e ao descarado dispêndio do dinheiro público. Mais seriedade.

* Quando já este artigo estava composto apareceu, efectivamente *(La Voz de Galicia,* 24 de Abril) a primeira entrega de soluçons.

«I.as Jornadas de Didáctica da Cultura Galega»

Do 15 ao 19 de Abril celebrárom-se na Escola Universitária de Magistério, organizadas pola AGAL em colaboraçom com Caixa Ourense, estas I.as Jornadas. A salientar a grande assistência de público. O programa focava aspectos que vam desde a didáctica da Matemática, da Antropologia ou da Língua até questons históricas e literárias.

RECENSONS

Armando Cotarelo, *Trebón*[1]

O passado ano, dom Armando Cotarelo e Valledor foi o autor epónimo da celebraçom das Letras Galegas.

Com tal motivo, muitos fôrom os estudos e trabalhos que se publicárom; por suposto, nom todos da mesma calidade. O que si é induvitável é que a Real Academia, com a sua iniciativa, fomentou o conhecimento da obra de um dos autores mais interessantes da literatura dramática galega, provocando assi à sua vez a reediçom de algumha das suas peças, de forma que hoje o público interessado tem acesso a aquelas com toda a informaçom precisa.

Dizemos o de informaçom precisa porque um autor como Cotarelo Valledor tem que ser contemplado no panorama literário do seu tempo, nas suas coordenadas, e o leitor pode hoje achegar-se a el mercê a publicaçons como a que nos propomos comentar.

Esta reediçom de *Trebón* de Armando Cotarelo, preparada polo professor Ramom Reimunde Norenha, e publicada pola Associaçom Galega da Língua, é a terceira que se fai. A peça fora publicada em 1922 e 1923. Dentro da literatura galega do seu autor, *Trebón* foi a sua primeira obra dramática. Com anterioridade Cotarelo publicara *El Gabán,* mas pouca, por nom dizer nengumha, relaçom pode estabelecer-se entre ambas as obras. A língua, o tempo ou quem sabe que circunstâncias, separam *El Gabán* de *Trebón.* A ruptura é total, mas tras *Trebón* Cotarelo proseguirá escrevendo teatro, com exclusividade galego —ou bilingüe—: *Sinxebra* (1923), *Lubicán* (1924), *Hóstia* (1926), *Beiramar* (1931), *Mourenza* (1931) e mesmo *Ultreia,* ópera estreada, mas nom impressa.

Trebón é, pois, o ponto de partida para o estudo do teatro do professor Cotarelo, sem embargo nom é obra de um autor inexperto, porque Cotarelo, já desde os começos da sua carreira de escritor, manifesta os seus amplíssimos conhecimentos da literatura dramática e da estrutura teatral.

Por todo é de agradecer este tipo de ediçom que hoje comentamos. O passo dos anos e a situaçom actual do galego, as características do autor e a finalidade didáctica da ediçom aconselhárom a Ramom Reimunde a organizaçom e enfoque do volume, que consideramos um acerto.

O volume consta de duas partes: a obra propriamente dita, *Trebón,* em versom original confrontada com a versom ao galego moderno, e um «Estudo Preliminar».

Este «Estudo Preliminar» consta, à sua vez, de três partes: na primeira traça-se umha sintética biografia de dom Armando; na segunda fai-se umha análise do texto teatral; tras dela vem a terceira parte, na que se exponhem os critérios da ediçom.

Finalmente engade-se a bibliografia de Cotarelo, nom excluíndo-se a sua obra em espanhol, e assí mesmo a bibliografia de consulta para o estudo do autor e obra.

Por suposto, vai ser a segunda parte a que nos mereça maior atençom.

O método de aproximaçom à obra semelha-nos didacticamente ajeitado, válido para o estudo de Cotarelo e útil mesmo para o traslado ao estudo de outros literatos. Costa Marques (2) e Varela Jácome (3) som os autores aos que o professor Reimunde nos remete.

Hoje, cando ainda se discute a necessidade da interacçom da investigaçom da docência, um livro como o presente vem mostrar como se nos revela o professor nas suas publicaçons, a incorporaçom do glossário, etc., fam que este volume seja especialmente valioso para a docência. Nós temo-lo verificado incluíndo-o em lista de leituras encomendadas aos nossos alunos.

Vaia assi a nossa noraboa ao professor Reimunde, crítico, investigador, director de escena e professor que soubo espertar umha vez mais o entusiasmo do seu alunado numha montage e representaçom que patentizou o respeito, admiraçom e carinho do que nom todos os docentes som merecedores.

ZIVEGNA D'ASCOLI

---

(1) Ediçom, estudo e versom ao galego actual de Ramom Reimunde, Associaçom Galega da Língua, A Corunha, 1984.

(2) Costa Marques, F., *A análise literária,* Liv. Almeida, Coimbra, 1979.

(3) Varela Jácome, B. e outros, *Nuevas técnicas de análisis de textos,* Edit. Bruño, Madrid, 1980.

Sobre ortografia e morfologia do Galego

Por Leodegário A. DE AZEVEDO FILHO

Os princípios adotados e as soluções propostas pelo Instituto da Língua Galega e pela Real Academia Galega para a elaboração das *Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego**, a princípio discordantes, mas depois concordantes, foram recusados, em grande parte, por várias instituições culturais da Galiza, entre as quais a Associaçom Galega da Língua (AGAL) e a Asociaçón Sócio-Pedagógica Galega (AS-PG), por motivos mais ou menos coincidentes.

A partir do princípio de que a língua escrita deve continuar a língua falada, as citadas *Normas* propõem que o galego seja fiel a si mesmo, libertando-se das influências do castelhano e adotando soluções que se harmonizem com as línguas românicas em geral e com a língua portuguesa em particular. Veja-se: «Unha lingua común asentada na fala, pero depurada de castelanismos, supradialectal, enraizada na tradición, coherente e harmónica coas demais linguas de cultura». (op. cit., p. 8).

Portanto, a normalização do galego não deve sacrificar as suas características próprias e relevantes em benefício de nenhuma outra língua, embora o sistema luso-brasileiro (e não o sistema castelhano) deva ser o suporte natural para a discussão de pontos controvertidos.

Examinando-se, entretanto, os princípios teóricos estabelecidos com as normas propostas, não há dúvida de que, em vários pontos, as duas coisas se tornam incompatíveis. E isso porque, dessas *Normas*, afinal surgiu um galego de algum modo castelhanizado, não apenas no que se refere à ortografia, mas também no que se relaciona com problemas fonológicos e morfológicos.

Realmente, já na denominação das letras do alfabeto, difícil será aceitar o seguinte: *hache* e não *agá*, para a letra *h; cu* e não *quê*, para a letra *q;* e *ceta* e não *zê*, para a letra *z*. Nesse sentido, muito bem observa o professor Ricardo Carvalho Calero: «Do mesmo jeito que os diferentes dialectos do castelhano se escrevem coa mesma ortografia, ainda que a pronúncia andaluza, por exemplo, difere consideravelmente da burgalesa, caberia umha ortografia unificada para o ámbito galego-português, ainda que um falante compostelám, um falante lisboeta e um falante evorense manifestem tamém as suas peculiaridades na pronúncia». (De ortografia galega, A. C. Francisco Lanza (Ribadeu), *Dez anos de cultura galega*, 1982). Ao que acrescentamos: não se deve confundir, no caso, grafema com fonema, pois todos sabemos que a letra *z* (ze), em galego, se pronúncia [ɵ] interdental ou [s] nas áreas de seseo. Mas é claro que o nome da letra, em harmonia com o sistema luso-brasileiro, só pode ser *zê* e não *ceta*.

Ainda do ponto de vista ortográfico, as *Normas* a final adotaram o sistema de acentuação do castelhano (*serie, día* no lugar de *série, dia*), rejeitando ainda o uso do hífem na ligação dos pronomes átonos ao verbo: *cóntame* no lugar de *conta-me*. O mesmo em relação ao emprego dos dígrafos *-ll-* e *-ñ-*, no lugar de *-lh-* e *-nh-*, ao contrário da declarada harmonização com o sistema lingüístico luso-brasileiro. Assim, as *Normas* propõem: *muller, galiña*, no lugar de *mulher, galinha*. Quanto ao uso das letras *b* e *v*, a solução dada é também castelhana: *cantaba* por *cantava*, o mesmo ocorrendo em relação ao uso das letras *c* e *z*.

Por outro lado, o uso histórico e ainda hoje vivo, na língua falada, de *ó* (forma contracta) no lugar de *ao* (forma analítica) não significa que se deva propor, rigidamente, para a *língua escrita, ó* no lugar de *ao*. Nem se deve escrever, como ainda está nas *Normas, come-lo caldo* no lugar de *comer o caldo*, embora se possa dizer *comelo caldo* ou *comero caldo*.

Na morfologia, também por nítida influência castelhana, propõe-se: *amable* por *amável; -ción (-sión, -xión)* por *-çom (-som, -xom); -eria* por *-aria*, como em *romeria* por *romaria;* e *amaches* por *amache*, na segunda pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, o que é evidente vulgarismo.

O próprio nome *Galiza*, genuinamente galego-português, é substituído por *Galícia*, ao lado de outras soluções muito discutíveis em

* *Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego*. Vigo, Instituto da Língua Galega & Real Academia Galega, 1982 - 2.ª ed. 1983.

face da propalada harmonização com o sistema lingüístico luso-brasileiro, como é o caso de *dicir* por *dizer; tales* por *tais; mi padre* por meu pai; escribir por *escrever;* e assim por diante. A própria língua usada na exposição das *Normas,* está cheia de castelhanismos: *punto* por *ponto; aporte* por *achega; sonido* por *som; préstamo* por *empréstimo; empezar* por *começar; vocal* por *vogal; terquear* por *teimar; bendición* por *benzom; confesión* por *confessom; panaderia* por *padaria; sur* por *sul; patrón* por *padrom; caída* por *queda; de todos modos* por *de todos os modos; gustar* por gostar; estúdios por *estudos;* e assim por diante. Em tudo isso, se o propósito é o de limpar o galego de castelhanismos, evitando-se o castrapo, é claro que a língua adotada pelas *Normas* se torna muito contraditória.

Por tudo isso, a despeito de todos os estudos até aqui realizados, com empenho e seriedade, o problema da normalização do galego está ainda muito longe de encontrar uma solução plenamente satisfatória. E só nos resta, nesse sentido, lembrar a frase histórica de Castelao, em carta a C. Sánchez-Albornoz: «Desejo, ademais, que o galego se acerque e confunda co português». (*Grial,* 47, 1975). Fora daí, realmente, não vemos outra solução.

33 Aproximacións à Literatura e à Língua Galegas*

Por M. DUMBRIA

Dona Maria Pilar Garcia Negro e dom José do Barro Paz som docentes e estudiosos bem conhecidos entre nós polo seu meritório trabalho em ambos os dous aludidos eidos da nossa cultura. Formárom-se em Filologia na Universidade de Santiago, e nunca desmentírom as suas origes como graduados num Centro galego, que devia ser, que deve ser o principal viveiro de intelectuais da nossa terra.

O livro, produto da colaboraçom dos mencionados professores, que registamos hoje, é um conjunto organizado —um curso— de comentários de textos, que, de umha maneira prática, se propom fomentar o conhecimento da língua galega e a sua expressom literária partindo da literatura moderna, de que se elegem ajeitados fragmentos para sobre eles traçar umha sucinta e clara caracterizaçom do momento literário ou do autor escolheito em cada caso, e fazer logo umha análise lingüística que, à luz dos conhecimentos actuais, sublinhe as particularidades do escrito, indicando em que aspectos se deve considerar superado, errado ou discutível o uso do idioma que nel se manifeste. Umha liçom inicial sobre poesia popular, e duas finais sobre poesia trovadoresca prologa e fecham o discurso didáctico dos distinguidos professores.

Os textos estám reproduzidos, naturalmente, com toda fidelidade, e precisamente o feito de que nom estejam retocados, como tantas vezes se fai agora, lamentavelmente, entre nós, possibilita o verdadeiro comentário crítico-histórico. Estamos fartos e escandalizados de ver como se oferecem aos alunos de galego versons dos nossos escritores clássicos alterados para penteá-los segundo modelos de cabeleireiros oficiais dos que aqueles autores nom tivérom notícia. Os responsáveis do livro que comentamos nom caírom em prática semelhante, e somente se permitírom adaptar a acentuaçom gráfica dos textos às normas que eles mesmos adoptam para a sua exposiçom. Cremos que igual liberdade poderiam ter-se permitido cos signos de pontuaçom, que em bastantes textos —como, para começar, no soneto de Pintos que figura na página 18— estám usados com insuficiente precisom, ou com notório desleixo, nos originais. No entanto, tamém é admissível o critério de respeitar as anomalias de pontuaçom —como as gráficas em geral— para fornecer um texto «fotograficamente» reproduzido, sobre o qual discutir oralmente na aula em verbo das suas deficiências.

As observaçons gramaticais, tanto descritivas como normativas, que, quando procedem, se formulam sobre os anacos escolhidos, podem ser de grande utilidade aos estudantes de galego. Claro está que nalguns casos cabem critérios distintos para discernir o normal do desviado da norma. E, com certe-

---

* *33 Aproximacións à Literatura e à Língua Galegas.* M.ª Pilar García Negro, José M.ª DoBarro Paz. Ediciós do Castro, Sada, A Corunha, 1984.

za, cabem distintas images do que deveria ser o galego normal. Aprovamos a flexibilidade que os autores despregam por via de regra. Quase sempre estamos conformes coas suas calificaçons de certos termos como vulgarismos, castelhanismos ou hiperenxebrismos, e co elenco de formas consideradas correctas. Estas som para nós as elaboradas polo galego espontaneamente, antes de que actuasse sobre el de forma irresistível a pressom do idioma oficial. Por isso, se como dim os professores Garcia e do Barro (pág. 89), «o galego anterior á colonización española eliminaba o iode: *nazón, estazón, constituzón*», nom se deve, ao nosso juízo, renunciar à reivindicaçom da forma autêntica. «Este iode sen dúbida por influxo do español, recuperouno o galego moderno na maior parte dos casos» (ibidem). Estamos conformes, sempre que se entenda por galego moderno o galego oral posterior à castelhanizaçom. Mas por isso mesmo parece-nos fora da doutrina que compartimos a afirmaçom de que «hoxe debemos escreber: *nación, estación, constitución*». Cremos que a recuperaçom das formas históricas fai parte da «redençom da boa naçom de Breogám», de acordo com Pondal, que, se bem sem constância, usou essa morfologia, e nom menos Rosalia, que, por tê-lo ouvido —e ainda se ouve—, escreveu *devoçón, embarcaçón, adoraçón, tentazón, recordazón, condiçón, emigrazón, desesperazón, atraisón, traizón,* ao lado de versons com iode restabelecido, porque a maioria das palavras em questom som cultismos introduzidos como incrustaçons do castelhano. Comprendemos que razons de método aconselhem certa permissividade graduada neste ponto —como noutros muitos—, mas nom cremos que devamos repor o iode como normativo, tanto mais quanto que, sobre todo em zonas de sesseio, ouvem-se ainda muitas palavras patrimoniais com iode absorvido.

Praticamente, subscrevemos toda a doutrina gramatical —inclusive ortográfica— exposta ou suposta neste livro, ainda que nom apareça aplicada por inteiro, ao menos na ortografia, cremos que por motivos tácticos, que respeitamos e mesmo comprendemos. Se é aceitada a doutrina pidaliana e castelaína da unidade do sistema lingüístico, a convergência tem que se produzir, mais cedo ou mais tarde, com mais ou menos precisons ou matizes.

Poemas de Paris e outros poemas*

Esta é a primeira publicaçom dos *Cadernos do Povo,* promovidos pola Associaçom Sócio-Pedagógica Galaico-Portuguesa, a Associaçom Pedagógica Jornadas do Ensino de Galiza, as Irmandades da Fala e Associaçom de Amizade Galiza-Portugal. Oxalá essa conjunçom de forças editoriais coalhe num labor sostido e frutífero.

O autor descreve-nos o seu próprio livro em palavras preliminares deste teor:

«Nestes *Poemas de Paris e outros poemas,* reflexom sobre cousas de todos nós, galego-portugueses, habitantes das terras atlânticas da Península Ibérica, coexistem, com o amor à Terra que nos é próprio, o lirismo, a saudade e mesmo o humorismo, características constantes da lírica galaico-portuguesa, vinculadas à cultura europeia. Poemas de amizade, poemas para os amigos [...] Poemas nascidos na encruzilhada do tempo que nos tocou viver, querem ser reflexom galego-portuguesa sobre o mundo, se isso é possível, ou na medida em que isso for possível. Sem amizade, sem amigos, nom teriam razom de ser» (1).

Até aí as palavras do autor. Vam duas vírgulas da nossa própria minerva (2).

O que nós vemos principalmente no livro é: a respeito da forma métrica, libérrima organizaçom dos vesos; a respeito da execuçom, elevaçom tonal correspondente ao entusiasta pulo que gera os poemas; a respeito da temática, domínio do motivo cívico; a respeito da ideologia, progressismo e nacionalismo. Nom vemos muito lirismo no sentido de expressom de sentimentos subjectivos; o que registamos mais bem é formulaçom hímnica de carácter coral. Mais que saudade, achamos sentimento afervorado de combate. E o humorismo parece-nos ausente.

Divide-se o livro em duas partes: os poemas de Paris e os titulados «Terra de ninguém (da liberdade e outros poemas)». Contamos trinta e dous no primeiro grupo, que tomam como ponto de partida um monumento ou um lugar de Paris —os dous últimos, Paris

---

* *Poemas de Paris e outros poemas,* J. L. Fontenla Rodrigues. Cadernos do Povo/Poesia. 1985.

(1) *Poemas de Paris,* p. 10.

(2) Som as que seguem às palavras *Ibérica* e *viver,* que acho menos no original, quiça por gralha ou inadvertência.

mesmo na sua totalidade: ambos intitulam-se «Paris»— que dá nome ou rúbrica ao poema: «Praça das Pirâmides. Estátua de Jeanne d'Arc», «Le Pont d'Iena», «Place des Vosges», «Pont Alexandre III». «Pont des Arts. L'Île Saint-Louis», «Les ponts de Paris: Le Pont Mirabeau»... Um pouco divergente dentro desta tópica é o título *Spleen em Paris*. Entre estes trinta e dous poemas contamos cando menos vinte e um que se sujeitam a um esquema comum, o qual abrange dous membros. O primeiro está constituído por umha invocaçom apostrófica ao lugar que dá nome ao poema. O segundo é umha consideraçom de orde moral de carácter filosófico-político que reflecte um pensamento progressista ou galeguista, às vezes simplesmente um pensamento sobre a vida humana.

Jardin des Tuileries

Estátuas das Tuileries,
damas pousadas sobre a erva
espidas noite e dia:
Pomona, Vénus,
Dor, Ar, Verão...,
surpresas de bronze
no abrente do amanhã.
Nos jardins da saudade
qual é a diferença
entre tristezas e alegria? (3)

O resto dos poemas desta primeira parte afastam-se mais ou menos deste esquema, mas sempre se apoiam numha visom de Paris para epigramizar filosófica, sociológica ou patrioticamente, ainda que o lugar de que o poeta parte nom seja personificado como destinatário imaginário de um apóstrofe.

Muitos destes poemas levam um lema, geralmente em francês, tomado de um escritor —francês ou nom— e vam dedicados a algum amigo do autor —às vezes a umha parelha de amigos. Todos vam completados por umha «didascália» em prosa que dá notícias pertinentes em verbo do ponto ou monumento sobre que o poema está construído.

Os poemas da segunda parte, maiormente louvanças e reclamos de liberdade ou pátria, estám fora do esquema indicado, mas estilisticamente e ideologicamente som afins aos da primeira parte. Tamém vam dedicados muitos deles. Nom levam «didascália» nengumha.

Algo poderíamos dizer sobre a norma lingüística a que os textos se sujeitam. Nalguns aspectos aproxima-se mais do usual à do português normativo: *sensações, amanhã, verão*. Se os plurais do tipo *pavilhões* som constantes, dominam os singulares do tipo *libertaçom, prisom, leilom*.

O livro foi composto, impresso e brochado nas Oficinas Gráficas de Barbosa e Xavier, de Braga. Cumpriria-lhe um índice mais pormenorizado, onde figurasse referência a cada um dos poemas.

De excelente apresentaçom, este interessante volume pode encabeçar umha colecçom que desejaríamos mui próspera.

P. F.

(3) *Ob. cit.*, p. 22.

Letras Galegas

Por Aurora MARCO

A Associaçom Galega da Língua acaba de publicar um novo livro, na colecçom «Universália», intitulado *Letras Galegas* da autoria do professor Carvalho Calero (1).

Reúnem-se neste volume quarenta e quatro trabalhos, a maior parte dos quais já foram publicados com anterioridade, ainda que haja alguns inéditos. Trata-se de artigos, conferências, alguns prólogos de livros e discursos, que agora, felizmente, aparecem coleccionados neste volume que publica a AGAL.

Letras Galegas estrutura-se em duas partes. Na primeira, de menor extensom que a segunda, recolhem-se alguns trabalhos sobre

(1) Carvalho Calero, R., *Letras Galegas*, Associaçom Galega da Língua, A Corunha, 1984.

(2) *Problemas da Língua galega*, colecção Noroeste, Sá da Costa Editora, Lisboa, 1981. *Da fala e da escrita*, Galiza editora, Ourense, 1983.

problemas de língua e outros de índole vária. Ainda que os temas preferentes do livro tocam questons literárias, o leitor interessado nos problemas da nossa língua achará alguns artigos que seguem a linha dos pulicados em *Problemas da língua galega* e *Da fala e da escrita* (2). Carvalho sublinha neles o carácter ocidental do galego segundo a clássica doutrina de Menéndez Pidal sobre a formaçom das línguas románicas na Península. As argumentaçons que sustentam estas teses expom-nas o autor nos artigos «A fala do escritor galego» (p. 13-20), «O português na Galiza» (p. 21-26), «Evoluçom histórica da língua galega» (p. 27-33) e «Umha história clínica» (p. 137-139), onde com critérios científicos —o debate actual sobre o galego deve basear-se em argumentaçons científicas— defende as teses reintegracionistas.

E cumpre reflexionar sobre algumhas frases bem ilustrativas deste pensamento: «os moços que ainda sentem latejar nos seus pulsos o sangue de Castelao, sabem que o galego nom é um bable ilhado no mundo cultural, e que só pode remoçar-se e viver em ósmose fecunda com as formas do iberorrománico que outrora promoveu e que tenhem umha transcendência universal. Só esta concepçom generosa da nossa língua, em que a história e a geografia estám presentes, pode dotá-la de razom prática suficiente para chegar a ser a língua normal dos galegos» (3).

Esta primeira parte completa-se com outros trabalhos de temática diversa, embora os mais deles abordem questons literárias: «A presença dos Seminários da Igreja na literatura galega» (p. 67-75), «Discursos parlamentários» (p. 77-84), «Figuras representativas da literatura galega actual» (p. 85-93), «Teatro galego actual» (p. 95-111), «Quinze anos em Lugo» (p. 113-121), «Ferrol na cultura galega» (p. 123-126), «Louvança do vinho do Ribeiro» (p. 127-131), «Fantasia galega» (p. 133-135) e alguns mais até completar um total de dezasseis.

Tem-se sublinhado, mui acertadamente, como em Carvalho está sempre presente a sua faceta de escritor, chegando em muitos casos a fundir-se a crítica coa literatura (4). Com efeito, ao lado dos trabalhos em que se manifesta o historiador, o crítico literário, de estilo claro e elegante, achamos em *Letras Galegas* —o mesmo que em outros livros deste tipo— trabalhos que constituem autênticas peças literárias. E assi, por exemplo, o discurso que pronunciou Carvalho, como pregoeiro, na XVII Feira do Vinho de Ribadávia, converte-se numha primorosa «jóia» literária, quando o escritor fai a louvança e exaltaçom do «alegre dom de Baco, que desata o riso da mocinha viçosa e acende umha faisca de vida nos olhos do petrúcio vedraio» (p. 129).

A segunda parte do livro contém vinte e oito trabalhos que focam aspectos da nossa literatura, destacando —pola extensom no tratamento— os dedicados a Rosalia, Castelao, Amado Carvalho e Cunqueiro.

Carvalho Calero, especialista na obra rosaliana a quem tem consagrado muitas páginas, volve de novo a tratar aspectos pontuais da obra de Rosalia: «A poética de *Folhas Novas*» (p. 143-152), «Sobre o sentido das inovaçons métricas de Rosalia de Castro» (P. 143-52), «E en vano oyes d'o mundo», inédito em que o autor aponta a leitura correcta da forma *oyes*, interpretada erroneamente em algumhas ediçons (p. 161-165). Tamém os intitulados «Rosalia e Freud» (p. 167-169) e «Um certo feminismo», comentário do autor ao livro «*Cartas a Rosalia* de Teresa Barro (p. 171-173).

Isto mesmo acontece com Castelao, de quem tanto tem escrito tamém Carvalho. Neste livro hai cinco artigos sobre esta grande figura da cultura galega. Três deles sobre a peça *Os velhos nom devem de namorar-se*, em que analisa —co rigor e lucidez já conhecidos— a temática, a estrutura, as fontes literárias, o estilo e a língua desta magnífica obra teatral. Em «A fala com Castelao» (p. 255-259) evoca um pormenor da vida política do rianjeiro: o frustrado nomeamento para representar o Governo da República na República Argentina, incidência bem conhecida por Carvalho Calero. «Um livro sobre Castelao» (p. 261-267) é umha ampla recensom que se publicara em *Grial* com motivo da apariçom de *Castelao na luz e na sombra*, de Valentim Paz Andrade.

Do novecentista Amado Carvalho incluem-se no volume dous trabalhos, «Luís Amado Carvalho» (p. 269-272) e «Riscos de Amado Carvalho» (p. 273-277), sublinhando no primeiro a indigência de informaçom bibliográfica sobre este escritor, de grande impacto na literatura galega, que exerceu umha enorme influência nas geraçons posteriores.

E Cunqueiro, bem conhecido polo autor de *Letras Galegas* —os dous pertencem à geraçom do «Seminário de Estudos Galegos»—, é objecto de estudo neste livro que comentamos. Ao escrito sobre Cunqueiro e a sua obra em *Historia da literatura galega contemporánea* e *Libros e autores galegos, II*, hai que incorporar três artigos mais que agora se publicam em *Letras Galegas:* «O *Hamlet* de Cunqueiro» (p. 289-293), «Histórias e historietas»

---

(3) *Letras Galegas, cit.* p. 20.

(4) Lorenzana, Salvador, «A figura e a obra de Carballo Calero», *Grial*, n.º 70, Vigo, 1980. Blanco, Carmen, «A crítica literaria de Carballo Calero», *Grial*, n.º 84, Vigo, 1984. Herrero, Aracéli, «Libros e autores galegos I e II», Agália, Revista da Associaçom Galega da Língua, n.º 1, A Corunha, 1985.

(p. 293-297) e «Com Cunqueiro em Mondonhedo» (p. 297-301), em que lembra certas passages biográficas dos dous escritores, evocadoras da amizade que os uniu.

Outros trabalhos que configuram esta segunda parte dedicam-se a Curros Henríquez, Leiras Pulpeiro, Cotarelo Valhedor, Vilhar Ponte, Salvador Mosteiro, Vitoriano Taibo, Rafael Dieste, Diaz Castro, Vergílio Ferreira e Bernárdez Vilar.

O livro conclui com um artigo intitulado «Sobre o seu teatro» (p. 321-330), conferência pronunciada polo professor na Escola Dramática Galega sobre o seu próprio teatro.

Patenteia-se, mais umha vez, com a publicaçom de *Letras Galegas* que Carvalho Calero é o nosso crítico literário por excelência. É, para sermos mais exactos, o fundador da crítica literária galega. Como já apontava Fernández del Riego em «A figura e a obra de Carballo Calero» (*vid.* nota 4): «Leendo as suas páxinas, bótase de ver que quen os escribíu é un autor ao que convén releer e consultar. Por que non hai dúbida de que os bós críticos son tan escasos como os bós artistas. Cada xeneración produce uns poucos, e podemos decir que Carballo é un deles».

Letras Galegas é um livro que vai contribuir, sem dúvida, a aclarar conceitos, desvanecer prejuízos e fomentar o conhecimento da nossa língua e literatura.

Umha antologia da lírica medieval*

Por Francisco SALINAS PORTUGAL

A nossa lírica medieval, incontestável criaçom artística da época, constitui sempre um motivo de interesse e fonte segura de emoçom estética.

E é reconfortante encontrarmos textos como a presente antologia que, no nosso entender, colocam a lírica trovadoresca numha perspectiva histórica que nom esquece, antes possibilita, a apreciaçom literária dessa lírica; e, isto último, polo infreqüente, é preciso sublinhá-lo.

Muitas vezes a literatura medieval tem servido como campo de discusom filológica e os seus produtos utilizados como depósitos lingüísticos ou mesmo sociológicos que tenhem desviado a atençom do seu carácter fundametalmente literário. A obviedade desta afirmaçom parece nom ter sido compreendida por moitos científicos e eruditos, convertendo-se o que «a priori» é lícito e mesmo necessário (a análise lingüística, filológica, etc.) no fim mesmo dos estudos medievais malformando às vezes o público leitor que fugirá dessa literatura, privando-o assi do disfrute, da emoçom que o texto arquitecturalmente perfeito pode produzir.

Isto vem ao caso porque esta antologia que resenhamos consegue, partindo dum trabalho filológico importante, primar o aspecto literário das cantigas.

A «Apresentação crítica» com que se inícia o volume, da responsabilidade de Elsa Gonçalves, é, na sua brevidade, um modelo de síntese, rigor e sensibilidade; características que justificam por si sós o interesse do livro.

Síntese dos moitos problemas que a lírica trovadoresca nos pom, quer a nivel codicológico, quer retórico ou histórico. Rigor porque a autora parte dum conhecimento sobejamente demostrado, do material co que trabalha e nada é deixado ao acaso: do problema da tradiçom manuscrita à fixaçom dos géneros. Sensibilidade porque Elsa Gonçalves sabe delimitar, embora pola brevidade só seja de maneira fugaz, a questom prioritária dos géneros e as particularidades poéticas individuais; sabe contextualizar os textos como umha maneira de melhor poder entendê-los/disfrutá-los.

Pensamos que esta «Apresentação...» dá-lhe a qualquer leitor os instrumentos indispensáveis para se adentrar polo deslumbrante espaço poético dos textos seleccionados.

O carácter literário da antologia completa-se coas «Linhas de leitura» que acompanham a maioria dos textos, que sem serem sempre originais, tem a vantage de escolher entre as interpretaçons possíveis que até agora se tenham feito a que a autora considera mais ajeitadas e com as que concordamos na maioria dos casos. Só por citar um exemplo podem-se ver entre moitos a de Joam de Baveca (n.º 57) ou a de Martim Codax (n.º 68-74).

Estas «Linhas de leitura» polo seu carácter didáctico, excessivo nalguns casos, creo, podem produzir a sensaçom dum certo dog-

matismo e frialdade críticas, mas devemos comprendê-las considerando o público prioritário ao que van dirigidas e que, em boa medidad, as justifica.

Dentro do bom critério seguido na selecçom dos textos haveria ainda que indicar o relativo equilíbrio entre os três géneros profanos o que revaloriza para o leitor de hoje a «cantiga de amor» que nom goza de excessivo entusiasmo no nosso tempo, se a compararmos coa cantiga de amigo e mesmo coas satíricas, desfavor que nom obedece à realidade e que a selecçom feita ajuda a pôr no seu lugar.

Porém, os textos medievais apresentam as dificultades lingüísticas dumha época que fica moi longe do estádio actual da língua, quer da norma galega, portuguesa ou brasileira; por isso aquela síntese e rigor das que falávamos a propósito da parte literária imo-las encontrar novamente na «Nota lingüística», no «Glossário» e na transcriçom dos textos, da autoria de Maria Ana Ramos. É umha pequena gramática, talvez um pouco excessiva, a que aqui se nos oferece dumha maneira extremadamente pedagógica e clara e que de certeza ajuda à compreensom lingüística dos textos, passo prévio imprescindível para apreciar o valor literário dos mesmos.

Algumhas discrepáncias que poderíamos ter afectam fundamentalmente a interpretaçons literárias polo que pensamos nom desvalorizam em absoluto o trabalho das autoras. Porém permitimo-nos sugerir a correçom, em ediçons futuras, de topónimos galegos que aparecem castelhanizados na sua transcriçom como El Ferrol, por Ferrol; Orense, por Ourense e Santa Maria de Barxeles por Santa Maria de Vargés.

Em definitiva, saudamos esta ediçom da «*Lírica galego-portuguesa*» que será, no caso galego, de grande utilidade, nom só nos meios escolares, senom tamém para todas aquelas persoas que quixerem dispor dum repertório significativo da nossa lírica medieval e descobrir nel o prazer da autêntica literatura.

(*) *A lírica galego-portuguesa.* Apresentação crítica, selecção, notas e sugestões para análise literária de ELSA GONÇALVES. Critérios de transcrição, nota lingüística e glossário de MARIA ANA RAMOS, Edt. Comunicação, Textos Literários, Lisboa, 1983.

Livros recebidos

Ernesto Guerra da Cal, *Futuro imemorial (Manual de Velhice para principiantes).* Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 1985.

Nada nos agrada mais que iniciar esta secçom de *Livros recebidos* com umha obra do professor Guerra da Cal, membro de honra da AGAL, que começa com este livro o seu caminhar como poeta em português.

Nota da Redacçom: A Redacçom da Revista reserva-se o direito de publicaçom das cartas que cheguem a nós, assim como a possibilidade de publicar um resumo das mesmas segundo a disponibilidade de espaço.

As opinions contidas nesta secçom pertencem exclusivamente aos seus autores.

Parasitas do Galego

Sr, sei o que digo, porque consulto os dicionários (*Parasita, Parasito:* aquel que come ou vive de outrem, aquel que associado a outro ser vivo o perjudica de calquer modo). E hai-nos que parasitan do galego. Nom digo o galego como home, que por suposto sofre parasitos desde sempre. Já no século passado Valentim Lamas Carvajal o indicava na capa do seu livro *Catecismo Labrego* (1889) onde um camponês «marcha camiño do Calvário, levando sobre do lombo a pesada cruz das suas calamidás e disgrácias. Atado polo pescoso cunha corda da que turra un ministro (eclesiástico), vai escoltado por un xeneral e un señor. Todos tres fan co infeliz Xan Paisano o oficio que fizerom os xudios con Noso Señor». Refiro-me ao que segue à língua tam curiosa que ainda falam alguns indígenas desta reserva do noroeste peninsular, o galego-português, se querem melhor.

E haver hai-nos, que parasiteam da língua galega. Hai-nos que comemos dumha nómina estatal de funcionários, como professores de galego sem convicçom, sem amor polo nosso trabalho, só por cobrar um salário ao fim de mês e ter um emprego seguro. Hai-nos que nos aproveitamos disto, à conta do galego, para dar cursinhos extra que a Junta ou alguém proporciona aos amiguinhos do Instituto da Língua Galega (200.000), para publicar os nossos trabalhinhos nos jornais que pagam (10.000), para publicar os nossos livrinhos em editoras que se submetem à normativa oficial para ser subvencionadas pola Yunta (digo, Xunta, nom sei, de «yugo»...) (300.000 livro).

Hai-nos que falam galego na televisom, porque som portavozes, porque lhes vai bem e ganham com isso, no «telexornal» que é um jornal bem cativo de meia hora. Hai-nos que escrevem livros e artigos nesta língua desde que o galego é rentável ($). Hai-nos que recebem prémios injustos nos concursos literários, em metálico (500.000) só por ser da «quadrilha» e ater-se à norma imposta, mentres outros que empregam bom galego, nada.

Hai-nos que politequeam com subvençons das conselharias de Cultura e Educaçom (2.000.000), vídeo para aquel amiguinho (500.000), concessom de ajuda para estoutro (250.000), potenciar tal obra de teatro (5.000.000), tal investigaçom (500.000), tal associaçom de escritores (3.000.000), tal revista (1.000.000), tal e tal, a chupar do galego ($).

Hai-nos que sugan e sorbem da nossa cultura, dessa cultura que se fai em galego porque é folclórica, costumista, muito popular e progessita, recitais, teatro, poesia, até cinema, música, exposiçons, apresentaçons, ainda que o galego nom importe mais que economicamente ($).

Hai-nos, e hai-nas, micróbios, bactérias, vírus, parasitas, que comem e vivem do galego, sem tê-lo usado nunca por convicçom e galeguismo na vida. Administrativos que se examinam de galego nas oposiçons autonómicas para ter um soldinho toda a vida ($), com recomendaçom e todo que despois hai que pagar ao partido no poder ($). Esses estudantinhos que lhes interessa o galego só para aprovar; esses universitários que usam o galego por snobismo, por diferenciar-se, porque é muito «progre». Esses professorzinhos tam sábios que nom podem expressar-se em língua vulgar do país, só para certos «chistes» cando lhes vem bem e ganham algo ($). E hai-nos mais «gordos», como pulgas (*Pulgas:* insectos dípteros, ápteros, saltadores, parasitas, agentes inoculadores dalgumhas graves doenças), pulgons, piolhos (*Piolhos:* insectos hemípteros, pertencentes à família dos Pedicúlidas), que comem e engordam chupando desse pobre galego parasitífero. Esses políticos pre-electorais que falam galego antes das eleiçons, esses membros do Parlamento e cargos da Yunta (ou La Junta, nom sei) que utilizam o galego cando o sabem, esses alcaldes que se fam os simpáticos e populares em galego, esses catedráticos de universidade, delegados, directores, em fim, os de soldos altos polo assunto público ($) que o que menos lhes importa é o galego, pero que o utilizam por conveniência própria ($), por utilitarismo ($), por imagem e pose ($), por interesse mercantil e pecuniário ($$$). E todos esses organismos, entidades, companhias, que levam indecentemente a letra G nas suas siglas (de Gallega ou Galle-

go, nom Galego), falso reclamo comercial de «denominación de origen», que dá bom dinheiro ($) e significa calidade. Essas editoras multinacionais que se ponhem as botas vendendo livros en galego como churros para o ensino ($$$). Esses livreiros que vendem obras em galego como se fosse em chino, com tal que dê cartos ($), e nom digamos os letreirinhos comerciais, as pegatinas, os almanaques da Caixa, os spots publicitários em galego ($).

E hai quatro infelizes que luitam desinteressadamente polo galego, que o defendem como podem desde a sua ignoráncia ou o seu saber, ingenuamente, que o falam, escrevem, propagam, como língua própria, e que precisamente som os únicos que nom se lhes ocorre que se podiam aproveitar dessa língua e viver tam ricamente. Som uns parvos, porque nom querem fazer o paripé de escaralhar-se vivos com quatro contos nesse «gallego» popularote e espesso de taberna, contestar umha entrevista sindical, escrever o artigo dominical no jornal progre-provinciano, fazer um maravilhoso livro sobre Caldas de Randim ou o pregom das festas. Parvos e fatos porque crem na utopia do galego, de pensar que hai que defender de verdade esta humildíssima língua de lavradores e marinheiros, de operários suburbanos, de classes médias rurais, de velhos trovadores medievais, de Rosalia, de Castelao, que pensam que nom avonda co de «fala-lhe galego» do cartaz (e assovalha em galego?, e comércia em galego?, e cobra em galego?, e margina em galego?...), e dim que hai que chorar, e rir, e trabalhar, e jogar, e escrever, e fazer o amor e viver em galego. Hai-nos, si, que nom som parasitos. Para eles saúde e bençom.

Mas, sei-no eu, hai-nos a centos que desde hai sete anos papam à conta do galego ($), que comem e vivem de algo que nem falam nem sentem nem som, por utilitarismo ($).

Para esses o meu nojo, este cuspe antibiótico que lhes cuspo, esta raiva e dor insecticida, esse ZZ que verte o máis profundo ódio de que foi capaz o coraçom.

R. REIMUNDE (Lugo)

CORRIGENDAS (advertidas) a realizar no n.º 1

Pág.	Onde di	Deve dizer
83	Vou na nave direcçom do sul	Vou na suave direcçom do sul.
85	Perfeitamente estranha a mim mesmo	Perfeitamente estranha de mim mesmo.

Também queremos pedir desculpas a Albano Martins polos erros tipográficos que aparecêrom nos seus poemas, assi como a todos os outros autores em cujos trabalhos se achem erros.

AGÁLIA

Revista da Associaçom Galega da Língua

Assinatura por um ano (quatro números): Península Ibérica ..... 2.000 Ptas.
Resto do Mundo ..... 2.500 Ptas.

NOME .....

MORADA .....

.....

LOCALIDADE ..... PAÍS .....

DATA ...../...../..... ASSINATURA

Queiram considerar-me assinante da revista AGÁLIA a partir do número ..... inclusive, efectuando o pagamento por meio de:

- ☐ Transferência bancária à conta corrente n.º 942/3 da Caixa de Aforros Provincial de Ourense (Suc. de Calvo Sotelo), especificando claramente nome, apelidos e endereço do novo assinante.
- ☐ Talom bancário nominal adjunto a nome da AGÁLIA.
- ☐ Giro postal ou giro urgente n.º .....

A G A L ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA

FOLHA DE INSCRIÇOM (Cubra-se com letra clara)

Nome e apelidos .....

D.N.I. ..... Profissom .....

Endereço (Rua, Praça) .....

Vila, Cidade ..... País ..... Tfno. (.....) .....

Data de nacimento ...../...../..... Quota Anual/Trimestral/Mensal

Modo de pago: Ingresso directo na c/c núm. 06566121 (Caixa Postal de Ourense). Cando se pague por ano (2.400 ptas./1.200 ptas. ou 300 ptas.) pode domiciliar-se. A tal efeito roga-se enviar: núm. de c/c, Banco, Sucursal e localidade.

Quotas: **Normal:** 200 ptas./mês; 600/trimestre; 2.400 ano.
Estudante: 100 ptas./mês; 300/trimestre; 1.200/ano.
Menores: 25 ptas./mês; 75/trimestre; 300/ano.
Parados: nada, mentres dure a situaçom de paro.

AGÁLIA

Revista da Associaçom Galega da Língua

Administraçom: Apdo. 453 - 32080 Ourense
Redacçom: Apdo. 560 - 15080 A Corunha

GALIZA

AGAL

Apdo. 453

32080 OURENSE
GALIZA

Publicaçons da Associaçom Galega da Língua

- *Colecçom «Universália»*

  Dialéctica do Desenvolvimento. Naçom, Língua, Classes Sociais, (Lôpez-Suevos Fernández, Ramom), 1983.

  Estudo Crítico das Normas Ortográficas e Morfolóxicas do Idioma Galego (Comissom Lingüística da Associaçom Galega da Língua), 1983.

  Letras Galegas (Ricardo Carvalho Calero), 1984.

  Prontuário ortográfico galego (Comissom Lingüística da Associaçom Galega da Língua).

- *Colecçom «Clássicos»*

  Trebón, Ediçom, Estudo e Versom ao Galego Actual de Ramom Reimunde (Cotarelo Valhedor, Armando), 1984.

  Rosalia de Castro, *Folhas Novas,* Ediçom e notas de E. Souto Presedo; prólogo de F. Salinas Portugal.

- *Colecçom «Criaçom»*

  A Luz Ressuscitada (Manuel Maria), 1984

Em breve:

Actas do I Congresso Internacional da Língua Galego-portuguesa na Galiza (AGAL).